

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

ANÁLISE DA ARGUMENTAÇÃO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS EM ENSAIOS
ACADÊMICOS

RECIFE
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

DOWGLAS AMORIM DE LIRA

ANÁLISE DA ARGUMENTAÇÃO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS EM ENSAIOS
ACADÊMICOS

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de mestre em Psicologia Cognitiva.

Orientadora: PhD. Selma Leitão.

Área de Concentração: Psicologia Cognitiva.

Linha de Pesquisa: Comunicação oral e escrita.

RECIFE
2015

Catálogo na fonte
Bibliotecário Rodrigo Fernando Galvão de Siqueira, CRB-4 1689

L768ac Lira, Dowglas Amorim de.
Análise da argumentação de estudantes universitários em ensaios acadêmicos / Dowglas Amorim de Lira. – Recife: O autor, 2015.
204 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Selma Leitão.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH.
Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, 2015.
Inclui referências e anexo.

1. Psicologia Cognitiva. 2. Argumentação. 3. Ensaio. Leitão, Selma (Orientadora). II. Título.

153 CDD (22.ed.) UFPE (BCFCH2015-64)

FOLHA DE APROVAÇÃO

DOWGLAS AMORIM DE LIRA

ANÁLISE DA ARGUMENTAÇÃO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS EM ENSAIOS
ACADÊMICOS

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação em
Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de
Pernambuco para obtenção do título de mestre em
Psicologia Cognitiva.
Orientadora: PhD. Selma Leitão.

Área de Concentração: Psicologia Cognitiva.
Linha de pesquisa: Comunicação oral e escrita.

Aprovada em 23 de fevereiro de 2015

Banca examinadora

Phd. Selma Leitão Santos
Instituição: UFPE

Assinatura: _____

Dra. Isabel Cristina Michelan de Oliveira
Instituição: UFS

Assinatura: _____

Dra. Maria Cristina Caldas de Camargo Lima Damianovic
Instituição: UFPE

Assinatura: _____

RECIFE
2015

Todo estudante, gostando ou não, deve ter sempre ao seu lado uma garrafa de café, um livro com poemas do Pessoa ou do Quintana, um telefone com “internet” móvel e um amor-amigo para compartilhar todas as angústias. [Grifos da agenda pessoal de 2015]

Poeminha do Contra

 Todos esses que aí estão
Atravancando meu caminho,
 Eles passarão...
 Eu passarinho!

Mario Quintana

 Quem me dera que eu fosse o pó da estrada
E que os pés dos pobres me estivessem pisando...
 Quem me dera que eu fosse os rios que correm
 E que as lavadeiras estivessem à minha beira...
Quem me dera que eu fosse os choupos à margem do rio
 E tivesse só o céu por cima e a água por baixo. . .
 Quem me dera que eu fosse o burro do moleiro
 E que ele me batesse e me estimasse...
 Antes isso que ser o que atravessa a vida
 Olhando para trás de si e tendo pena

Alberto Caeiro, in "O Guardador de Rebanhos - Poema XVIII"

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a Adilza Maria e Josias Pereira (pais), Maísa Amorim (irmã), Davi Amorim (amor recém chegado, guerreiro, menino de luz, sobrinho/filho), Henrique Balbino (companheiro), Renê Marcelino (amigo) e Tany Moura (em memória) pelo par de óculos. A todos eu dedico o meu mais singelo sorriso.

AGRADEIMENTOS¹

Agradeço a Deus e aos Espíritos de Luz por toda força e proteção;

Aos meus pais, Josias Pereira de Lira e Adilza Maria Amorim de Lira, meus maiores mestres;

A minha irmã Maísa Amorim por todos os puxões de orelha e pelo sobrinho Davi que me preenche de alegria a cada riso e/ou careta manifestada em sua face;

A Selma Leitão pela orientação e por ter me recebido, em seu grupo de pesquisa (NupArg), em um momento tão delicado em minha vida acadêmica;

Aos meus eternos amigos de graduação Rafaela Andrade, Jucileide Juliana, Juliana Santana, Hugo Leonardo e Elias Coelho, por todas as nossas aflições e anseios sempre compartilhados;

Às professoras da qualificação Sandra Ataíde (UFPE) e Rosangela Francischini (UFRN), pela contribuição com seus, apuradíssimos, comentários;

A Renê Marcelino por, um dia, ter tido comigo uma conversa que mudou toda uma história de vida, culminando na realização de um sonho pessoal e profissional;

Às meninas Aurislane (Lane), Lívia (Livinha), Liviane Leandra (Preta), Andreza Cíntia (Dê) e Natácia (Naty), por terem que, forçosamente, entendido minhas ausências;

A Jemyson Henrique por todo companheirismo apresentado ao longo de nossa relação. É ele que me oferece o braço direito, o braço esquerdo e, no melhor disso tudo, o fechamento de ambos ao redor do meu corpo em um forte abraço, seguido de uma oração doce e carinhosa. “Tem calma Bê, vai dar tudo certo”... olho a minha volta e ele já se encontra dormindo novamente, sono fácil. Busco mais um café!!!

¹ Agradeço ao CNPq pelo apoio financeiro concedido durante o último ano do presente estudo.

LIRA, Dowglas Amorim de. **Análise da Argumentação de Estudantes Universitários em Ensaios Acadêmicos**. Dissertação de mestrado. Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva. UFPE. Recife, 2015.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo avaliar o desenvolvimento de competências argumentativas em ensaios acadêmicos de estudantes universitários que participaram de uma disciplina que teve/tem como objetivo o desenvolvimento de competências argumentativas. Para tanto, na fundamentação teórica, dissertamos acerca do que compreendemos da relação existente entre argumentação e cognição, Leitão (2000, 2001), entendendo a argumentação como uma atividade discursiva e social, de natureza dialógica/dialética, que promove o desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo; acerca da competência argumentativa é concebida, aqui, como uma atividade de mobilização de diferentes saberes que tem como base a ação argumentativa (Cedillo, Flores – Macías, Tirado-Segura, 2013); dos estudos dos gêneros discursivos em Bakhtin (1997) e, em especial, do gênero argumentativo ensaio conforme Paviani (2009). A análise das competências argumentativas neste trabalho foi avaliada pelas características do gênero discursivo ensaio discutidas em Paviani (2009), pela análise da tríade argumentativa descrita por Leitão (2000, 2001), pelos tipos de argumentos em Walton (2010) e pela força e solidez dos argumentos dissertadas em Govier (2010), em dois momentos distintos e complementares microanálise e macroanálise. Na microanálise tivemos como pretensão analisar cada ensaio produzido conforme os critérios adotados na macroanálise, segunda parte nosso enfoque, buscamos averiguar de qual modo se comportaram os ensaios entre as duas versões analisados, agora, em conjunto. O corpus analisado faz parte do banco de dados do NupArg – Núcleo de pesquisa em argumentação. Quanto aos resultados percebemos que quanto à caracterização do gênero os ensaios se mantiveram similares em ambos os momentos, com poucas características divergentes; quanto à tríade argumentativa houve um acentuado uso de contra-argumentos e um baixo uso do item resposta; quanto aos tipos de argumentos, dado o contexto de produção, os alunos se utilizaram mais dos tipos de argumentos de especialista e posição de conhecimento; quanto aos critérios de força e solidez a maioria dos argumentos, como era esperado, atingiram apenas o critério de aceitabilidade. A melhoria na competência argumentativa dos alunos parece mais acentuada quanto ao uso da tríade argumentativa, como também, do refinamento aos tipos de argumentos apresentados no segundo ensaio.

Palavras-chave: Ensaio - Competência argumentativa - Tipos de argumentos - Cogência.

LIRA, Dowglas Amorim de. **Análise da Argumentação de Estudantes Universitários em Ensaios Acadêmicos**. Dissertação de mestrado. Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva. UFPE. Recife, 2015.

ABSTRACT

This paper has the objective of evaluating the development of argumentative competencies in academic essays of college students who participated of a discipline that has/had the goal of developing argumentative skills. To do so, on the theoretical foundation, we disserted about our comprehension of the existing relation between argumentation and cognition, Leitão (2000,2001), understanding the argumentation as a discursive and social activity, of a dialogical/dialectical, that promotes the development of critical-reflexive thinking; about the argumentative competency is conceived, here, as an activity of mobilization of different kinds of knowledge that are based on the argumentative action (Cedillo, Flores - Macías, Tirado-Segura, 2013); of the studies of the discursive genres on Bakhtin (1997) and specially of the argumentative essay genre, according to Paviani (2009). The Analysis of argumentative competencies in this paper was evaluated by the characteristics of the discursive essay genre discussed on Paviani (2009), by the analyses of the argumentative triad described by Leitão (2000,2001), by the types of arguments in Walton (2010), by the strength and the solidity of the arguments disserted in Govier (2010), in two distinct and complementary moments : microanalysis and macro-analysis. In the microanalysis our goal was to analyze each essay produced according to the criteria adopted by the macro-analysis, second part our focus, we looked into how the essays “behave” between the two versions, now analyzed as a set. The corpus analyzed belongs to the database of NupArg -Núcleo de Pesquisa em Argumentação. As to results, we perceived that concerning the characterization of genre, the essays kept similarities in both moments, with just a few divergent characteristics; as to argumentative triad, there was an accentuated use of counter-arguments and a low use response; as to types of arguments; given the context of production, the students made more use of the types of arguments of specialist and position of knowledge; as to the strength and solidity criteria the majority of the arguments, as expected, only reached the criteria of acceptability. The improvements on the argumentative competencies of the students seems to be more accentuated as to the use of argumentative triad, as well as the refinement of the types of arguments presented on the second essay.

Keywords: Essay - Argumentative competency - Types of arguments - Cogency.

LISTA DE ABREVIATURAS

CEAR	Centro de Estudios de la Argumentación y el Razonamiento
DIP	Disciplina de introdução à Psicologia
MDC	Modelo de Debate Crítico
UDP	Universidade Diego Portales

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Ensaio solicitado na DIP.....	48
Figura 2. Modelo de Deabate Crítico.....	53
Figura 3. Ciclo metodológico da disciplina.....	56
Figura 4. Critérios hierárquicos da cogência dos argumentos.....	76
Figura 5. Elementos da tríade argumentativa nos ensaios 1.....	139
Figura 6. Elementos da tríade argumentativa nos ensaios 2.....	140
Figura 7. Tipos de argumentos nos ensaios 1.....	142
Figura 8. Tipos de argumentos nos ensaios 2.....	142
Figura 9. Cogência dos argumentos nos ensaios 1.....	144
Figura 10. Cogência dos argumentos nos ensaios 2.....	144

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Proposta de implantação do Modelo de Debate Crítico.....	56
Tabela 2. Sumarização das recomendações para confecção dos ensaios.....	66
Tabela 3. Tipos de argumentos.....	73
Tabela 4. Tabela esquemática dos ensaios do participante 1.....	125
Tabela 5. Tabela esquemática dos ensaios do participante 9.....	129
Tabela 6. Tabela esquemática dos ensaios do participante 18.....	132
Tabela 7. Visão geral das características dos ensaios.....	137
Tabela 8. Tabela esquemática dos ensaios do participante 2.....	157
Tabela 9. Tabela esquemática dos ensaios do participante 3.....	158
Tabela 10. Tabela esquemática dos ensaios do participante 4.....	159
Tabela 11. Tabela esquemática dos ensaios do participante 5.....	160
Tabela 12. Tabela esquemática dos ensaios do participante 6.....	161
Tabela 13. Tabela esquemática dos ensaios do participante 7.....	162
Tabela 14. Tabela esquemática dos ensaios do participante 8.....	163
Tabela 15. Tabela esquemática dos ensaios do participante 10.....	164
Tabela 16. Tabela esquemática dos ensaios do participante 11.....	165
Tabela 17. Tabela esquemática dos ensaios do participante 12.....	166
Tabela 18. Tabela esquemática dos ensaios do participante 13.....	167
Tabela 19. Tabela esquemática dos ensaios do participante 14.....	168
Tabela 20. Tabela esquemática dos ensaios do participante 15.....	169
Tabela 21. Tabela esquemática dos ensaios do participante 16.....	170
Tabela 22. Tabela esquemática dos ensaios do participante 17.....	171
Tabela 23. Tabela esquemática dos ensaios do participante 19.....	172

Tabela 24. Tabela esquemática dos ensaios do participante 20.....	173
Tabela 25. Tabela esquemática dos ensaios do participante 21.....	174
Tabela 26. Tabela esquemática dos ensaios do participante 22.....	175
Tabela 27. Tabela esquemática dos ensaios do participante 23.....	176
Tabela 28. Tabela esquemática dos ensaios do participante 24.....	177
Tabela 29. Tabela esquemática dos ensaios do participante 25.....	178
Tabela 30. Tabela esquemática dos ensaios do participante 26.....	179
Tabela 31. Tabela esquemática dos ensaios do participante 27.....	180
Tabela 32. Tabela esquemática dos ensaios do participante 28.....	181
Tabela 33. Tabela esquemática dos ensaios do participante 29.....	182
Tabela 34. Tabela esquemática dos ensaios do participante 30.....	183
Tabela 35. Tabela esquemática dos ensaios do participante 31.....	184
Tabela 36. Tabela esquemática dos ensaios do participante 32.....	185
Tabela 37. Tabela esquemática dos ensaios do participante 33.....	186
Tabela 38. Tabela esquemática dos ensaios do participante 34.....	187
Tabela 39. Tabela esquemática dos ensaios do participante 35.....	188

SUMÁRIO

1. Introdução.....	16
2. Fundamentação Teórica	19
2.1 . Argumentação, cognição e linguagem: uma estreita relação.....	19
2.2 . Sobre a competência argumentativa.....	25
2.3 . Gêneros discursivos/textuais: pressupostos teóricos	36
2.4 . Ensaio: um gênero discursivo argumentativo	44
2.4.1. O modelo de debate crítico: a proposta de Fuentes.....	51
2.4.2. Adaptação do MDC ao cenário educacional superior brasileiro.....	57
3. Objetivos	62
3.1. Geral	62
3.2. Específicos	62
4. Método	63
4.1. Corpus.....	65
4.2. Procedimento de análise dos dados.....	66
4.3. Fases de análises.....	67
4.3.1. Microanálise.....	67
4.3.2. Macroanálise.....	69
4.4. Categorias analíticas.....	69
4.4.1. A estruturação do gênero ensaio.....	70
4.4.2. A tríade argumentativa.....	71
4.4.3. Os tipos de argumentos.....	72
4.4.4. Critérios de força e solidez.....	75
5. Microanálise dos ensaios.....	79
5.1 . Ensaio 1 – participante 1.....	79
5.2 . Ensaio 1 – participante 9.....	91
5.3 . Ensaio 1 – participante 18.....	100
5.4 . Ensaio 2 – participante 1.....	108
5.5 . Ensaio 2 – participante 9.....	113
5.6 . Ensaio 2 – participante 18.....	121
5.7 . Comparação dos ensaios do participante 1.....	126
5.8 . Comparação dos ensaios do participante 9.....	131
5.9 . Comparação dos ensaios do participante 18.....	132

6. Macroanálise dos ensaios.....	138
6.1. Visão geral dos ensaios quanto a caracterização do gênero.....	138
6.2. Visão geral dos ensaios quanto aos elementos da tríade argumentativa.....	141
6.3. Visão geral dos ensaios quanto aos tipos de argumentos.....	143
6.4. Visão geral dos ensaios quanto à cogência dos argumentos.....	146
7. Discussões finais.....	149
8. Referências bibliográficas.....	154
9. Anexos.....	158

1. INTRODUÇÃO

Como se constrói a competência argumentativa em textos escritos? É possível desenvolver competências argumentativas ou elas são inatas aos humanos e, ao longo do tempo, aparecem quando do momento certo de uso? Instigado por essas e outras milhares de perguntas a presente pesquisa buscou averiguar se há melhoria na competência argumentativa em textos escritos de estudantes universitários que participaram de uma proposta metodológica que teve/tem, como finalidade maior, o desenvolvimento de competências argumentativas.

Os alunos são estudantes de uma Disciplina Introdutória da Psicologia (DIP) de uma universidade pública da região metropolitana do Recife-PE. A referida disciplina foi pensada a partir do Modelo de Debate Crítico (MDC) do chileno Cláudio Fuentes. Uma primeira diferença marcante é que, no Chile, o MDC é feito em torneios interescolares e, conforme adotado aqui, em particular a sala de aula universitária, o modelo sofreu alterações devido a nova ecologia na qual o mesmo estava sendo implantado. Contudo, durante a montagem da referida disciplina, buscou-se preservar os conteúdos curriculares pertencentes ao curso de psicologia, como também, o desenvolvimento de competências argumentativas e do pensamento crítico-reflexivo.

Ao longo da disciplina, como requisito parcial para obtenção das notas, conforme padrão estabelecido pela universidade, foi requerido aos alunos que os mesmos produzissem dois ensaios (texto de cunho argumentativo) no terceiro e sexto ciclo² da disciplina. Os ensaios foram guardados, formando um banco de dados do Núcleo de pesquisa em Argumentação - NupArg, e serviu de objeto de análise do presente estudo.

² A disciplina é dividida em seis ciclos temáticos que serão explicados ao longo do trabalho;

Para tanto fizemos uma leitura de como avaliaríamos a competência argumentativa em ensaios acadêmicos e chegamos, como descrito na metodologia, a quatro processos de análises. Primeiramente analisar se os textos tomados como objeto de análise correspondiam as características do gênero discursivo ensaio segundo a proposta de Paviani (2009), como também, de acordo com as recomendações recebidas pelos alunos durante a DIP; seguindo a análise, para avaliar o desenvolvimento argumentativo, investimos na tríade argumentativa proposta em Leitão (2000, 2001), para averiguar os três processos (argumento, contra-argumento e resposta), descrito por ela como plausíveis a uma análise que se pautem entre argumentação e cognição; passado os dois primeiros processos de análise averiguamos quais os tipos de argumentos foram mais utilizados pelos alunos conforme a descrição dada em Walton (2010); por último verificamos se os argumentos produzidos, são, conforme Govier (2010), fortes o suficiente para deles se inferir uma conclusão.

Dada as análises pretendidas este trabalho toma a competência argumentativa como um desenvolvimento adquirido e aprimorado pelos sujeitos dentro dos ambientes em que a argumentação é tomada como um artefato pelo qual mobiliza e articula saberes (Cedillo, Flores – Macías, Tirado-Segura, 2013), refletindo no processo de desenvolvimento crítico-reflexivo. Rapanta e Gilabert (2013), adverte sobre o fato de que o conceito de competência argumentativa ainda não é um consenso entre os estudiosos, ora sendo difundida como competência a ser desenvolvida, ora como habilidade a ser trabalhada.

Para darmos conta de nossa proposta de trabalho recorreremos às explicações do que entendemos a respeito da interrelação existente entre argumentação e cognição como modo de assegurar o que compreendemos da relação existente entre

esses dois fatores. Em seguida nos debruçamos sobre a competência argumentativa, conforme já mencionado anteriormente; Aos gêneros discursivos conforme a visão adotada em Bakhtin (1997) e, por último, ao gênero ensaio e ao contexto em que o mesmo foi empregado.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo versará sobre os pressupostos teóricos utilizados para buscar compreender nosso objeto de análise – os ensaios acadêmicos produzidos pelos alunos de um curso de graduação da área de humanas, participantes de uma prática pedagógica voltada para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de competências argumentativas. Para tanto, este capítulo subdivide-se em quatro tópicos seguido de dois subtópicos. O primeiro intitulado *Argumentação, cognição e linguagem: uma estreita relação*; o segundo, nomeado *Sobre a competência argumentativa*; um terceiro designado *Gêneros Discursivos/textuais: pressupostos teóricos*; e um quarto e último chamado *Ensaio: um gênero discursivo argumentativo acrescido de mais dois subtópicos, a saber: O modelo de debate crítico: a proposta de Fuentes e Adaptação do MDC ao cenário educacional superior brasileiro*.

2.1. Argumentação, cognição e linguagem: uma estreita relação

Com o objetivo de analisar a competência argumentativa em textos escritos, a presente dissertação toma como premissa a perspectiva dialógica que assevera sobre a natureza semiótica da cognição, partindo da premissa de que os atores sociais manifestam seus diferentes papéis por meio da inter-relação que mantêm com a língua/linguagem. Nesse sentido, a cognição é constituída por especificidades que emergem por meio da linguagem, ou melhor, pelos discursos que por ela são materializados. Tal pressuposto compreende o estudo da argumentação como um movimento discursivo que interfere de modo contundente nos processos cognitivos, notadamente nos trabalhos que articulam a estreita relação entre argumentação e desenvolvimento do pensamento reflexivo, (Leitão, 2007). Somado a esses fatores

concebemos o desenvolvimento da cognição e, em especial, o desenvolvimento da escrita argumentativa³, como processo de apropriação de recursos semióticos culturais que tem na linguagem seu efetivo papel de desenvolvimento (Bakhtin 1997, Vigotsky, 2009).

Este entendimento da cognição humana fundamenta-se, de modo particular, principalmente em Vygotsky e em sua asseveração de que os indivíduos medeiam suas relações sociais junto ao seu contexto social e cultural, e de que tal investida promove e intervém na constituição dos processos psicológicos, (Vygotsky, 1998).

Quando adotamos a premissa da linguagem como constitutiva do sujeito, do ponto de vista da psicologia vygotskyana, partimos da ideia de que a mesma é responsável pela aquisição do conhecimento dos indivíduos através da interação desenvolvida pelos mesmos em grupos, como também, constituidora do desenvolvimento cognitivo dos membros que partilham culturalmente de um mesmo sistema social. Dessa forma, a linguagem passa a ser entendida como um recurso primordial na constituição subjetiva da pessoa, através dela se estabelece o elo entre a ordem do psicológico e o da cultura, por meio de um processo de significação que produz e dá sentido as coisas. A linguagem, nessa perspectiva, reveste-se de uma posição de função cognitiva constituindo um meio para a ação, torna-se principal instrumento nos processos de interação e na formação pessoal.

Dentro deste processo de construção simbólica “a cultura apresenta-se organizada em sistemas semióticos, os quais se expressam, consolidam e modificam no contexto concreto das práticas sociais e da comunicação intersubjetiva” (Oliveira 2006, p.430). Para Bruner (2002), a cultura tende a disponibilizar ferramentas

³ Vale ressaltar que o desenvolvimento da escrita argumentativa só é adquirida em contextos formais de escolarização, onde são exigidos o ensinamento e a apropriação da escrita.

propulsoras para a atividade mental humana, desencadeando um leque de atividades que requer significações dentro de um determinado contexto. A cultura, por assim dizer, instrumentaliza e é instrumentalizada pelo jogo de linguagem em que os atores sociais estão envolvidos, logo, para estudar a atividade cognitiva e seu desenvolvimento deve ser levado em consideração os dispositivos que a desenvolvem.

Os estudos desenvolvidos por Vygotsky põem ênfase na relação indissociável estabelecida entre cognição e linguagem. A cognição, nessa perspectiva, é constituída pela linguagem e pelos recursos semióticos que também são culturalmente constituídos (Oliveira, 1997). Tomando essa diretriz compreende-se que o funcionamento psicológico humano é fundado de acordo com a inter-relação, linguagem e meio social, que o sujeito estabelece por meio da conjuntura sócio-histórica, e que toda mudança afeta diretamente na relação firmada entre o indivíduo e o seu meio.

Para Vygostky, segundo Azevedo (2012), há um processo reconstitutivo de significados que é mediado pela natureza semiótica dos signos, ou melhor, a linguagem é que medeia a relação do meu “eu” com o mundo. Essa mediação dada via linguagem é propulsora da minha influência sobre o outro, como também, recebe as influências dada pelo outro por meio de uma relação mediada por uma ação sóciossemiótica. Segundo Azevedo (2012, p. 46) “a linguagem penetra e organiza, efetivamente, todos os campos do psiquismo, desempenhando um papel excepcionalmente importante na formação/transformação dos processos psicointelectivos”, tal processo é condicionado por uma via de mão dupla onde se organiza e se constitui, como também, se é organizada e reorganizada conforme as ações que são efetivadas por mediação da linguagem. A decorrência permitida por

meio da concordância desta premissa é que a cognição e outros processos psicológicos só podem ser convenientemente entendidos quando se analisa os pressupostos da natureza dos recursos simbólicos e processos dialógicos a partir dos quais os processos mentais são fundados, (Leitão, 2007^a).

Sendo a cognição, dado o panorama anterior, constituída pela linguagem, podemos inferir que o estudo da argumentação é, inegavelmente, um estudo da cognição, visto que a argumentação é tomada como uma atividade linguístico-discursiva, (Leitão, 2007^a), configurada dentro de atividades dialógicas. A argumentação é em geral entendida como uma atividade de comunicação presente no dia a dia dos seres humanos, sendo uma atividade desenvolvida e melhorada de acordo com o desenvolvimento da linguagem, ou melhor, de acordo com as atividades de interação em que os sujeitos atuam, levantando seus argumentos a propósito da necessidade exigida na interação com seus pares. Dessa forma, a argumentação pode ser entendida como um processo de interação e esse como um processo proporcionado e intermediado via língua/linguagem (Koch, 2006^a).

Sendo assim, a argumentação é aqui compreendida como uma atividade de natureza discursiva que possibilita a reflexão sobre diferentes aspectos do conhecimento. Pela ação discursiva os interlocutores são induzidos a rever seus pontos de vista e a considerar perspectivas contrárias de acordo com a reflexão que fazem frente ao assunto abordado, buscando influenciar seu(s) interlocutor(es) de acordo com as perspectivas adotadas. Percebe-se que dentro dessa perspectiva os discursos produzidos no campo da argumentação distanciam-se de outros discursos, como do narrar e do descrever.

Assim, nota-se a argumentação como um dos elementos que possibilitam aquisição do conhecimento pelo qual oferece base para o pensamento crítico

reflexivo, (Leitão, 2007). De caráter dialógico, a argumentação pode ser entendida como uma atividade discursiva de cunho social, intelectual e verbal, realizada por justificação ou refutação de opiniões emergidas em um discurso. Dada sua característica multifacetada há cinco dimensões, verbal, dialógica, dialética, social e epistêmica que, segundo Leitão (2000), fazem parte de sua composição.

A dimensão verbal toma o discurso como a mola propulsora da argumentação tendo em vista que é nele que se constitui a argumentação; a dimensão dialógica remete à heteroglossia entendendo que há sempre um outro na constituição dos discursos, podendo ser o próprio sujeito presente, ou não, na ação; a dimensão dialética é a condição que faz emergir diferentes pontos de vista tomando na argumentação posições contrárias; a dimensão social é a sensibilidade aos contextos nos quais diferentes pontos de vista estão sendo produzidos; a dimensão epistêmica tem como base o novo que emerge das oposições e da transformação dos argumentos; todas essas dimensões fazem parte do construto da argumentação.

Dentre as dimensões citadas, a epistêmica tem sido particularmente enfatizada nos estudos realizados por Leitão (1999, 2000, 2001), por ser a responsável por atentar sobre como a novidade é produzida por meio da argumentação, ou seja, de que forma se desencadeia o conhecimento (o novo), numa dada situação argumentativa.

Para averiguar como se produz a novidade a partir da argumentação, Leitão (2000, 2001) desenvolveu uma unidade de análise baseada na tríade, a saber: argumento, contra-argumento e resposta, na tentativa de mapear de que forma se desenrola o aparecimento de um novo dado. O argumento é formado por um ponto de vista, o contra-argumento é baseado em qualquer enunciado que refuta ou põe em xeque o que foi dito anteriormente e a resposta é a reação do proponente em relação

aos contra-argumentos através de uma reflexão acerca do que está sendo dito tanto pelo oponente, como pelo proponente refutando sua posição ou a do proponente ou aderindo novos conceitos através de um processo de revisão.

Quanto ao quesito resposta há, segundo Leitão (2000), quatro formas de configuração da resposta que implicarão ou não em ajustes do argumento feito, a saber: o primeiro refere-se a resposta de destituição ao contra-argumento, no qual se preserva o argumento inicial; uma segunda denominada resposta concordância local, em que se preserva o argumento inicial sem modificá-lo, aceitando parcialmente o contra-argumento; a terceira é chamada resposta de integração, nessa aceita-se parte do contra-argumento alterando algo do argumento inicial; a quarta e última é a resposta de aceitação em que se adere o contra-argumento abandonando a posição inicial.

Para Smith (2003), nos eventos de linguagem como acontece com a argumentação, os indivíduos se engajam em atividades que requer fluxos de pensamento e consciência em suas transações diárias, não sendo apenas a relação entre o mundo e as coisas que nos guiam, mas, sim, a forma de nos orientarmos por seus dizeres, ou seja, através dos discursos produzidos e das justificativas para sustentá-los. “Todos os vários aspectos de pensamento que a linguagem distingue podem ser vistos como a manipulação das relações cognitivas”, (Smith 2003, p.37). Assim, a argumentação pode ser entendida como uma relação cognitiva/discursiva, estabelecida na linguagem, entre os sujeitos ou entre enunciados produzidos por um único sujeito envolvido(s) em um determinado contexto. A materialidade discursiva, nesse entremeio, pode ser gerada através de argumentos oral ou escrito.

Em suma, parte-se aqui da ideia de que a argumentação está presente no uso da linguagem proporcionando o desenvolvimento cognitivo dos sujeitos que, quando

inseridos em contextos onde movimentos argumentativos são levados em consideração, induz os mesmos a processos metacognitivos de reflexão por ter que saberem se posicionar de acordo com as ações argumentativas, propiciando o pensamento crítico-reflexivo.

Diante do que foi exposto podemos averiguar que argumentação, cognição e linguagem mantêm uma estreita relação e se entremeiam de modo indissociável, e a sua utilização, de modo sistematizado, permite aos sujeitos o desenvolvimento e o aperfeiçoamento de diferentes competências argumentativas, (Ramírez, Souza & Leitão, 2013).

2.2. Sobre a competência argumentativa

Em diversas áreas do conhecimento é sabido o interesse pelo desenvolvimento de diferentes competências nas mais dessemelhantes atividades desenvolvidas pelo homem, seja para autenticar a noção de algo inato e/ou corroborar a ideia de desenvolvimento atrelada a sua atuação em sociedade, buscando um discurso significativo para assentar a conceituação atribuída a algum ato desenvolvido. Mas, de que maneira a palavra competência é significada quando a tomamos junto à argumentação, tornando-se competência argumentativa?

O termo competência advém do latim *competentia* e refere-se à capacidade que possui um indivíduo de resolver e/ou solucionar algum assunto imprevisto focando o imediatismo. Tal termo deve ter surgido por volta do século XV, primeiramente na França e estava alocado, naquela época, àqueles que tinham a capacidade de resolver, de forma legítima, algum ocorrido na sociedade, ou seja, o tribunal (Dias, 2010).

Nos dias de hoje e mais especificamente nos campos educacional e do trabalho, como aponta Ceitil (2006), a palavra competência vem sendo empregada com diferentes significados, contudo, assumindo conceituações que decorrem das qualidades ou habilidades atribuídas aos sujeitos. Há as competências ditas extrapessoais caracterizada como as qualificações/habilidades assumidas pelos sujeitos, ao longo do tempo, de acordo com a sua atuação na ecologia de um determinado contexto, como também, as intra-pessoais sendo estas traços comportamentais inatos indiferente a ecologia social do indivíduo. Ressalva-se que mesmo *intrapessoal* ou *extrapessoal* a competência é vista como uma habilidade ou capacidade que, em alguma medida, perpassa a vida do indivíduo.

Para Morato (2008), a noção de competência vai adentar em diversas áreas de domínio da ciência da linguagem, como: a psicolinguística, a sociolinguística, a neurolinguística, a semântica, a análise da conversação, a pragmática, a filosofia da linguagem, entre outras. Sua conceituação vai confrontando-se com as barreiras dos diferentes níveis de campos de estudo do processamento da linguagem e, em especial, entre linguagem e cognição. Antes de falarmos, especificamente sobre competência argumentativa, vale voltarmos sobre como a palavra competência e suas adjetivações foram trabalhadas por outros autores, como: Chomsky, Dell Hymes e Perrenoud.

No campo da psicologia foi com Noam Chomsky que se leu sobre esse tema, pela primeira vez em meados do século XX, em trabalhos científicos (Dias, 2010). A noção de competência trazida pelo autor é definida como a capacidade humana de se utilizar de um sistema de regras, dada via linguagem, para produzir uma infinidade de enunciados ajustados de acordo com o conhecimento e das possibilidades adquiridas

em conformidade com o contexto que é produzido, sendo esta uma habilidade tácita e supra-individual.

Para Chomsky, há uma carga genética que permite o desenvolvimento de órgãos mentais privados que permite entender a capacidade dos indivíduos poderem ter a competência de versar sobre um mesmo assunto mesmo que as possibilidades de acontecimentos tenham sido totalmente distintas para cada sujeito. As possibilidades de analogias entre outras atividades dadas por meio da linguagem, segundo Chomsky, são criadas por terem sido potencializadas por um aparato individual e biológico, o que garante uma competência fundada no inatismo, Morato (2008), Lyons (1973).

Decorre que para Chomsky a noção de competência é adjetivada como competência linguística (Morato, 2008), inevitavelmente, terá de se afastar de um modelo comportamentalista de estímulo-resposta tão acentuada àquela época, visto que, sua atenção recobre a habilidade dos indivíduos de transitarem de maneira autônoma ao usarem a língua-mãe, (Lyons, 1973). Dessa maneira transcorre, assim, de uma forma inconsciente, instintiva. O caso se passa de modo que coloca o falante em posição incapaz de driblar o uso adequado de sua língua. A competência linguística provida pelo indivíduo perpassa por uma dotação mental da qual é impossível escapar, (Morato, 2008). A competência seria, assim, a capacidade inerente a todos os indivíduos ideais conseguirem se utilizar de sua língua-mãe por meio de um aparato mental, enquanto que o uso eficaz dessa língua adota a nomenclatura de desempenho. Desempenho fica compreendido, neste caso, como a performance do usuário ideal da língua, sabedor de suas regras, aplicá-las de maneira eficaz nas situações comunicativas que o falante se encontra.

De modo restrito a competência linguística em Chomsky pode ser incitada como o pontapé inicial do termo na área das ciências humanas, (Dias, 2010). Como ressalta Lyons (1973), embora saibamos das intencionalidades praticadas pela psicologia e pela linguística, assumindo pressupostos teóricos e metodológicos distintos - conforme apontados por Chomsky - há relações proximais entre as disciplinas, e o que as diferem é apenas uma questão de ênfase dada por cada uma a um determinado assunto norteador pelas questões da linguagem.

Sabedor do conceito de competência linguística assumida por Chomsky, Dell Hymes (1974) faz uma nova alusão sobre o termo, o que constituiria, futuramente, uma das bases profícuas tomada pela sociolinguística. Aponta Hymes (1974), que a competência linguística não pode receber o atributo de condição básica e necessária para aprendizagem e desenvolvimento dos falantes de uma determinada língua. Segundo o autor, para que o indivíduo possa se utilizar de uma língua será necessário que o mesmo esteja engajado na língua que deseja conhecendo suas regras, para que possa, arrolado a elas, praticar de maneira eficaz suas vontades e anseios relacionados juntamente à comunicação. Dessa forma, o autor assume a noção de competência comunicativa, afastando-se da ideia assumida por Chomsky, embora não a negue. Enquanto o primeiro parte de uma ideia de inatismo, o segundo adota uma concepção sociocomunicativa da linguagem.

A proposta apontada por Hymes, na década de 1970, incide em assumir a linguagem como resultante da experiência social das comunidades de falantes, colocando a linguística em um quadro teórico mais extenso que leve em consideração os contextos sociais, os indivíduos e, necessariamente, as relações estabelecidas entre eles por meio da linguagem. A gramática da língua, diferentemente da proposta assinalada por Chomsky, é postulada como um dos recursos utilizados pelos

indivíduos de uma mesma comunidade e não o único modelo a ser assumido (Baltar, 2003).

Ainda que houvesse entre os estudiosos voltados às correntes cognitivas o consenso e aceitação de que o ser humano é tendenciosamente apto, por uma condição biologicamente inata, a adquirir habilidades concernentes a uma determinada língua, tal proposta é colocada em suspenso por Hymes por não haver, entre os seguidores dos estudos cognitivistas, um prognóstico claro de quando isso acontece (Baltar, 2003; Morato, 2008).

Hymes (1974) acaba abarcando o conceito de competência como um plano geral que está diretamente associado às capacidades desenvolvidas pelos indivíduos dentro da comunidade de falantes na qual se insere, primando pelo termo competência comunicativa. Tal investida deve-se ao fato de que o autor está inserido dentro dos ramos da etnografia linguística que tem como pretensão a análise da linguagem em sua função social, ou seja, por meio de métodos empíricos.

A ideia de competência comunicativa traz à guisa de entendimento diferentes tipos de linguagens que podem ser assumidas pelos indivíduos dependendo da necessidade em que se encontram. Mesmo não explorando uma pesquisa acerca da linguagem escrita, o legado de Hymes dá margens para compreendermos as atividades escritas também como uma competência comunicativa a ser desenvolvida pelos indivíduos em contextos onde as mesmas são requeridas e exercitadas, como nos centros educacionais. Ressalta Morato (2008), que uma competência em linguagem não poderia ser adquirida, desenvolvida e habilitada longe de contextos de suas práticas sociais.

De acordo com Matencio (2004), a competência comunicativa – abordada por Hymes - tende a assumir três grandes tipos de conhecimentos da linguagem. Tais conhecimentos são os linguísticos, os textuais-pragmáticos e os referenciais.

O primeiro refere-se aos níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico e tendem a ser os primeiros a serem significados e incorporados pelos falantes. O segundo acena para o uso dos diferentes gêneros discursivos e seu modo efetivo na sociedade, os falantes tendem a elaborar tipos relativamente estáveis de enunciados por meio da interação estabelecida nas práticas de linguagem aventurando-se por meio dos gêneros discursivos frente aos contextos em que se encontram. O terceiro e último são os saberes de mundo englobados pelos falantes ao longo do tempo, esses saberes tendem a mudanças de acordo com a atuação social dos indivíduos que podem, em algum momento, ressignificar o saber adquirido. Os três conhecimentos descritos não acontecem de modo isolado, mas, sim, simultaneamente.

Em suma, podemos admitir que para Hymes (1974), a noção de competência em uma língua está atrelada as habilidades desenvolvidas pelos indivíduos quando confrontados com a necessidade de lidar com diferentes usos da linguagem. Tais necessidades são equiparadas às dissemelhanças quanto ao uso, o que confere a linguagem um caráter discursivo assimétrico que cumpre com regras estabelecidas de acordo com a comunidade de falantes. Sua noção de competência comunicativa, embora voltada a uma aquisição e uso da linguagem oral, pode ser remontada, de maneira análoga, a outras atividades de linguagem como o uso social da escrita (Baltar, 2003).

Divergindo de uma posição estritamente linguística e/ou psicológica, porém, assumindo ambos pressupostos ao creditar nas interações dialógicas um meio

privilegiado para desenvolvimento de competências, o sociólogo Perrenoud (1999) indica que competência está associada à capacidade de operar de modo eficaz diante de diferentes tipos de situações amparadas em conhecimentos prévios, porém sem prognosticar um limite concebido a ela. Seu uso exige a integração e recapitulação de conhecimentos, processos, inferências, decodificações, reformulações, analogias, deduções, etc. que se intercalam mutuamente para resolução de algo em alguma ação pretendida pelo indivíduo. “As manifestações utilizadas por essas ações não são, em si, conhecimentos; elas utilizam, integram, ou mobilizam tais conhecimentos” (Perrenoud 1999, p. 8).

O autor assinala três tipos de conhecimentos difundidos pelas ciências cognitivas, a saber: os conhecimentos declarativos - que resultam da descrição da realidade sob a forma de fatos, leis, constantes ou regularidades, tal conhecimento realça uma razão de ser das coisas que estão ao nosso redor; os conhecimentos procedimentais – derivados das metodologias aplicadas para se conceber algum tipo de resultado pretendido, visto que, já são construídos sobre um determinado prisma de conhecimento anterior a ele; e os conhecimentos condicionais – prognosticam, de certa maneira, a validade dos conhecimentos dado por procedimentos.

Dado esses sentidos a competência amolda-se, assim, da atuação predefinida solicitando recursos e meios para mobilizá-la. Se não há recursos para movimentar não há competência, e se há recursos, mas não é possível movimentá-los a tempo, é como se não existissem ou nunca foram, de certo modo, construídos. Percepção, pensamento, avaliação, ação, entre outros, são conhecimentos integrados e coordenam uma base esquemática para sua efetivação. Os esquemas arquitetados pelo indivíduo são manipulados para atender as performances executadas dentro de um determinado contexto de linguagem (Perrenoud, 1999).

Como enfatiza Baltar (2003) - sobre a noção de competência em Perrenoud - são as conjunturas legítimas de comunicação, juntamente às atividades desenvolvidas nas modalidades oral e/ou escrita, que desenvolvem esquemas plausíveis de usos reais por quem os compartilham, levando em destaque o conteúdo temático e o ambiente discursivo de onde tais práticas são legitimadas. Todo esquema só pode ser ativado por meio de uma ação conjunta que recupera paulatinamente os conhecimentos adquiridos e moldando novos conhecimentos contemplados no instante da atividade desenvolvida.

No campo do ensino caberá aos alunos a aptidão de mobilizar conhecimentos adquiridos em contextos educacionais nas mais diversas conjunturas, assumindo, frente ao transe social, diferentes condutas que retomará noções aprendidas em situações formais. No entanto, como salienta diferentes autores, cabe aos educadores proporcionar atividades que mobilizem competências a serem contempladas no meio educacional que possa ser contemplada no cotidiano, expondo ao alunado diferentes manejos ao longo das atividades que lhes são atribuídas. A mobilização de diferentes conhecimentos necessitará, inevitavelmente, da eficácia do desenvolvimento cognitivo (Dias, 2010; Perrenoud, 1999; Roldão, 2002).

Ao que tange o desenvolvimento cognitivo diferentes autores defendem a ideia de que o desenvolvimento de competências argumentativas acaba sendo, genuinamente, um provedor do desenvolvimento cognitivo. Mas, o que seria, então, competência argumentativa – foco de nosso interesse - frente ao uso, quase sinônimo, da palavra competência equiparada aos léxicos qualidade e/ou capacidade?

Quando refletimos acerca da competência argumentativa, levando em consideração estudos do campo da cognição, buscamos saber as diversas formas

nas quais algumas habilidades, como o pensamento crítico-reflexivo - favorecido por meio da argumentação - pode ser apurado nos indivíduos com os quais lidamos. Dada essa ênfase, buscamos inferir de que forma pode ser averiguada a competência argumentativa, em especial, dentro do âmbito educacional, local onde a argumentação é lavada a cabo.

Para Rapanta, Garcia-Mila & Gilabert (2013), dada a variabilidade de estudos e as diferentes abordagens e métodos, torna-se difícil e por vezes até mesmo confuso para um pesquisador, ou interessado pelo assunto, uma definição concreta sobre competência argumentativa e do método mais adequado para sua avaliação. Após uma verificação de vários estudos que tratam da temática as autoras concluíram que, ao que tange a esfera educacional – foco desse projeto – a competência argumentativa pode ser validada como um conjunto de diferentes habilidades desenhadas dentro de um contexto de ensino-aprendizagem e que essas habilidades podem ser exploradas em alunos e professores. Essas habilidades, desenhadas dentro de uma meta a ser cumprida, refletem-se em atividades desenvolvidas nas modalidades oral e/ou escrita.

Ainda para Rapanta e Gilabert (2013), há inúmeros critérios a serem escolhidos para escrutinar a competência argumentativa. Baseadas nos estudos de Kuhn (1999, 2000^a, 2000^b) as autoras incidem sobre três dimensões metacognitivas de competências efetivadas em um processo de trabalho com a argumentação, são elas: uma primeira entendida como *modelo de avaliação metacognitiva* que seriam os critérios de composição argumentativa, qualidade de condições conceituais e qualidade epistêmica; A segunda chamada de *modelo metaestratégico* que incide pela pertinência de critérios argumentativos refutando critérios apenas de cunho discursivo; e a terceira o *modelo epistemológico* que se subdivide em dois critérios, a saber: um

primeiro relativo a natureza do argumento e um outro que se ocupa dos problemas referentes a aquisição do conhecimento.

Não obstante, Johnson (2000), aponta que as formas de análise das competências argumentativas acabam por recair sobre dois prismas. O primeiro seria a pressuposição de análise na qual o investigador busca decompor a natureza, a estrutura e os tipos de argumentos suscitados em um determinado contexto. Tal destaque se ancora nos pressupostos teóricos para denotar alguma razão aos argumentos destacados para julgamento. O segundo é a avaliação na qual pressupõe clareza aos critérios metodológicos adotados para inferir padrões avaliativos aos argumentos. Ambos caminham juntos na tentativa de esclarecer sobre a questão da competência argumentativa, embora o analista se converta mais para um deles.

Nesta pesquisa, tendo em vista as considerações de Johnson (2000), pressupomos a investigação da competência argumentativa de acordo com os critérios adotados para avaliação dos ensaios acadêmicos, seguindo a segunda abordagem por destacar os critérios a serem coordenados pelo pesquisador, arrolando também as dimensões citadas por Rapanta e Gilabert (2013).

Tendo como objeto de análise o gênero discursivo ensaio acadêmico, construídos a partir de uma prática pedagógica de ensino-aprendizagem voltado para o desenvolvimento de competências argumentativas, a competência argumentativa fica concebida, neste trabalho, como integração de diferentes saberes, habilidades, competências e atitudes, movimentados em reação ou rejeição de um ponto de vista, fato ou finalidade de algum assunto por meio de uma exposição sólida, fundamentada e coerentemente sistematizada, a fim de levantar um posicionamento frente aos significados que são compartilhados e negociados dentro de uma concepção dialógica, (Cedillo, Flores – Macías, Tirado-Segura, 2013). Dado esse enfoque, os

autores indicam que a competência argumentativa atende a concepções dos campos da linguística, como também, da psicologia.

A concepção linguística tende a focar a contribuição e eficácia da competência argumentativa que, por meio de situações de ensino-aprendizagem, promovam intervenções que possibilitem a análise do processamento das cadeias argumentativas para, com isso, buscar melhorias do desempenho dos estudantes nas modalidades oral e escrita. Assume, logicamente, o pressuposto de linguagem Bakhtiniano. Tal empreitada leva em consideração até que ponto modelos de ensino-aprendizagem impactam os educandos, no sentido de contribuir, modificar ou melhorar o desenvolvimento do discurso argumentativo, (Cedillo, Flores – Macías, Tirado-Segura, 2013). Baltar (2003) – filiado ao campo da linguística - prefere se reportar ao termo competência discursiva, mesmo aos gêneros da ordem do argumentar, visto que, garante uma abrangência para outras produções textuais que não apenas a argumentativa assumindo, também, o pressuposto de linguagem de Mikhail Bakhtin.

A competência argumentativa, na concepção psicológica, é entendida como uma capacidade do indivíduo, dotado de aptidões mentais ideais, desenvolver por meio de atividades sistemáticas argumentos, contra-argumentos e respostas (refutações). Contudo, apenas a análise sistemática dos construtos de uma cadeia argumentativa não garante uma diferenciação quando comparamos à linguística (Cedillo, Flores – Macías, Tirado-Segura, 2013).

O que vem acolher uma nova abordagem, dada na área da psicologia, é o desenvolvimento da reflexividade frente aos argumentos construídos, ou seja, não é apenas a construção argumentativa arquitetada por quem a compõe, mas, sim, a relação reflexiva garantida por meio dessa habilidade. A competência argumentativa,

nesse sentido, é vista como produtora do pensamento reflexivo, na qual os sujeitos expõem seus pensamentos, consideram pontos de vistas, acionam seus conhecimentos e asseguram um posicionamento, engajados por meio de uma atividade dialógica da linguagem (Cedillo, Flores – Macías, Tirado-Segura, 2013). Nesse sentido, a argumentação também passa a ser um meio para constituição crítica dos sujeitos.

Dessa forma, para compreensão da competência argumentativa do nosso *corpus*, baseamo-nos nas concepções de Paviani (2009) e nas diretrizes tomadas na disciplina para conceituação do gênero discursivo ensaio acadêmico destacado no próximo tópico; na tríade de análise argumentativa de Leitão (2000) como unidade mínima da caracterização de um evento argumentativo; nos tipos de argumentos versados em Walton (2010) como uma característica desenvolvida e aperfeiçoada para com quem lida com argumentos; e nos critérios de aceitabilidade, relevância e suficiência descritos por Govier (2010), para averiguar a força e a solidez dos argumentos escritos produzidos pelos alunos. A tríade argumentativa de Leitão (2000), os tipos de argumentos de Walton (2000) e os critérios de força e solidez Govier (2010) serão explicitados no capítulo destinado a metodologia do trabalho.

Concebido o que entendemos como competência argumentativa buscamos, antes de conceituar o que entendemos como gênero discursivo ensaio, apontar o que entendemos a respeito dos gêneros discursivos da forma como foi instaurada por Bakhtin, entendendo que as construções argumentativas dos ensaios mantêm entre si uma relação dialógica.

2.3. Gêneros Discursivos/textuais: pressupostos teóricos

Existe na tradição dos estudos da linguagem duas formas de conceber a forma de produção oral ou escrita, uma denominada como teoria dos gêneros textuais e a outra entendida como teoria dos gêneros do discurso. Ambas têm como suporte para análise as produções textuais oral ou escrita que circulam socialmente. Tal temática foi tomada, primeiramente, sobre preocupação da poética e da retórica vindo, posteriormente, adentrar nos estudos da linguística e das ciências humanas, projetando-se como um terreno fértil para as diferentes posições teoricamente articuladas ao longo do tempo (Brandão, 2003). Antes a sua entrada no campo da linguística e das ciências humanas, a mesma inquietava-se a investigar as unidades menores que sistematizava o texto, sintetizando-se num trabalho que repousava nas redes dos estudos morfossintáticos. A ascensão dos estudos bakhtiniano articulou novas formas de se pensar as produções sociais produzidas pela linguagem, e de como a mesma resultara em meios de análise das ações humanas. Conseqüentemente, novos estudos acabaram por difundir a produção textual humana, ora como gênero de texto, ora como gênero do discurso e/ou gênero discursivo. Mas, o que difere uma da outra?

Para Rojo (2005), embora pareça não haver muita clareza acerca de ambos, culminando em diferentes posicionamentos por meio de diferentes autores, a teoria dos gêneros do discurso centra-se na produção dos enunciados produzidos por uma dada sociedade, contemplando um determinado contexto e se circunscreve dentro de uma relação sócio-histórica, tendo como principal embasamento os postulados advindo do filósofo Bakhtin e o círculo. A teoria dos gêneros do texto, por outro lado, pauta-se na materialidade linguística na qual o texto se insere, o texto é tomado por uma perspectiva descritiva quanto à estrutura e sua forma composicional. Nossa perspectiva centra-se na primeira visão apresentada, porém, cabe aqui salienta

alguns posicionamentos em relação aos autores que comungam dessa segunda perspectiva, em especial, Marcuschi e Bronckart, para efeito de contraste.

Marcuschi (2005), filiado à ideia de gêneros do texto segundo Rojo (2005), diz que “todo gênero se realiza em textos” e existem várias espécies de textos que se conjugam e se tornam familiares entre si, constituindo-se posteriormente como um gênero, com características e peculiaridades que os tornam idênticos dentro de um conjunto de uma mesma categoria de outros gêneros similares. Para o autor “as nossas manifestações verbais mediante a língua se dão como textos e não como elementos linguísticos isolados” (2005, p.20).

Para Marcuschi (2008) as discussões estabelecidas entre texto e discurso tornam-se ao longo do tempo complexas e inesgotáveis, porém, assume que o texto se apresenta no plano das formas linguísticas organizando-se dentro de estruturas sólidas, enquanto que discurso está para o ato/ação, ou seja, para o funcionamento efetivo da língua. Embora Marcuschi apresente alguns pontos que pareçam sinonímicos à visão adotada pelos gêneros do discurso seu trabalho pauta-se na materialidade textual (formas estruturais e composicionais) o que não o distancia, mas, sim, lhe deixa à margem das investigações que a visão histórica e socialmente construída do gênero do discurso busca tratar.

Bronckart (2006), embora incorporando uma dimensão social das atividades humanas para elaboração textual oral ou escrita, tenta mostrar como os mecanismos estabelecidos nos textos proporcionam modos de atuação dos indivíduos na esfera social, como também, acentua que a esfera social proporciona modos de construção de tipos de texto ou tipos de gênero de texto. Para o autor, próximo à visão bakhtiniana, os gêneros de texto apresentam-se como uma nebulosa por serem relativamente estáveis e estarem muito ligados a situações sincrônicas de produção

e interpretação, dependentes dos agentes com os quais lidam com sua materialidade. Rojo (2005) chama atenção para a relativização feita pelo autor ao apontar gêneros do discurso, gêneros do texto e/ou formas estáveis de enunciados declaradas por Bakhtin como gêneros de texto, o que desvirtuaria, de certo modo, a noção adotada por Bakhtin.

Bakhtin (1997) assume que os gêneros do discurso ou enunciados são formas relativamente estáveis que se caracterizam por determinados estilos assemelhando-se a outros textos de uma mesma composição, tal conceituação não se distancia daquela formulada pela teoria dos gêneros do texto, sendo este conceito estabelecido primeiramente. Em seus escritos o autor distingue os gêneros do discurso em primários e secundários. Tal divisão instaura uma primeira forma de considerar a tessitura textual, como também, as práticas sociais estabelecidas por meio deles.

Os primários são os que estão intimamente ligados aos gêneros do cotidiano e que têm papel importante na formação idiossincrática dos indivíduos e funcionam como mediadores para os gêneros secundários, estes revestidos de complexidade, mas, que detêm até certo grau uma lógica com os gêneros primários (Machado 2010). Os gêneros primários instituem modos de atuação do ser humano no mundo já que para Bakhtin (1997), estamos o tempo todo em atividades que se estabelecem e se realizam por meio da língua/linguagem e, em especial, materializadas nos enunciados produzidos a partir da organização estabelecida na mesma, sendo assim, nossas primeiras atuações se dão por meio dos gêneros primários. Segundo Bakhtin (1997, p.279) “as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua”. Deve-se compreender que o emprego estabelecido - quanto ao uso dos gêneros primários - é organizado e exercido por meio da cultura, ou seja, a produção discursiva está vinculada a formulação sistêmica

estabelecida por cada meio social, sendo o indivíduo produtor capaz de receber o instrumental da língua/linguagem para seu uso efetivo, como também, administrá-los de acordo com as ações requeridas.

Os gêneros dessa segunda ordem se estabelecem através da sofisticação cultural apresentada pelos graus de letramento dos sujeitos nas sociedades grafocêntricas, a exemplo dos romances que são construídos por quem dispõe de uma maturidade escrita elevada, Silveira (2005). “Trata-se de uma distinção que dimensiona as esferas do uso da linguagem em processo dialógico-interativo”, (Machado, 2010, p.155).

Os gêneros secundários absorvem e transmitem os componentes ou toda a arquitetura dos gêneros primários, porém, aqueles são revestidos de uma nova forma composicional que embora tenham se utilizado dos gêneros primários adquirem, mesmo que os incorporem, uma nova composição. Dessa forma, podemos admitir que este segundo, embora fruto de uma nova necessidade - visto que os gêneros respondem a uma necessidade de comunicação e ação do ser humano -, são mais suscetíveis às transformações, pois, são utilizados de acordo com uma necessidade requerida dentro das esferas das atividades humanas. Como afirma Bakhtin (1997), um gênero primário incluído dentro de um gênero secundário só tem razão de existir no contexto em que foi inserido, fomentando a relevância do seu emprego.

Brait e Pistori (2012), acerca do conceito de gênero em Bakhtin e o círculo, assinala que durante a produção e conceituação do termo gênero várias filiações foram sendo tomadas, criando, obviamente, posicionamentos teóricos e metodológicos convergentes de acordo com a perspectiva adotada. Embora os gêneros do discurso, em *Estética da Criação Verbal* (1997), seja o texto mais difundido entre os que se concentram aos estudos da linguagem filiados ao processo sócio-

histórico da língua e sua relação contextual, outros pontos deveriam ser levados em consideração para que não ocorressem desentendimentos quando da utilização do termo.

As autoras distinguem diferentes momentos em que o termo gênero aparece na obra de Bakhtin e o círculo, e apontam para o jogo de sentido estabelecido a cada aparição, ora confundindo-se com a ideia de texto, ora confundindo-se com a ideia de enunciado. Porém, compreendem que é em gêneros do discurso que se pontua um “certo” esclarecimento acerca da perspectiva adotada por Bakhtin e que, de certa maneira, tal conceituação se estabelece no círculo e acaba por ser repercutida dentro das abordagens adotadas e assumidas nos mais diferentes estudos que se apossa do legado bakhtiniano.

Todavia, vale ressaltar que o que ganha força na obra bakhtiniana não é a sua conceituação sobre os gêneros discursivos - não sendo menos importante -, mas, sim, a ideia de “dialogismo como princípio básico, fundador e constitutivo da linguagem humana” (Silveira 2005, p.59). Bakhtin e o círculo tendem a aceitar a premissa de que a linguagem articula o meio interior e exterior e, dessa maneira, materializa-se por meios de enunciados concretos, preocupando-se com a linguagem não apenas como um meio pelo qual o homem produz e dá sentido à vida, mas, como também, a mesma estabelece condições de práticas sociais fundadas na e via linguagem, estabelecendo um elo entre o antes, o durante e o depois, por meio de um processo dialógico. A linguagem passa a ser um instrumento para constitutividade social dos indivíduos que dela usufruem, tendo como ação o dialogismo (Pereira e Rodrigues, 2010).

Por dialogismo entendemos a relação existente entre os enunciados dentro de um determinado contexto, sendo os enunciados produzidos conforme a relação que os sujeitos estabelecem com o que fora dito anteriormente, como também, com os

enunciados futuros. Dessa forma, a língua é percebida como um produto vivo, inerente aos seres humanos e que tem como papel preponderante estabelecer – através do seu estado comunicativo – a interação verbal, a priori, como forma de diálogo.

Ao entrar em contato consigo e/ou com o , numa relação dialógica, os sujeitos tendem fazer por meio de gêneros discursivos estabelecendo um *conteúdo temático* – garantido pelo assunto colocado em pauta; *um estilo* – por excelência os falantes selecionam consciente/inconscientemente palavras apropriadas para discursar de acordo com a gramática da língua; e uma *construção composicional* – todo campo de emprego da língua ordena seus tipos relativamente estáveis de enunciados, ou seja, os gêneros discursivos. Instaurados esses três pilares, estabelece-se uma interação entre sujeitos ou, como adverte Brait (2010), também do sujeito único embebido de outras vozes que o regem e que é por ele, até certo ponto, também regido. Tal ênfase é dada ao sujeito de ação, constituído de linguagem, situado dentro de uma dada esfera social.

A produção do gênero discursivo, frente à noção dialógica do discurso, não é consubstanciada no vácuo, ou seja, nela se inscreve toda uma construção sócio-histórica para seu acontecimento, mesmo que seja um discurso “fundador” este estará atrelado a algo produzido anterior a ele, como também, a alguma ação futura. A disposição de discursos é configurada dentro de uma mesma cultura/língua/linguagem obedecendo a ordens discursivas a partir de determinadas posições tomada pelos agentes da produção discursiva, Brait (2010). Para Bakhtin (1997), todo enunciado compreende uma ligação direta estabelecida com outros enunciados, os quais se relacionam, nos diferentes posicionamentos assumidos pelos sujeitos ou por um único sujeito, a tantos outros enunciados anteriores e posteriores a eles. No dialogismo, as partes de um discurso são estabelecidas via linguagem e a variedade de discursos

faz com que os sujeitos se posicionem frente aos novos enunciados de modo a refletirem sobre ele, o que podemos inferir, numa relação análoga – embora não tenha sido descrito em Bakhtin - como uma atividade metacognitiva.

Ao compreender um enunciado alheio o sujeito se põe no lugar de locutor e tende a transmitir algo em face do que está sendo explorado naquele instante, frente a isso ele expõe uma ação responsiva de acordo com o que está sendo observado na interação dialógica entre os locutores de uma dada situação discursiva. Porém, compreender não vai significar diretamente reconhecer apenas as formas linguísticas estabelecidas no momento do diálogo, no ato da compreensão gera-se e processa-se uma série de outros fatores que resultaram e/ou resultarão da proposição linguística somada ao seu fator ideológico, ou seja, o que a mensagem quis transmitir naquele instante de enunciação e que, de certo modo, teria outra conotação numa outra esfera de enunciação.

Dentro desse entendimento podemos considerar que o diálogo se realiza tanto no plano exterior ao conectar-se com o outro e com aquilo que eu espero do outro, como também, no plano da consciência ao se realizar por meio das inferências que o locutor faz da fala alheia, tanto no plano oral e/ou escrito (Rechdan, 2003). Para Bakhtin (1997), o diálogo estabelecido entre sujeitos situa-se dentro de uma ação compartilhada da qual podemos chamar dialógica e é situada por uma ação sócio-histórica da qual ambos sujeitos compartilham. O uso estabelecido dentro dessa ação dialógica é convencionalizada e estruturada dentro de gêneros discursivos dos quais estão presentes e se solidificam nas diversas atividades humanas.

Apesar de não ter assumido um estudo empírico sobre a teoria dos gêneros do discurso, a obra de Bakhtin tem sido validada como suporte teórico, seja para se opor ou concordar, principalmente à corrente do interacionismo-sócio-discursivo e as

perspectivas de estudo da sócio-retórica, pois, traz à guisa das discussões o desempenho do sujeito como influente do seu mundo, incorporando a ideia de gênero enquanto ação social (Silveira, 2005).

No presente trabalho, compreendemos os gêneros do discurso que circulam na academia como produto das ações do homem incorporado ao contexto científico, como também, meio privilegiado pelo qual o homem exhibe à sociedade as experiências vivenciadas academicamente. Há vários gêneros acadêmicos que necessitam serem construídos de modo argumentativo, entre eles, o artigo científico e o ensaio acadêmico, sendo este último nosso foco de análise.

2.4. Ensaio: um gênero discursivo argumentativo

Fica compreendido neste trabalho a argumentação como uma atividade dialógica onde os sujeitos se posicionam de forma a defender um ponto de vista, ou seja, de modo a aumentar a possibilidade de aceitação do outro perante suas afirmações verbais construídas dialogicamente. Por conseguinte, entendemos o gênero ensaio como um meio privilegiado pelo qual os sujeitos podem suscitar seu ponto de vista já que a composição do gênero em pauta requer, adequadamente, um posicionamento crítico e reflexivo.

Para Adorno (1994), o ensaio atende às necessidades do ser humano em se expressar sobre um determinado assunto criando para si uma conjectura de valores e normas que transcende a aspectos formais ditados, porém, adensado pelo teor crítico e reflexivo de quem o escreve. Para o autor, é uma forma de configurar o pensamento tomando para si próprio como um ponto de reflexão, buscando na escrita uma maneira de dizer sem regras, mesmo que, apresentado e construído na regra da linguagem e da coerência do pensamento. O método no ensaio é adensado pelo teor

argumentativo que julga Adorno (1994), ser uma das principais características a serem desenvolvidas dentro do gênero, o teor crítico e subjetivo tende a ser as principais marcas serem observadas no gênero discursivo ensaio. Para o autor, o que se institui não é uma padronização no método da escrita, mas, sim, no método da reflexão acerca do que está sendo posto em prática. Neste caso, a escrita passa apenas a ser o meio pelo qual o ensaísta expõe suas ideias.

Larrosa (2004) ressalta uma estrutura híbrida no gênero ensaio por transitar, de um ponto de vista histórico, entre os campos da filosofia e da literatura. Filosófico porque desabrocha uma atitude reflexiva e responsiva, denotando uma leitura expansiva acerca do que é produzido; literário por requerer uma linguagem mais sofisticada que busque, de certo modo, a adesão do leitor. Esta linguagem está configurada de acordo com o estilo de quem compõe o ensaio, sendo construído de acordo com as características intrínsecas do seu autor.

Entretanto, em seus escritos, o autor atenta para o rigor da composição que o ensaio obteve ao longo do tempo, como também, da forma como o mesmo é concebido dentro de outras áreas do saber, libertando-se das teias da filosofia e da literatura que, de certa forma, o limitava. Tal liberdade implica dizer que outras áreas do conhecimento passaram a utilizar o ensaio como gênero para difundir seus achados.

Nessa direção, podemos compreender que cronologicamente o gênero ensaio adentrou nas academias sendo aprimorado de acordo com as necessidades encontradas ao longo do tempo. O ensaio torna-se interessante no meio acadêmico por revelar as ideias de um sujeito situado num determinado contexto podendo, ele próprio, ser um sujeito de ação, o ensaio, mais do que propagador de uma produção discursiva, é uma ferramenta de prática social (Santos & Costa, 2009).

Segundo Paviani (2009) experimentar, questionar, refletir e criticar acerca do próprio objeto de investigação são características marcantes no gênero ensaio o que o distancia de outros gêneros como a resenha, a carta de solicitação, o artigo científico, o romance, o tratado, o conto, a bula, o poema, o boletim de ocorrência etc. e lhe caracteriza enquanto gênero discursivo.

Podemos definir, igualmente a outros gêneros argumentativos, o ensaio como dividido em três partes distintas que o compõe, a saber: introdução (ponto de vista) - nessa parte introdutória o autor busca levantar uma tese a ser discutida tomando, entre as várias teses que se podem ser discutida acerca de um conteúdo, algo que sirva de questionamento; desenvolvimento – o autor assume, por meio de argumentos, alguns posicionamentos acerca do que foi levantado na introdução, buscando angariar a atenção e a credibilidade do seu leitor, registrando um estilo próprio; e conclusão – nesta última parte o autor busca traçar um panorama acerca da sua posição frente ao que foi construído. Não se trata de uma postura final em relação ao assunto, mas, sim, uma reflexão/discussão do que houvera sido exposto. Todas as partes se entrelaçam de forma coesa/coerente perfazendo um corpo textual nutrido de significado, sendo uma produção essencialmente crítica e interpretativa (Paviani, 2009). O ensaio permite a quem o compõe a possibilidade de refletir sobre o conteúdo abordado no texto, como também, a reflexão acerca de outros textos oral ou escrito que versem sobre um tema em comum.

Como ressalta Paviani (2009), há muito mais características a serem descritas no gênero ensaio do que uma forma preestabelecida do mesmo, porém, dentre algumas características podemos ressaltar, nas palavras do autor, que o gênero ensaio:

- a) É um estudo, uma investigação, uma reflexão, etc. O ensaio parece conter em suas entranhas o caráter de provisoriidade, de proposta, de

algo que não possui a pretensão de acabamento. A palavra ensaio parece indicar essa condição;

- b) É um estudo formalmente desenvolvido, dentro de padrões mais ou menos formais; mais flexível que um tratado, por exemplo. Mesmo que seu estilo se aproxime do literário, o ensaio é elaborado, isto é, não é o espontâneo nem o caótico, mas formalmente apresentado a partir de determinados padrões;
- c) O ensaio, como texto, pode ser de natureza literária, científica e filosófica. Entre todos os gêneros textuais, é aquele que melhor possui trânsito entre a filosofia, a ciência e a crítica;
- d) Deve a exposição do assunto ser lógica, mesmo adotando o estilo livre, isto é, sem seguir os passos de uma análise detalhada ou uma demonstração exaustiva, o ensaio expõe a matéria com racionalidade, mesmo quando utiliza a linguagem poética;
- e) Tem o ensaio, apesar da diversidade de modos de apresentação, algo em comum a eles que é o rigor de argumentação, de demonstração. O rigor, que não se confunde com a exatidão, é característica indispensável do verdadeiro ensaio;
- f) O rigor típico do ensaio aparece aliado, quase sempre, à ao estilo de interpretação e de julgamento pessoal. Sem ser subjetivo, o ensaio não abole o espaço da subjetividade como pretende fazer o tratado ou o artigo científico.
- g) O rigor, a interpretação e o julgamento pessoal do autor pressupõem que haja maior liberdade de expressão, liberdade que a maioria dos gêneros não possuem. A liberdade consiste em poder defender uma posição sem o apoio empírico, documentos ou outros recursos metodológicos;
- h) Requer o ensaio, tendo em vista esse conjunto de características, que o autor tenha informação cultural e maturidade intelectual. Nesse sentido, é um gênero difícil de elaborar, pois, a liberdade de estilo, de ritmo, de expressão exige sutileza e equilíbrio.

As proposições acima descritas por Paviani não deliberam formas estáveis do gênero em pauta, mas, sim, critérios fundamentais encontrados no ensaio que, de certa maneira, dão condições plausíveis de entendê-lo enquanto gênero. Esses pontos, somados a tantos outros, marca o ponto principal do gênero ensaio que é a sua condição de argumentação e reflexividade.

Para Santos e Costa (2009, p.4) “temos então no ensaio não somente uma exposição, mas uma construção de sentido”. Segundo os autores o ensaio passa ser um instrumento de práxis sociocognitiva, pois, requer a todo instante um movimento de articulação entre o dizível e aquilo que é construído dialogicamente. “Ao

ensaiarmos estamos construindo sentido, estamos expondo um ponto de vista, que poderá ser negociado na interação verbal” (Santos e Costa, 2009, p.5).

Pena (2006) desenvolveu uma pesquisa comparativa tentando identificar semelhanças e discrepâncias entre o artigo científico e o ensaio científico/acadêmico em revistas e meios de divulgação científica e/ou acadêmica. A autora constata que não há diferenças nem semelhanças significativas que possam ser empregadas rigidamente aos dois gêneros, e que alguns critérios de diferenças encontrados eram requeridos apenas por quem os solicitaram, ou seja, pelos editores das revistas de divulgação científica para a qual os textos haviam sido enviados, não havendo critérios bem definidos para as tais solicitações.

A autora destacou que em alguns periódicos um termo era tomado pelo outro, confundindo-se as terminologias, “não é um consenso à nomenclatura usada nos periódicos científicos para se referir a gêneros e seções de revistas”, Pena (2006, p.71). Para a autora, quanto ao gênero ensaio, este é, de certa maneira, alocado ao campo literário desfazendo-se da sua cabal importância em outros contextos científicos. Dessa maneira, cabe ao ensaísta um melhor desempenho para aceitação dentro da esfera científica/acadêmica. Tal posição pode ser explicitada através da difícil identificação das características peculiares do gênero, como também, da transposição que o mesmo sofreu ao longo do tempo para adentrar em diversas áreas do saber e, em especial, na academia, local onde creditasse mais prestígio ao artigo que ao ensaio ou outros gêneros.

Seguindo, neste trabalho, a linha de raciocínio de Paviani (2009), o gênero ensaio permite uma apreciação singular, pelo sujeito, frente ao objeto em análise, sendo este um critério preponderante, ou seja, é a voz do sujeito e, intrinsecamente, sua subjetividade sendo materializada na escrita. Ainda segundo Paviani, na produção

do gênero ensaio, há uma construção que é esboçada pela *informação cultural e materialidade intelectual* que exige diretamente um crescimento de competências socioculturais pelo sujeito escritor, o que viabiliza a caracterização do ensaio enquanto gênero.

Contudo, para produção de um gênero do discurso o contexto de fabricação de um corpus textual é, de certo modo, regulador e propulsor das diretrizes a serem tomadas na estruturação do gênero. Para Koch (2006), o contexto é um organizador de um conjunto de saberes baseados pela mediação do indivíduo com seu meio, tal mediação resulta na tomada de posição que cada sujeito terá ao longo do processo.

No nosso contexto as produções dos ensaios analisados neste estudo tiveram como objetivo, entre outros, compor duas notas para aprovação numa disciplina de introdução à Psicologia, doravante DIP, que tinha como característica distintiva o desenvolvimento de competências argumentativas. Dessa forma, os ensaios foram produzidos e circulados apenas no contexto acadêmico, cenário específico de sua produção. Assim, adotamos a nomenclatura ensaio acadêmico.

Os temas indicados para confecção dos ensaios na DIP foram, a saber: “Quais as vantagens e os limites de estudar a personalidade a partir da teoria dos traços?” e “Pode-se afirmar que a Psicologia Diferencial adota uma perspectiva interacionista sobre o debate inato-adquirido?”, primeiro e segundo ensaio, respectivamente. Os temas foram dados como perguntas para cumprir com o intuito de focar nas controvérsias, impasses, polêmicas, que deveriam ser empregadas nas produções.

Nas produções requeridas aos alunos que participaram da DIP, construída a partir do *modelo de debate crítico* (Fuentes, 2009)⁴, é pedido que os mesmos construam seus ensaios seguindo uma sequência básica estruturada em *introdução*

⁴ Ver seção 2.4.1

– apresentando o impasse a ser discutido ao longo do corpo textual; *desenvolvimento do conteúdo* – organizado por meios de argumentos que embasarão os pontos de vistas levantados na introdução, nessa fase foi indicado que os alunos apresentem, no mínimo, três argumentos para cada lado da controvérsia suscitada, podendo os ensaístas construírem quantos argumentos desejarem; e *conclusão* – uma apreciação acerca dos argumentos e contra-argumentos destacados ao longo do texto e uma análise coerente acerca dos prós e contra elencados.

A figura abaixo sumaria a estrutura básica do ensaio solicitado na DIP:

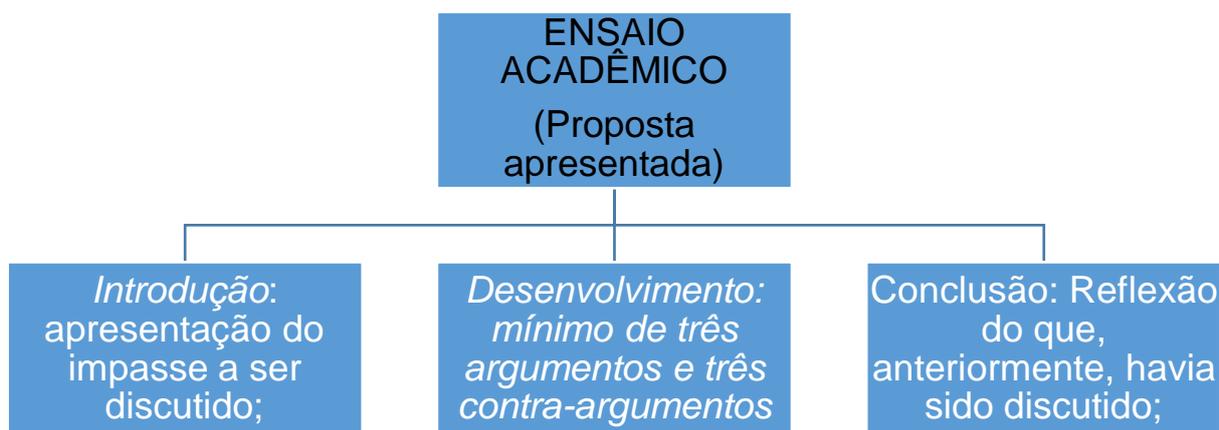


Figura 1: ensaio solicitado na DIP

Na abordagem aqui tomada são produções de alunos do 1º período de um curso do centro de humanidades de uma universidade pública da cidade do Recife-Pe, que participaram de um trabalho voltado para o desenvolvimento de competências argumentativas nas modalidades oral e escrita e que, conseqüentemente, impulsiona o aperfeiçoamento do pensamento crítico-reflexivo.

A mediação pedagógica é baseada no modelo de debate crítico – MDC Fuentes (2009), adaptado para o uso em sala de aula pelo Núcleo de Pesquisa da Argumentação (NupArg – UFPE), com o objetivo de promover o desenvolvimento do pensamento crítico em estudantes universitários. O MDC foi originalmente criado pelo

Centro de Estudios de la Argumentación y el Razonamiento – CEAR em Santiago do Chile. O MDC busca promover uma prática pedagógica baseada nas práticas de argumentação, destacando nas suas atividades a resolução de conflitos por meios de torneios interescolares de debate.

Para uma melhor compreensão sobre o MDC e, conseqüentemente, seu uso no contexto de sala de aula em que os ensaios analisados neste estudo foram produzidos. Teceremos, nas seções subseqüentes, o que vem a ser o MDC, como também, a sua adaptação para o contexto educacional brasileiro. Tal investida será válida para destacar qual a intenção de solicitar, dos discentes, o gênero ensaio acadêmico e não outro gênero quanto à produção escrita, como também, em que tipo de intervenção pedagógica os mesmos foram solicitados.

2.4.1. O modelo de debate crítico: a proposta de Fuentes

Como maneira de promover o desenvolvimento de habilidades cognitivas o governo chileno, em 1997, propõe a implementação de torneios interescolares como atividade de promoção dessas habilidades. O modelo de debate crítico – proposta apossada para tal empreitada -, como até então era concebido, foi desenvolvido pelo programa Bandeira do Centro de Argumantação – CEAR – da Universidade Diego Portales – UDP- de Santiago do Chile (Ramírez, 2012).

Em 2002, levando em consideração as sistemáticas análises do referido programa, o Debate Crítico torna-se alvo de uma nova concepção, não sendo mais apenas encarado como uma prática socioeducativa que possibilita o desenvolvimento de competências argumentativas, como também, a aquisição de habilidades cognitivas, busca-se, neste, também, uma maior inserção dos jovens nos processos democráticos (Fuentes, 2009).

Indo de encontro ao debate tradicional⁵, caracterizado pela tentativa de angariar a adesão do outro de uma forma assistemática sustentando um ponto de vista a qualquer preço, como acontece em debates parlamentares, Fuentes percebe o modelo de debate crítico como uma atividade dialógica na qual os sujeitos envolvidos estão orientados por uma estrutura que lhes permitem um enfoque crítico quanto aos seus posicionamentos por meio da argumentação (Leitão, 2012).

A discussão gerada pelo modelo de debate crítico tem como objetivo criar situações de debates racionais favorecendo aos participantes condições simétricas de participação que, diferentemente do modelo tradicional, favoreça a resolução de conflitos por meio de uma atitude racional dos indivíduos (Souza, 2013). Dessa forma, a argumentação de forma regulada e racional torna-se critério de primazia entre os participantes, requerendo um treinamento contínuo dos mesmos nos diferentes debates em que participam.

No modelo proposto por Fuentes (2009) os argumentos proferidos pelos defensores de um dos lados da polêmica discutida não tem a pretensão de impor os argumentos produzidos pelo outro por meio de um apagamento qualquer de forma desconexa, mas, sim, torná-los avaliáveis, compreensivos e aceitos dentro de um esquema estruturado. Portanto, os argumentos são direcionados de maneira respeitosa e reflexiva, por meio de uma atividade dialógica, substanciadas nas esferas da linguagem.

Com o intuito de fundamentar o debate crítico Fuentes buscou apoio em diferentes perspectivas de diálogos, a destacar: o diálogo crítico e o diálogo ideal.

⁵ Entende-se, neste trabalho, como debate tradicional o não regrado como acontece em situações informais na conversa entre amigos etc. ou em situações formais como entre os parlamentares, reuniões, aulas, palestras, etc.

A concepção do diálogo crítico é encabeçada pelas propostas trazidas por Rabossi (2002), que o define disserta pela existência de julgamentos diversos sobre um determinado tema por meio da argumentação, estabelecida por uma simetria entre as propostas colocadas à discussão. Neste são considerados pontos que convergem e divergem independente da posição que os debatedores assumem, sem necessidade de coação do outro, pois, há a possibilidade de tecer comentários livremente, desde que de acordo com o tópico posto em pauta. Neste tipo de diálogo, deve-se renegar o anseio pessoal de que o outro aceite aquilo que se argumenta, como também, apresentar apenas as formas argumentativas plausíveis de análise (Fuentes, 2011).

Já o diálogo ideal, fundamentado nas perspectivas de Habermas *apud* Fuentes (2011), assume que há possibilidade do participante mudar seu papel argumentativo assumindo diferentes posições de acordo com o cenário dialógico, as competências argumentativas podem ser aprimoradas ao longo do contexto argumentativo. Há ausência de repressão externa quanto à discussão crítica e acesso irrestrito aos componentes estruturantes dos problemas implicados para continuidade do diálogo posto em prática. Ambos os lados participantes do diálogo buscam, de forma racional, condições plausíveis para o desdobramento de um diálogo coerente, sustentando a premissa de que em um diálogo deve-se trabalhar com formas argumentativas passíveis de serem analisadas pelos participantes (Ramírez, 2012).

Baseado nos modelos explicitados, a proposta sugerida por Fuentes (2009) tem como características: conflito de opiniões a partir das quais os participantes sugerirão razões contra, a favor ou indiferente, ancorados em uma estrutura proposicional padronizada; argumentos que possam ser balizados dentro do contexto em que foram construídos (o debate); um sistema que possa ser capaz de avaliar falácias entre outras violações cometidas durante o diálogo crítico; esquematização dos turnos de

fala e organização de papéis, cunhados por declarações proposicionais padronizadas; presença de um júri que possa aferir e definir, através de um acordo previamente firmado, os critérios a serem ajuizados.

Ainda com referências de competição advindas do debate parlamentar – onde se procura impor uma opinião sobre o outro -, o debate crítico, revestido de um novo sentido proposto por Fuentes, é vivenciado como um torneio interescolar no Chile, país onde nasceu o modelo aqui escrutinado.

Nesta forma original de aplicação do modelo, em torneios interescolares, vale salientar que os participantes, alunos de diferentes escolas, são os mesmos do início ao fim do torneio, como também, cada equipe é treinada por um professor de suas respectivas escolas capacitado pelo CEAR. O treinamento consiste em compreender de que forma acontece o debate como o ensinamento de regras e outros, discutir a importância sobre a pesquisa dos tópicos a serem discutidas durante o torneio e quais os critérios que marcam um melhor posicionamento da qualidade dos argumentos construídos ao longo de um debate. Estas condições são consideradas mínimas para um bom funcionamento do debate proposto por Fuentes (Ramírez, 2012; Souza, 2013; Fuentes, 2009).

Respaldo nas informações esboçadas acima, o Modelo de Debate Crítico organiza-se na forma de um intercâmbio dialógico produzido pelos participantes divididos em quatro equipes, a saber: positiva, negativa, investigadora e juízes (Leitão, 2012). Obedecendo as regras acordadas a equipe investigativa, com função preestabelecida anteriormente, abre as etapas do e se incube de expor argumentos favoráveis e contrários relativo ao tópico discutido, fundamentados em pesquisas anteriormente requeridas para polêmica. Em seguida, as equipes positiva e negativa formadas cada uma por três alunos (debatedores) tem como papel defender um ponto

de vista, por meio de argumentos claros, frente a um tópico trazido para discussão. Com base nos critérios de força e solidez propostas por Govier (2010) - para avaliação de argumentos - a equipe de juízes se encarrega de avaliar os argumentos proferidos. Símbolos lógicos e planilhas são utilizadas para facilitar a avaliação, feita em um curto tempo, pela bancada de juízes. A plateia, ao final, pode expressar seu apreço por algumas das equipes, como também, fazer perguntas de acordo com o tema apresentado. Cada equipe, de acordo com o tempo que dispõem, vai até o centro da arena formada para o debate expor sua posição obedecendo as regras anteriormente expressas.

A figura abaixo apresenta o cenário típico onde ocorre o debate crítico nos torneios interescolares chilenos.

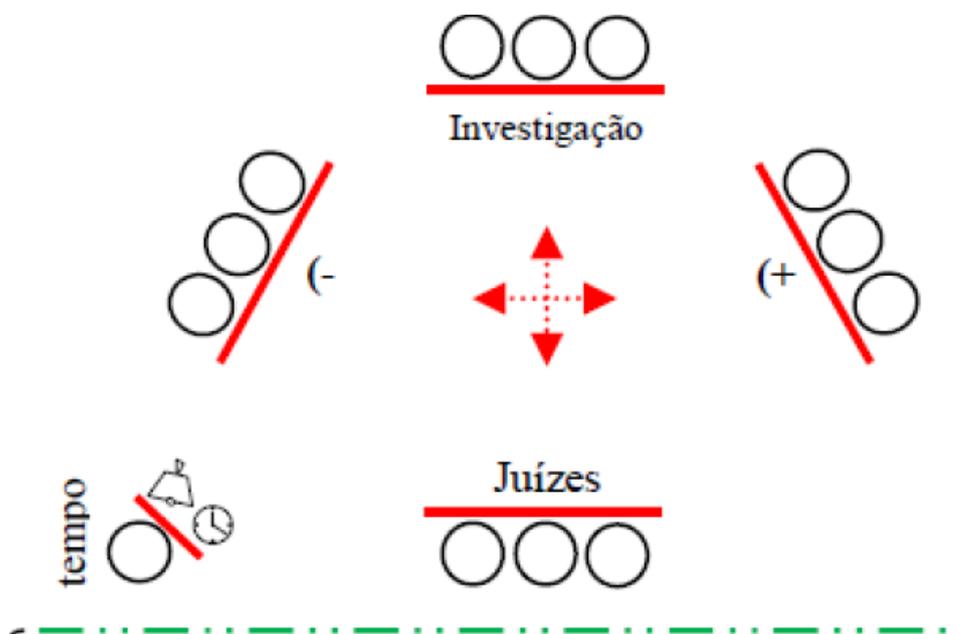


Figura 2: Modelo de Debate Crítico – MDC.
Nota: Tabela extraída de Ramirez (2012, p.33).

Dada sua arquitetura, o Modelo de Debate Crítico acontece ao longo de cinco fases distintas e complementares “cada uma das quais cumpre funções específicas” (Leitão 2012, p.31).

A primeira etapa é caracterizada como a *abertura do debate* na qual a bancada de investigadores apresenta um balanço de pesquisa, apresentando os prós e contras acerca do tema a ser discutido durante o debate. Na fase seguinte, *debate restringido*, as bancadas – sabedoras do tema e da pesquisa apresentada pelos investigadores – se alternam expondo pontos de vistas sobre o tópico em foco, assumindo uma posição discursiva e responsiva sobre o que se é argumentado. A fase subsequente, nomeada *debate aberto*, são apresentados novos argumentos ou argumentos emergentes ainda não suscitados nas fases anteriores. A participação é efetivada por meio de uma série de ciclos, através de uma dinâmica discursiva na qual as equipes se revezam de modo a responder as perguntas feitas pelas bancadas oponentes. Atuam nesta etapa as três equipes: afirmativa, negativa e de investigação. Ao final dos dois debates é feita uma *reunião* das bancadas com os professores que os auxiliam.

Aos professores cabe a missão de discutir junto aos alunos participantes quais as melhores estratégias argumentativas utilizadas durante os debates e, respectivamente, raciocinando quais argumentos são mais fortes quando comparados a outros. Os professores são treinados pelos pesquisadores do CEAR no intuito de saberem conhecer e cotejar melhores meios de participação dos alunos durante os debates.

Por fim, há o *fechamento resolutivo*, neste momento espera-se que cada bancada sumarize os pontos levantados ao longo do debate, como também, avalie quais os melhores argumentos produzidos ao longo do mesmo apresentando uma posição acerca do conflito causador do debate. Os juízes, em seguida, avaliam quais os melhores argumentos conforme os critérios de qualidade de argumentos apresentados por Govier (2010).

2.4.2 - Adaptação do MDC ao cenário educacional superior brasileiro

Devido a sua implantação como uma prática de intervenção pedagógica no contexto de sala de aula brasileiro de uma universidade pública - diferenciando da sua proposta inicial – coube a essa nova investida se adequar às necessidades específicas do mesmo, visto que o MDC era, até então, utilizado em torneio entre escolas o que o fazia acatar a outros critérios de sistematização. Tal empreitada teve o objetivo de, através de conteúdos curriculares comuns de uma disciplina de psicologia, propiciar aos alunos uma reflexão básica sobre a argumentação e seu papel no desenvolvimento do pensar crítico, além de oportunizá-los com a prática da argumentação nos diferentes debates realizados durante os ciclos temáticos vivenciados na disciplina (Ramírez, 2012).

Na adaptação do MDC ao uso em sala de aula, dois pontos essenciais foram levados em consideração. O primeiro, que o ensino-aprendizagem de conteúdos curriculares fosse assegurado ao longo da disciplina, como também, o desenvolvimento de competências argumentativas, obedecendo a objetivos antecipadamente especificados. Para tanto, foram tomados os textos e os conteúdos curriculares da disciplina, na qual o MDC foi implantado, como referência para promoção dos debates. O segundo ponto devia repetir a um conjunto de alterações do modelo original de modo a ajustá-lo ao novo contexto de uso (sala de aula). As mudanças estabelecidas foram encaradas como uma consequência natural já que diferentes posicionamentos, diante de uma nova realidade, seriam assumidos Leitão (2012).

A tabela abaixo sumaria diferenças básicas na aplicação do debate crítico aos dois contextos.

Quadro 1

Parâmetros	MDC/original	MDC/sala de aula
Meta educativa	Desenvolvimento de raciocínios/atitude	Desenvolvimento de raciocínios/atitude; ensino-aprendizagem
Tópico do debate	De interesse geral	Curricular (conhec. canônico)
Duração	Um ano (aprox.)	Semestre letivo (15 semanas)
Avaliação dos alunos	Desempenho no debate	Desempenho no debate; aprendizagem do conteúdo curricular
Motivação para participação	Prêmio	Nota
Natureza da participação	Membro de uma das bancadas	Membro de uma das bancadas; platéia (papel de juiz)
Preparação do debate	Extraclasse	Em classe
Participantes no debate	04 grupos de 03 alunos cada	Todos os alunos (em diferentes funções)
Número de participações	Várias (bancadas vencedoras)	Uma vez (tipicamente)
Investigadores	Alunos	Professora da DIP
Assessores	Professores das escolas participantes	Monitores
Público presente	Geral	Colegas inscritos na DIP
Papel do público	Expectador	Avaliador (papel de juiz)

Tabela: Proposta de implantação do Modelo de Debate Crítico

Nota: Tabela extraída de Leitão (2012)

Resguardando as notas descritas acima, quanto à implantação do debate crítico em diferentes contextos, a disciplina foi dividida em seis ciclos temáticos, constituídos por, aproximadamente, quatro a seis aulas cada ciclo, com duração de 1h40m.

A figura abaixo sintetiza a dinâmica estabelecida a cada ciclo.



Figura 3: Ciclo metodológico da disciplina.

Nota: Figura extraída de Ramírez (2012, p.41)

Na primeira aula de cada ciclo um tópico curricular era introduzido pela professora – em substituição à bancada investigativa – buscando introduzir diferentes opiniões sobre o tópico suscitado, e indicando leituras previamente estabelecidas seguidas ou não de um exercício.

Na aula seguinte, aula dois, há uma retomada do conteúdo curricular já definido na aula anterior somando a estes conceitos da argumentação, sendo marcada como momento especialmente dedicado ao preparo do debate, sempre com base nos textos definidos para a disciplina.

A terceira aula foi dedicada ao debate propriamente dito, nos moldes referentes pelo Modelo de Debate Crítico (com adaptações), seguido de uma avaliação reflexiva acerca dos argumentos proferidos durante o mesmo.

O fechamento, aula quatro, se encerra com uma aula em que a professora – neutra durante o debate – retoma as discussões acerca do que foi proferido durante as fases anteriores do ciclo quanto ao conteúdo curricular, como também, às noções de argumentação que foram inseridas naquele determinado ciclo (Leitão, 2012; Ramírez, 2012; Souza (2013).

Tal configuração permite a participação de todos os alunos assumindo diferentes papéis nas distintas fases dos ciclos, ora como juízes, ora como debatedores, ora plateia, pois, os mesmos não possuem uma participação fixa. Dessa forma, busca-se garantir, progressivamente, o desenvolvimento das competências argumentativas, como também, o desenvolvimento dos alunos nos debates.

Para obtenção de uma nota ao final do semestre os alunos são solicitados a compor, no terceiro e sexto ciclo, um ensaio relativo ao que foi discutido de acordo com as noções de composição explicitadas para confecção do gênero requerido. Tal pedido faz parte de um dos critérios de avaliação solicitada pela universidade onde o

MDC foi implantado. A produção dos ensaios, pelos alunos, gerou o banco de dados utilizado como análise nessa dissertação. O capítulo seguinte apresentará o método utilizado para análise desse corpus.

Somando ao que foi falado sobre o ciclo metodológico da disciplina, e como parte dos ciclos três e seis, era solicitado que os alunos escrevessem ensaios para composição de suas notas, conforme regra exigida pela instituição.

Para composição dos ensaios – foco de nosso interesse - foram enfatizados que os alunos produzissem seus textos, de acordo tópicos trabalhados durante a disciplina indicando nos mesmos um número mínimo de três argumentos e três contra-argumentos. Para tanto, era enfatizado que os alunos ao produzirem os argumentos não os construíssem em forma de listas ao longo de suas produções, mas, sim, mantivessem uma relação entre os argumentos e contra-argumentos, como forma de garantir uma relação dialógica ao longo de suas produções. Houve também um acompanhamento, junto aos monitores da disciplina, na tentativa de sanar as dúvidas que surgiam para confecção do gênero. Os textos escolhidos para produção dos ensaios e seus respectivos impasses eram apresentados no ciclo dois para ser entregue e discutido no ciclo três e, respectivamente, no ciclo cinco para ser entregue e discutido no ciclo seis.

Após a confecção do primeiro ensaio os alunos foram convidados a reler a correção de seus textos e, caso quisessem, o reescrever. A oportunidade de reescrita acabou trazendo uma nova oportunidade dos alunos desenvolverem sua habilidade argumentativa escrita por meio de uma tomada de consciência metatextual⁶. Antes da produção do segundo ensaio os alunos fizeram leitura dos ensaios dos colegas como forma de direcionar um novo olhar nas suas produções. Foi enfatizado o uso de

⁶ O termo consciência metatextual refere-se às práticas nas quais os indivíduos tomam o texto como objeto de reflexão, Gombert (2003).

conectores e operadores argumentativos e quais suas finalidades na confecção de um texto argumentativo. Por último, foi entregue uma ficha de correção (ver anexos) aos alunos para que os mesmos se detessem aos critérios que estavam sendo avaliados.

3. Objetivos

3.1. Objetivo geral

Investigar o desenvolvimento de competências argumentativas através da análise das produções textuais de estudantes universitários que participaram de uma experiência pedagógica que teve como propósito promover o desenvolvimento de competências argumentativas dos estudantes através da reflexão crítica sobre conteúdos curriculares.

3.2. Objetivos específicos

- Analisar quais os ganhos qualitativos, em textos argumentativos escritos, obtiveram os alunos participantes da pesquisa;
- Analisar se as produções realizadas são, de fato, gênero discursivo ensaio;
- Averiguar o emprego de movimentos argumentativos nas produções textuais;
- Identificar os tipos de argumentos utilizados pelos graduandos na primeira e na segunda produção textual;
- Verificar a força e a solidez dos argumentos produzidos;
- Identificar eventuais mudanças na qualidade argumentativa estabelecendo uma relação entre a primeira e a segunda produção textual;

4. Método

A abordagem metodológica adotada nesta pesquisa é a qualitativa, caracterizada como uma análise das especificidades de um produto, de um processo ou de uma condição humana, construído dentro de um processo sócio-histórico. A pesquisa qualitativa procura esclarecer em profundidade os significados do objeto de estudo sem o compromisso de mensurá-lo quantitativamente, procurando elucidar as particularidades do elemento a ser investigado, Chizzotti (2003); Oliveira (2005).

Para Chizzotti (2003), a pesquisa qualitativa deriva de uma mutação de várias relações com as diversas áreas com as quais dialoga, sendo uma profusão de teorias e métodos que acabou por envolver as ciências humanas e sociais abarcando diferentes paradigmas desde os de cunho mais positivistas até os fenomenológicos. Segundo o autor o termo qualitativo incide um envolvimento contundente entre pessoas, fatos, locais e suas múltiplas relações, o que vai constituir objetos de pesquisa emergidos das relações estabelecidas, favorecendo ao pesquisador esclarecer os significados ainda não visíveis do objeto estudado.

As investigações de cunho qualitativo buscam demarcar com clareza as vias pelas quais o investigador tomou como análise, alega-se que pesquisador e objeto de análise são afetados na elaboração da metodologia a ser implantada. Vale ressaltar que dificilmente, como adverte Günther (2009), não há um pesquisador nomeado qualitativo que não se interesse por questões quantitativas, ou um pesquisador assumidamente quantitativo que não se renda às formas complexas dos casos nas pesquisas analisando-as qualitativamente. Porém, nomeia-se qualitativo ou quantitativo a predominância de um dos métodos na(s) pesquisa(s).

Assim, podemos afirmar que a presente pesquisa é de cunho qualitativo. Tal opção só é possível porque delimitamos aqui a linguagem como um artefato de

interação social, de natureza dinâmica, utilizada em circunstâncias próprias, o que implica compartilhamento de saberes, valores, crenças, intenções, suposições, ideologias, etc. entre os que dela compartilham. Destaca-se, ainda, dentro do enfoque dado à linguagem, a argumentação como um elemento linguístico-discursivo particular da linguagem que, mesmo com variações do contexto, conserva particularidades e funcionamento fundamentais passíveis de utilização pelos usuários da língua.

Partindo dessas compreensões, entendemos que a pesquisa qualitativa não é uma tomada de teorias demarcadas dentro de um vácuo de suposições especuladas pelo pesquisador, mas, sim, como um meio pelo qual o pesquisador pode se apoiar para demarcar aquilo que será passível de análise mediante o objeto a ser investigado.

Para Azevedo (1998), a linguagem/discurso compreende, comumente, uma dimensão contínua de significados e que os mesmos são dados dentro de espaços específicos de produção, não estando vinculados apenas à sentença produzida, mas, sim, ao contexto em que fora produzida. Dessa maneira a linguagem passa a ser um artefato opaco e passível de análise, rompendo com concepções que a concebem como um elemento cristalino que descreve de maneira exata a realidade. Nas palavras de Breakwell (2010, p. 364), “dentro de uma abordagem discursiva à psicologia, a linguagem é representada não como refletindo a realidade social e psicológica, mas como construindo essa realidade”. A organização discursiva também pode ser apontada como outro fator comum entre os estudos da linguagem, visto que, para os estudiosos da linguagem o homem é entrecortado por contradições, pois não há quaisquer verdades sendo postas na sua realidade, sendo estas sempre uma construção discursiva alocada de acordo com o homem e seu meio (Breakwell, 2010).

Assumindo esta perspectiva, entendemos que o eixo principal que reside sobre uma investigação no campo da linguagem deve mostrar como a linguagem edifica, adequa e manipula o conhecimento, as relações sociais e as instituições, e avaliar as formas pelas quais os sujeitos utilizam, de modo ativo, a linguagem na construção de significados produzindo sentidos (Azevedo, 1998).

Os apontamentos feitos Azevedo (1998) e (Breakwell, 2010) - da linguagem enquanto meio pelo qual é possível o homem se modificar e modifica-la - como comumente encontrada nas diferentes abordagens que trabalham com linguagem, acomodam-se de modo eficaz aos objetivos pretendidos pelo estudo proposto e, conseqüentemente, substancia as escolhas estabelecidas para análise do corpus dessa pesquisa.

4.1. Corpus

Como já referido o corpus da pesquisa é constituído de ensaios produzidos pelos alunos na durante uma disciplina promovida no primeiro período, em um curso de humanas, de uma universidade pública da cidade do Recife-Pe com o propósito de promover o desenvolvimento argumentativo dos participantes. No referido projeto, os alunos eram solicitados a escrever dois ensaios – gênero discursivo de linguagem argumentativa - como requisito parcial para obterem aprovação na disciplina cursada.

Do total de ensaios feitos os primeiros foram produzidos sobre a problematização “Quais as vantagens e os limites de estudar a personalidade a partir da teoria dos traços” solicitado no segundo ciclo para ser entregue quando do acontecimento do terceiro. E, para o segundo ensaio, “Pode-se afirmar que a Psicologia Diferencial adota uma perspectiva interacionista sobre o debate inato-

adquirido”, solicitado durante o quinto ciclo da disciplina para ser entregue quando do acontecimento do sexto ciclo. Os ensaios solicitados versavam sobre assuntos pertencentes ao conteúdo curricular a ser debatido no dia da entrega dos trabalhos, tal iniciativa – acordada no planejamento da DIP – possibilitou facilitar o estudo dos estudantes para os próximos debates.

Para esta pesquisa foram analisados um total de setenta ensaios. Para o corpo da dissertação foram escolhidos seis ensaios a serem descritos de modo microanalítico, ressaltando que os demais também foram analisados no modo microanalítico, porém, não estando no corpo da dissertação. Os outros sessenta e quatro ensaios são apresentados de acordo com uma tabela criada para apresentação sumaria dos ensaios um e dois (Ver anexos).

O critério de escolha dos seis ensaios, de modo microanalítico, que compõem corpo da dissertação se deu em relação à nota atribuída aos alunos em sua primeira produção escrita, resultando na escolha dos ensaios através da maior nota, da nota mediana e da menor atribuída.

4.2. Procedimento de análise dos dados

De acordo com os diferentes focos de investigação vigentes no NupArg esta pesquisa, em especial, interessa-se pelo estudo da competência argumentativa nos ensaios produzidos pelos universitários que participaram de uma disciplina em que é privilegiado o Debate Crítico. O intuito maior é averiguar se há melhoria na competência argumentativa nos argumentos produzidos nos ensaios, já que os graduandos estavam imersos em uma situação onde argumentação e reflexão foram tomados como elementos de primazia no desenvolvimento do raciocínio e do

pensamento crítico reflexivo e, se há, de que forma indícios disto estariam presentes no texto escrito.

Para uma melhor acentuação dos objetivos que aqui estão sendo propostos vale salientar que, no plano analítico, estamos tomando a argumentação como uma atividade social dialógica-discursiva e que, pela qual, pode-se perceber ganhos qualitativos na melhoria do pensamento crítico, através da materialização discursiva em textos escritos. Para tanto, analisaremos os ensaios produzidos sob à luz dos gêneros discursivos, levando em consideração o contexto de solicitação para produção dos ensaios, como também, de seus respectivos produtores (Rojo, 2005).

4.3. Fases de análise

As fases de análise deste trabalho dividem-se em dois momentos: um compreendido como microanálise e um segundo, oriundo do primeiro, reportado como macroanálise. Tal configuração deve-se ao fato de querermos elencar algumas particularidades dos ensaios de forma individual ao que tange a microanálise; e a segunda uma configuração comparativa entre os ensaios produzidos, tanto entre os mesmos sujeitos, como também, entre os sujeitos, tal ênfase é dada ao que chamamos de macroanálise.

4.3.1. Micronálise

Nesta fase realizaremos uma análise dos ensaios sob quatro diferentes dimensões: as recomendações recebidas pelos alunos durante a DIP para tal composição textual, como também, pelas diretrizes do gênero ensaio fomentadas por

Paviani (2009) que juntas indicam o quesito características do gênero ensaio; Em seguida analisaremos os argumentos produzidos pelos alunos de acordo com a tríade de análise proposta em Leitão (2000; 2007^a; b; 2008; 2011), no intuito de identificar argumentos, contra-argumentos e respostas nas produções. Conseqüentemente, analisaremos os tipos de argumentos de acordo com a classificação dada por Walton (2010). Por último, analisaremos os critérios de força e solidez presentes nos argumentos, como proposto em Govier (2010), intencionando identificar a qualidade argumentativa de forma minuciosa em cada produção.

Esta fase reporta-se a análise individual dos textos nos dois momentos de produção (1^o e 2^o ensaios), bem como, detalhamento criterioso de cada produção averiguada (comparação entre os ensaios). O tabela abaixo sintetiza os critérios adotados para análise.

Caracterização do gênero ensaio

Solicitação na DIP	Segundo Paviani (2009)
1- Construção de, no mínimo, três argumentos e três contra-argumentos; Esquema: Arg1 + Arg2 + Arg3 CArg1 + CArg2 + CArg3	1- É um estudo, uma investigação, uma reflexão, etc. 2- É um estudo formalmente desenvolvido, dentro de padrões mais ou menos formais;
2- Número máximo de seis páginas e de, no mínimo, quatro laudas;	3- O ensaio, como texto, pode ser de natureza literária, científica e filosófica;
3- A utilização de citações de fontes;	4- Deve a exposição do assunto ser lógica;
4- Diálogo entre as partes do texto;	
5- Posicionamento crítico sobre os argumentos e contra-argumentos;	
6- Uso de operadores argumentativos;	

Tabela 2: Sumarização das recomendações para confecção dos ensaios.

4.3.2. Macroanálise

Esta fase refere-se à comparação dos ensaios produzidos pelos alunos identificando quais os ganhos qualitativos que foram observados entre os primeiros e os segundos ensaios. Dessa forma, buscaremos identificar quais as principais características são abarcadas, nos ensaios, pelos estudantes ao longo do processo de participação na disciplina, na qual buscou promover o desenvolvimento de competências argumentativas. Ainda neste trabalho se faz necessário avaliar, através de comparação, o ganho qualitativo nos ensaios produzidos quando averiguados em conjunto.

Para tanto temos como proposta resumir a estruturação dos ensaios produzidos pelos participantes. Seguindo nossa vertente metodológica serão apresentados gráficos, em níveis percentuais⁷, das categorias apresentadas nos ensaios em seus dois momentos. Primeiramente explicitaremos em tabela o que foi observado quanto a categorias de gênero. Posteriormente será apresentado gráficos e suas respectivas discussões acerca dos elementos da tríade argumentativa; dos tipos de argumentos; e da sua cogência, sempre comparando, de modo geral, primeiro e segundo momento de produção

4.4. Categorias analíticas

Os textos produzidos serão analisados primeiramente quanto a pertinência de sua estrutura ao gênero ensaio; segundo em relação a tríade argumentativa proposta

⁷ A apresentação em percentuais tem um caráter apenas descritivo, visto que, o foco de nosso trabalho está baseado em uma investigação de natureza qualitativa, como já foi, anteriormente, mencionado.

em Leitão (2000; 2007^a; b; 2008; 2011); terceiro quanto aos tipos de argumentos proposto em Walton (2010); por último quanto aos critérios de força e solidez versadas em Govier (2010). Seguindo essa ordem exporemos, a seguir, cada categoria analítica.

4.4.1. A estruturação do gênero ensaio

A estruturação do gênero ensaio tem como base analítica os quatro primeiro critérios classificados em Paviani (2009) já sinalizados na seção destinada ao gênero ensaio e sumariadas a seguir: 1º É um estudo, uma investigação, uma reflexão, etc.; 2º É um estudo formalmente desenvolvido, dentro de padrões mais ou menos formais; 3º O ensaio, como texto, pode ser de natureza literária, científica e filosófica; 4º Deve a exposição do assunto ser lógica; O não uso dos outros critérios estabelecidos por Paviani (2009), deve-se ao fato de, tais critérios, recaírem sobre noções mais genéricas e idiossincráticas da produção textual e que poderiam, pela nossa leitura, serem aplicadas, comumente, a outros gêneros discursivos. Outras orientações foram recebidas pelos alunos para confecção do gênero ensaio durante a DIP, apresentados neste trabalho na seção destinada especificamente ao gênero discursivo em questão.

Vale ressaltar que essa dupla orientação não causa uma dupla análise, uma vez que os critérios estabelecidos em sala de aula recaem sobre a estruturação do gênero obedecendo a sua forma composicional, enquanto que os aspectos descritos por Paviani (2009), acentua o estilo de escrita e a forma subjetiva de compor um ensaio, portanto, complementam-se. Os critérios estabelecidos na DIP são formas fixas quanto à estruturação que deve ser contemplada na estruturação do gênero ensaio produzido pelos alunos, enquanto que as orientações dadas por Paviani (2009)

recaem sobre categorias passíveis de serem identificadas no ensaio sendo, para o autor, ter de ser contemplada, no respectivo gênero, algumas das orientações.

4.4.2. A tríade argumentativa

Este trabalho toma a tríade argumentativa de Leitão (2000; 2007^a; b; 2008; 2011) como uma ferramenta de análise pela qual é possível capturar a estrutura argumentativa nos ensaios produzidos.

A tríade proposta por Leitão é composta por argumento, contra-argumento e resposta. O primeiro é o **argumento** formado pelo ponto de vista seguido das justificativas que o embasam. O segundo é o **contra-argumento** que põe dúvidas, objeções e/ou críticas a um argumento proferido; para este Leitão (2000b) propõe alguns tipos, a saber: *suporte para o outro lado da questão* – que sinaliza um argumento para um outro lado da problemática apresentada; *contra-argumento sobre as razões* – incide inteiramente sobre as razões exibidas pelo proponente para relevar seu ponto de vista, invalidando, explicitamente, a certeza das proposições que formam o argumento do proponente; *contra-argumento sobre o elo razão-posição* – questiona a ligação razão-ponto de vista, porém, não invalida a razão aceitando-a como verdadeira. Como fechamento da tríade há a **resposta** que tem um caráter avaliativo dos enunciados produzidos anteriormente colocando, assim, argumentos e contra-argumentos passíveis de refutação. Há, segundo Leitão (2000), como descrito anteriormente, quatro formas de averiguação da resposta que incidirá em diferentes ajustes do argumento proferido, são eles: o primeiro alude-se a *resposta de destituição* ao contra-argumento, o qual implica a preservação do argumento inicial;

uma segunda denominada *resposta concordância local*, na qual se mantém o argumento inicial sem alterá-lo, aceitando em partes o contra-argumento; a terceira é chamada *resposta de integração*, nessa aceita-se soma-se elementos do argumento e do contra-argumento modificando algumas premissas do argumento inicial; a quarta e última é a *resposta de aceitação* onde adere -se o contra-argumento destituindo a posição inicial.

O uso dessa tríade buscará identificar a presença de movimento argumentativo-discursivo dando margem à análise dos ensaios e, em seguida, a qualidade dos argumentos. Tal ferramenta será útil para identificar se os estudantes conseguiram imprimir em seus ensaios os elementos mínimos para composição de um argumento na modalidade escrita, visto que, outras pesquisas já sinalizaram tal movimento acontecendo na modalidade oral.

4.4.3. Os tipos de argumentos

Os argumentos dissertados em Walton (2010) é uma busca do autor pela adequação das produções argumentativas em situações formais e não formais. Na visão de Walton (2010), os argumentos são vistos como relações semânticas estabelecidas na e via linguagem, logo, o argumento não deve ser entendido como uma proposição isolada, mas, sim, dentro de um conjunto na qual as mesmas possam cumprir efetivamente sua realização.

A proposta de Walton (2010) recai sobre os tipos de raciocínio que são gerados na produção dos argumentos, sendo estes favorecidos em ambientes onde a argumentação é tomada como elemento de desenvolvimento na forma de raciocinar dos indivíduos, sendo o raciocínio “presuntivo” e o raciocínio “falsificável” ou

“anulável”, sobretudo, os principais tipos de raciocínios versados por Walton (2010). Para o autor o raciocínio presuntivo é aquele em que a avaliação do argumento se centra na plausibilidade da conclusão em relação ao balanço das evidências diante das possíveis relações, ou seja, há uma relação entre o tipo de argumento proferido e a conclusão pretendida, pode-se inferir uma conclusão por meio das premissas. O raciocínio “falsificável” ou “anulável” é aquele em que a conclusão é retirado a partir da validação de um aglomerado de dados válidos. Contudo, a conclusão pode ser abandonada caso as premissas não se comprovem ou não se mostrem suficientes para sustentá-la (Ibraim *et al* 2012).

Outro aspecto levado em consideração em relação aos tipos de argumentos em Walton (2010) é em relação a classe e a tipologia dos argumentos. Os esquemas argumentativos são classificados em quatro tipos, a saber: os primeiros são os *esquemas argumentativos de conhecimento pessoal* – nesses argumentos o discurso construído recai sobre o posicionamento de alguém ou de um grupo em relação a algo, podendo ser a voz de quem fala ou uma terceira voz trazida para dentro da proposição proferida; os segundos são os *esquemas argumentativos de conhecimento de valor* – nesses argumentos o discurso é ajuizado sobre um valor com intenção de validar e/ou invalidar o argumento alheio, pesando sobre um posicionamento pessoal que ataca diretamente ao orador; os terceiros são os *esquemas argumentativos de regra e exceção* – são validados tendo por base a veracidade das premissas, caso as premissas não sejam verdadeiras, logo, sua conclusão não é aceita; o quarto e último são os *esquemas argumentativos de raciocínio* – que tem por finalidade conceber que tipo de raciocínio é construído no argumento. Este último esquema argumentativo é subdividido em quatro classes, a saber: há os *esquemas argumentativos de raciocínio comparativo* onde se procura

correlacionar casos, grupos e ações no intuito de evidenciar ao final apenas um; há os *esquemas argumentativos de raciocínio hipotético* onde se é construída hipóteses, evidências e/ou causas para a estruturação do argumento; há os *esquemas argumentativos de raciocínio precedente* do qual se estabelece relações entre as ações passadas ou futuras para se tomar alguma decisão, neste caso, as ações são arroladas dentro do que é mais provável com base nos precedentes; e, por último, os esquemas argumentativos de raciocínio alternativo da qual se faz uma apuração, dentro das mais variadas possibilidades existentes, tomando a mais adequada para se chegar a uma conclusão (Ibraim *et al* 2012).

Para uma melhor acentuação acerca do que consideramos acima teceremos uma tabela, baseadas em uma tabela modelo descrita em Ibraim *et al* (2012), apenas com os tipos de argumentos encontrados nos ensaios. Para uma apuração mais refinada acerca dos sessenta e cinco tipos de argumentos consultar Walton (2010). A escolha apenas dos oito tipos de argumentos encontrados nos ensaios foi feita para minimizar esforços na leitura do trabalho, como também, não desfocarmos do nosso objeto de análise (os ensaios). A tabela abaixo sumaria os tipos encontrados

Esquemas argumentativos de Conhecimento Pessoal	
Argumento de posição de conhecimento	É um tipo de argumento onde é trazido para o discurso algo que faz parte do conhecimento de quem está defendendo o argumento, sem necessariamente ser especialista no assunto;
Argumento de opinião de especialista	É um tipo de argumento que ocorre quando é tomado para fundamentar a argumentação o discurso de alguém que é conhecido pelo meio como uma pessoa que tem responsabilidade e/ou domínio sobre o assunto;
Esquemas argumentativos de Julgamento de Valor	

Argumento enviesado	São argumentos falaciosos, semelhantes entre as sentenças, dos quais torna-se difícil chegar a uma conclusão;
Esquemas argumentativos de Regra e exceção	
Argumento de regras	São argumentos construídos por meio de uma lógica na qual a realização de um ato acarreta também na realização de um outro se este outro não for uma exceção;
Argumento para definição para classificação verbal	São argumentos dos quais deriva-se uma classificação imprecisa quanto aos elementos constituídos na proposição;
Esquemas argumentativos de raciocínio	
Raciocínio comparativo	
Argumento de valor	São argumentos em que a valoração de sua conclusão é causada pelo que fora proferido nas premissas;
Raciocínio hipotético	
Argumento de causa e efeito	Presume-se que a forma de um determinado argumento cause, diretamente, efeito sobre um outro;
Raciocínio de alternativa	
Argumento de alternativas	É um tipo de argumento onde se é sustentado diversas possibilidades de acontecimentos, dúvidas, objeções, a depender do argumento proferido;

Tabela 3: tipos de argumento.

4.4.4. Critérios de força e solidez

Tendo em vista os pressupostos dessa pesquisa se faz necessária avaliar o quão os argumentos produzidos nos ensaios dos alunos de um cenário onde se é possível aceitar suas conclusões. Encontramos em Govier (2010) uma maneira de

analisar o quanto a razoabilidade dos argumentos produzidos permite atingir uma conclusão, partindo da premissa de que um conjunto de argumentos produzidos tem a pretensa disposição de angariar a aceitação de quem os recebem.

Para Govier (2010), em um argumento, as premissas devem ser observadas sobre dois aspectos que estão intimamente inter-relacionados, a saber: as premissas em si mesmas que é o próprio argumento produzido, como também, a maneira pela qual esses argumentos se relacionam para deles inferir uma conclusão. As premissas são arroladas, sobre os critérios de força e solidez, de modo a constituírem justificativas plausíveis para aceitação de uma conclusão.

Sobre os critérios de força e solidez a autora indica três critérios de avaliação para averiguar a qualidade argumentativa, são eles: aceitabilidade, relevância e suficiência (ARS)⁸.

A *aceitabilidade (Acceptability of premises)* diz respeito às “boas razões” que se tem para aceitar as premissas como “verdadeiras” podendo ser averiguadas de dois modos. Pelo modo afirmativo quando a verdade das premissas é aceitável à conclusão por meios certos, objetivos e precisos; ou pelo modo negativo quando não há indicativo de que as premissas sejam falsas, mesmo quando falha o modo afirmativo.

De acordo com Allen (2013) a premissa de um argumento é aceitável se uma das seguintes condições, subscritas, forem satisfatórias: se é apoiado por um subargumento convincente; se é apoiado em outros lugares pelo argumentador ou por outras pessoas; é conhecido por um dado número de pessoas para ser verdade; é uma questão de conhecimento comum; é apoiado por um argumentador apropriado,

⁸ “No inglês as três condições da qualidade do argumento respondem a abreviação por “ARG, que são as três primeiras letras da palavra argumentos, mas na tradução e na literatura em espanhol que se encontram sobre seu uso se conhece como “ARS”, portanto, esta mesma será usada no português” (Ramírez, 2012, p.22)

ou seja, as alegações são plausíveis; é apoiado por um recurso adequado à autoridade; a premissa pode não ser conhecida por ser racionalmente aceitável, mas pode ser aceita, provisoriamente, para fins de argumentação. Dada a aceitação parte para avaliar sua relevância, logo, uma premissa pode ser apenas aceitável e não oferecer condições suficientes para instituir uma relevância em um determinado contexto.

A *relevância (Relevance of premises)* referem-se as premissas que, quando arroladas em conjunto, oferecem condições necessárias de apoio a uma conclusão, ou seja, é caracterizada pelo conjunto de premissas que aportam razões ou evidências relevantes para apoiar um determinado fim. Dessa forma, ela se faz necessária para averiguar a cogência cuja veracidade satisfaz coerciva e total a nosso intelecto.

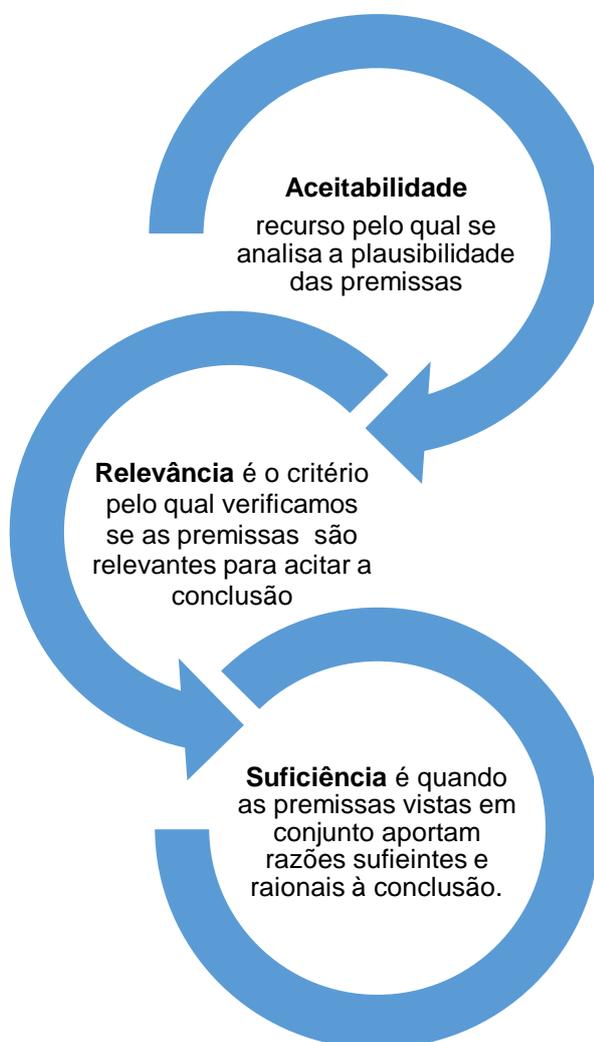
Para Allen (2013), o argumento é relevante apenas se suas premissas forem ordenadas adequadamente para a sua conclusão, isto é, se forem positivamente relevantes para a conclusão. Dada a sua definição de relevância positiva, isso significa que um argumento é relevante somente se a verdade das premissas contaria a favor da verdade da conclusão. Caso as premissas forem apenas relevantes se faz necessário averiguar sua suficiência, do contrário aceita-se a relevância das premissas, porém, não percebe-se motivos suficientes para análise de sua suficiência.

A *suficiência (Goodness of grounds)* é quando as premissas são arroladas em seu conjunto, ou seja, vista como um todo racional pelas quais podemos derivar e aferir uma conclusão. Se das premissas, analisadas em seu conjunto, pode-se derivar razões suficientes à conclusão, inferimos que da conclusão podemos obter condições significativas que justificam as premissas. Segundo Allen (2013), uma premissa torna-se suficiente quando é aceito por formas lógicas no contexto em que foi produzida,

inferindo que diferentes contextos resultam em diferentes premissas ou formas de análise das mesmas. Para Goldman (1999) a análise dos critérios de força e solidez descritos em vários autores recaem, de modo geral, como um critério ou prova da verdade, ou seja, um guia prático para dizer que as proposições possuem ou não credibilidade. Para essa investida os argumentos são postos a teorias de prova, justificação, ou determinação de verdade.

A figura abaixo ilustra os critérios de força e solidez dos argumentos acordados por Govier (2010). A figura, assim como os critérios, está disposta em grau hierárquico.

Figura 4: critérios hierárquicos da cogência dos argumentos



5. Microanálise dos ensaios

5.1. Ensaio 1 - Participante 1

Análise quanto às características do gênero

Ao que tange o texto agora tomado como análise podemos identificá-lo como um ensaio por ter apresentado algumas das características descritas por Paviani (2009) e, conseqüentemente, características solicitadas para sua produção que propôs que os alunos compusessem, no mínimo, a apresentação de três argumentos e três contra-argumentos. O quadro abaixo, retomado do item microanálise da metodologia, refere-se as características tomadas como análise.

Caracterização do gênero ensaio

Solicitação na DIP	Segundo Paviani (2009)
1- Construção de, no mínimo, três argumentos e três contra-argumentos; Esquema: Arg1 + Arg2 + Arg3 CArg1 + CArg2 + CArg3	1- É um estudo, uma investigação, uma reflexão, etc. 2- É um estudo formalmente desenvolvido, dentro de padrões mais ou menos formais;
2- Número máximo de seis páginas e de, no mínimo, quatro laudas;	3- O ensaio, como texto, pode ser de natureza literária, científica e filosófica;
3- A utilização de citações de fontes;	4- Deve a exposição do assunto ser lógica;
4- Diálogo entre as partes do texto;	
5- Posicionamento crítico sobre os argumentos e contra-argumentos;	
6- Uso de operadores argumentativos;	

Uma primeira característica demarcada no texto em julgamento é o fato de ser “um estudo, uma investigação, uma reflexão” (Paviani 2009), demarcado em todo orpo textual, que assegura uma primeira característica de ensaio a ser assinalada na produção textual. Essa característica se faz presente por meio do próprio contexto de produção do gênero em questão, visto que, as produções foram requeridas dentro de um contexto de ensino-aprendizagem em que o objetivo dos ensaios solicitados usa exatamente sobre os temas abordados na DIP. Outro fator é o próprio gênero discursivo solicitado que circula, comumente, na esfera acadêmica, local no qual investigação, estudo e reflexão são adotados como premissa na aquisição do conhecimento.

Uma outra característica que podemos identificar é, no ensaio em tela, o fato de ser de natureza científica – dado o contexto de produção. A produção do gênero, no contexto acadêmico, requer uma apropriação de conteúdos científicos, como também, o amadurecimento conceitual a respeito das teorias que versam sobre a temática em questão, levando o indivíduo a procurar fontes científicas que valorem aquilo que está sendo posto em sua produção, podendo as fontes serem argumentos favoráveis ou não. Tal característica se manifesta, na produção textual em análise, pelo uso das citações diretas (linhas 68 e 74 consultar ensaio em anexos), que são, habitualmente, empregadas em textos de caráter científico e/ou acadêmico. Para Xavier (2010, p.131), a citação “representa o diálogo entre as ideias de autores que reforçam um ponto de vista”. Outro fator que reforça o uso das citações no texto é a valoração que é dada, durante a DIP, a esse tipo de recurso estilístico nos textos, sejam eles oral e/ou escrito.

Ainda segundo Paviani (2009), o ensaio “é um estudo formalmente desenvolvido, dentro de padrões mais ou menos formais”, tal característica casa com

a construção composicional da produção dos alunos, visto que, os mesmos escrevem seus ensaios seguindo as solicitações fomentadas durante a DIP que estabelece alguns padrões, como a quantidade mínima de três argumentos e três contra-argumentos, a utilização de fontes e a quantidade mínima de quatro e de no máximo seis páginas, a serem desenvolvidas na estruturação do gênero, estabelecendo um modelo de apresentação mais ou menos formal. Seguindo esse modelo o texto em análise está em consonância com o que foi requisitado apresentando a quantidade mínima de argumentos e contra-argumentos (apresentados na próxima seção, como também, o número de razoável de laudas solicitadas).

Outra característica encontrada é quanto a lógica pois segue a análise do assunto de forma racional, perfazendo todo um percurso que faz com que os enunciados se mantenham de modo a conter uma íntima relação com o que está sendo proposto. Nesse sentido, a lógica não está diretamente ligada às questões da coesão e coerência – não sendo essas menos importante – mas, sim, a natureza do assunto proposto de forma razoável para atingir seu objetivo.

De acordo com o que fora solicitado na DIP o texto em análise respeitou a quantidade mínima de argumentos e contra-argumentos solicitados, o número mínimo de páginas, e a citação de fontes no corpo textual. Dessa forma, podemos asseverar que o texto em análise compreende um ensaio por se enquadrar tanto às descrições solicitadas durante a disciplina, como também, por estar em consonância com algumas das características expostas em Paviani (2009). Contudo, como ressalva o autor, as características por ele apontadas na identificação do gênero são as mínimas a serem atendidas, podendo outras aparecem de modo casual em alguns ensaios a depender do tipo de solicitação dos requerentes, como também, a depender do estilo do autor.

Argumentação produzida; tipos de argumento; critérios de força e solidez

Na análise deste texto e dos demais faremos os apontamentos em tabelas. A escolha desse recurso deve-se ao fato de tentar assegurar com clareza o que chamamos de argumento, contra-argumento e resposta. Os pontos de vista a serem relacionados durante todo o texto é quanto as vantagens e desvantagens da teoria dos traços. Partindo dessas perspectivas contrárias o autor cria argumentos favoráveis ou não quanto ao uso dessa teoria.

Argumento	Contra-argumentos	Resposta
Arg 1.	Ca 1.1	
“Abordagem possui diversas características que favorecem a análise da personalidade” (linhas 11 - 12)	“é contestada pela ausência de alguns fatores que poderiam fortalecer essa análise” (linhas 12 e 13)	
	Ca 1.2	
	“e pela presença de alguns fatores que enfraquecem esse estudo” (linhas 13 - 14)	

Do ponto de vista da estrutura da argumentativa podemos identificar o exceto destacado no argumento como uma justificativa em relação ao ponto de vista favorável ao uso da teoria dos traços para o estudo da personalidade. Para Walton (2010), esse tipo de argumento é o **argumento de posição de conhecimento** pertencente à classe dos esquemas **argumentativos de Conhecimento pessoal**. É um tipo de argumento em que é apresentado, no plano discursivo, algo que faz parte do conhecimento de quem o está enunciando, sem necessariamente ser especialista no assunto. Ressalta-se que esse tipo de conhecimento é, geralmente, aceito pelos

proponentes o que realça seu valor argumentativo. Infere-se que quem se utiliza desse tipo de argumento respalda-se em algo que lhe proporcione conforto para fazer as possíveis afirmações, não acontecendo de modo aleatório, mas, sim, de modo consciente. Neste caso, trata-se de tipos de argumento trabalhados nas aulas e textos utilizados durante a DIP, logo, infere-se que é um tipo de argumento proporcionado pelo contexto de produção.

Em questão aos critérios de força e solidez em Govier (2010), o argumento, em questão, possui aceitação, relevância e falha quanto ao critério de suficiência (ARS). O argumento é **aceitável** porque é dado como uma premissa verdadeira dentro do contexto que fora empregado, pois, se é conclusivo que por meio do estudo da teoria dos cinco grandes foi possível enxergar a convergência de diferentes estudos, logo, aceita-se que a abordagem se apoie em diferentes características para análise da personalidade; é **relevante** por ser um argumento valorado dentro do campo da psicologia referente aos estudos da teoria dos traços, ou seja, contém subsídios suficientes para dele inferir uma conclusão; falha quanto ao critério de **suficiência** porque quando arroladas o argumento dentro do esquema apontado não é suficiente o argumento de que várias abordagens acresceram a teoria dos traços favorecendo a análise da personalidade, não sendo este um argumento suficiente.

Porém, o argumento é contestado por dois contra-argumentos. O primeiro contra-argumento afirma a ausência de alguns fatores que poderiam contribuir para o melhoramento da teoria, que a tornaria mais passível de aceitação. O segundo contra-argumento utiliza-se do operador argumentativo **e**, somando-se ao contra-argumento anterior, fortalecendo a ideia de que a abordagem utilizada não se apresenta de modo satisfatório na tentativa de possibilitar uma leitura acurada acerca da personalidade. Os contra-argumentos ponderam tanto sobre a ausência de fatores que poderiam

auxiliar a teoria dos traços e que fazem falta na análise da personalidade, como também, pelo uso de alguns fatores que enfraquecem seu estudo tornando, ambos contra-argumentos, discursos que atacam a incorporação de diferentes abordagens à teoria dos traços.

Não encontramos uma resposta diretamente ligada ao argumento suscitado, mas, inferimos que a conclusão que vem a ser dada, posteriormente pelo autor de que a “refinação que ela sofreu com o decorrer da história pôde estabelecer fundamentos para sua fixação metodológica” (linhas 111 – 112), implica uma resposta sobre o contra-argumento produzido, mesmo não estando diretamente ligado ao contra-argumento já que tal conclusão incide sobre todo o texto, podendo ser pensada também como resposta aos outros argumentos.

Argumentos	Contra-argumento	Resposta
Arg 2.	Ca 2.1	Resp. 2.1
<p>“Traços são características fundamentais para se entender o comportamento humano, pois eles apresentam uma base biológica fundamentada e por isso são denominados comportamentais” (linhas 24 - 26)</p>	<p>“porém, os fatores não serão exatamente iguais pois os níveis das variantes poderão mudar de acordo com as característica da cultura que a pessoa tiver contato”) (linhas 28 - 30)</p>	<p>“no entanto, independente do nível dessa influencia sociocultural serão extraídos cinco traços da personalidade desse individuo”. (linhas 30 – 32)</p>

No argumento tomado como análise o autor afirma o ponto de vista de que os traços são predicados fundamentais a todos os seres humanos, sendo essenciais para se compreender o comportamento, justifica arrazoando que essas características são formadas por uma base biológica inata aos seres humanos, admitindo a ideia de inatismo. Segundo Walton (2010), esse tipo de argumento é o **argumento de posição de conhecimento** pertencente a classe

dos esquemas **argumentativos de Conhecimento pessoal**. O raciocínio inferido a esse tipo de argumento, assevera que o mesmo é constituído pela apropriação de conhecimentos construídos pelo enunciador, demonstrando, mesmo sem ser especialista no assunto, conhecimento acerca do que relata. É um tipo de argumento aceito pelos interlocutores por trazer um valor de verdade ao que foi relatado, não dependendo de citações direta ou indireta para sua realização, mas, sim, uma exposição clara acerca do que é enunciado.

Em relação aos critérios de cogência do argumento (ARS), segundo Govier (2010), o argumento possui apenas os critérios de **aceitabilidade** pois é a posição defendida por alguns autores sendo verdadeira sua apreciação e **relevância** pois é uma construção que suporta razões para inferir uma conclusão. Contudo, falha quanto ao critério de **suficiência**, pois quando analisado em sua totalidade suas razões não são suficientes a conclusão que dele se infere.

Em relação ao contra-argumento o mesmo é destacado com o uso do operador argumentativo adversativo *porém*, responsável por introduzir de modo objetivo uma posição contrária. O contra-argumento põe em xeque se os fatores são realmente iguais a todos os indivíduos, fazendo alusão às mudanças ocorridas devido aos fatores externos pertencentes ao ambiente em que o sujeito se encontra.

Quanto à resposta o autor volta a reafirmar o que foi apontado no argumento inicial por meio do uso do operador argumentativo *no entanto*, desfazendo-se do contra-argumento, considerando que há características que independem de fatores socioculturais sendo estas intrínsecas aos indivíduos assumindo, mais uma vez, a ideia de inatismo. Podemos considerar que o

mesmo se utilizou de uma resposta de destituição ao contra-argumento (Leitão 2000, 2001), já que por meio de um jogo discursivo volta a focalizar sua atenção ao argumento inicial, distanciando-se do contra-argumento.

Argumentos	Contra-argumento	Resposta
Arg 3.	Ca 3.1	Resp. 3.1
“outro fator que pode explicar a predominância da teoria dos cinco grandes em relação as demais teorias da personalidade é a comprovabilidade numérica que foi aplicada a essa teoria” (linhas 33 - 35)	“São questionadas pelo fato de ter como objetivo central mensurar os comportamentos da personalidade, que são reflexos diretos dos aspectos psicológicos de cada indivíduo seriam únicos e imensuráveis” (linhas 50 a 52)	“porém, os resultados empíricos obtidos novamente comprovam a existência de cinco fatores que delimitam a personalidade da pessoa” (linhas 60 a 62)
	Ca 3.2	Resp 3.2
	“se confronta também o fato de que as dimensões extraídos seriam extremamente diferentes, justamente por variar de acordo com as condições psicológicas de quem estivesse sendo testado pelos questionários” (linhas 57 - 60)	“a grande variabilidade das escalas extraídas nas avaliações também comprovam esse fato, tornando em algumas vezes muito claros os limites entre cada traço da personalidade”. (linhas (62 - 64)

Conforme a estrutura do argumento o exceto destacado acima pode ser indicado como uma justificativa em relação ao ponto de vista sobre vantagens e desvantagens em torno da teoria dos traços. Para o estudo da personalidade, versado no título do texto, que funciona como norteador dos argumentos produzidos, visto que, no próprio título as palavras concordância e discordância caracteriza o rumo a ser tomado na produção do gênero. O argumento utilizado é o **argumento de valores**, conforme Walton (2010), pertencente a classe **esquema argumentativo de julgamento de valor**. É um tipo de argumento onde se procura valorar algo, não necessariamente em detrimento de outro, mas, sim, mostrar o quanto aquilo que se

enunciou possui atributos que o torna aceitável dentro de um dado conjunto de premissas. O grau de valoração pode ser percebido pelo termo **predominância** que, segundo o autor, julga ter a teoria dos traços sobre as demais teorias. Para o ensaísta a teoria dos traços se utiliza da comprovabilidade numérica que, conforme descrito, a torna mais confiável.

Quanto aos critérios de força e solidez o argumento é apenas **aceitável**, pois, possui veracidade sobre o que denota, como também, está em consonância com o que se propõe ensaiar. Não possui relevância por não conter no mesmo condições suficientes para dele se extrair uma conclusão. Por não atingir o critério de relevância torna-se inoperante avaliar sua suficiência.

O ensaísta aponta dois **contra-argumentos**. No primeiro o autor acentua a crítica quanto ao fato dos aspetos psicológicos serem únicos e individuais aos indivíduos, não podendo ser mensuráveis já que pode sofrer variações de acordo com o local no qual cada indivíduo está inserido, arguindo que o meio social interfere de modo significativo no comportamento dos sujeitos. Tal perspectiva põe objeção ao que foi afirmado no argumento quanto às vantagens de se utilizar a teoria dos traços. O segundo *contra-argumento*, por meio do uso do operador argumentativo *também*, que soma argumentos para uma mesma conclusão, vai reforçar a ideia de que as dimensões extraídas por meio do uso dos questionários usados para mensuração dos traços sofrem interferências devido a variação psicológica ocorrida a cada indivíduo testado.

Quanto às **respostas** o autor vai, mais uma vez, se utilizar da *reposta de destituição ao contra-argumento* que é aquela em que se volta a posição inicial alegada no argumento. Na primeira resposta o autor assume a ideia de que os resultados conseguiram confirmar a presença de cinco fatores que vão delimitar a

personalidade dos indivíduos, tal recurso foi empregado pelo uso da conjunção adversativa *porém* que delimita, de modo claro, o posicionamento contrário do autor em relação ao contra-argumento. Na segunda resposta o autor assevera sobre a confiabilidade das escalas em relação a cada traço da personalidade, permitindo acenar para a aceitação e a confiabilidade numérica da teoria dos traços.

Argumentos	Contra-argumento	Resposta
Arg 4.	Ca 4.1	Resp. 3
<p>“O modelo dos “Big Five” tem seus alicerces na abordagem léxicas ou psicoléxica que diz que “Todos os aspectos da personalidade humana têm algum interesse, utilidade ou importância e estão registrados na linguagem natural” (Cattell, 1943), ou seja, essa abordagem tem como finalidade abranger os termos que descrevem a personalidade do indivíduo” (linhas 72 - 76)</p>	<p>“Porém, apesar da linguagem natural da pessoa exercer um importante papel na possível descrição da sua personalidade, essa característica torna a teoria dos traços muito descritiva ao ponto de perder um pouco do seu prestígio como principal teoria de descrição da personalidade”. (linhas 76 - 79)</p>	
	Ca 4.2	
	<p>“Dessa origem que fundamentou à teoria dos traços, surgiu algo que se tornou prejudicial a essa teoria, a questão de que linguagem natural consegue facilmente expressar vários aspectos da personalidade humana, porém, é constante a questão de que poderá existir alguma dimensão que não se “encaixe” perfeitamente nessa forma de expressão através da linguagem natural”. (linhas 89 - 93)</p>	
	Ca 4.3.	

“A atribuição de nomes diferentes aos mesmos fatores, por exemplo, acaba complicando a utilização dessa teoria para análise da personalidade, tornando essas divergências um fator que “põe limites” (linhas 102 - 104)

Nessa análise o autor vai construir seu ponto de vista ajuizando sobre o uso das abordagens léxica e psicoléxica admitidas dentro da teoria dos traços, justifica seu ponto de vista por meio do operador argumentativo *ou seja*, mesmo não sendo esse recurso um marcador de justificativa, enfatizando que tais abordagens são assumidas no intuito de descreverem com melhor precisão os termos que abrangem a personalidade dos indivíduos. O argumento produzido é um **argumento de opinião de especialista** que pertence aos **esquemas argumentativos de Conhecimento Pessoal** (Walton, 2010), visto que, o autor se utiliza do recurso linguístico citação direta, para assegurar aquilo que está sendo argumentado. Esse tipo de argumento é bastante valorado dentro do meio acadêmico, visto que, é o local pelo qual necessita-se recorrer a fontes para viabilizar a construção de nosso discurso, não sendo necessário utilizá-lo no cotidiano a não ser que sua utilização se faça necessária em algum momento esporádico. Pode-se perceber que pelo uso do argumento de fonte de especialista o aluno já tenha constituído a ideia de que se é necessário verbalizar as fontes que sustentam seu discurso, e que tal tomada de consciência fora construída por meio do contexto de produção do gênero, como também, durante o processo de ensinagem vivida pelo autor do gênero em análise.

Ao que tange os critérios de aceitabilidade, relevância e suficiência (ARS), o argumento tem apenas o critério de **aceitabilidade** por tão somente ser uma proposição afirmativa quanto a conceituação de uma entre outras perspectivas que

sustentam a teoria dos traços. Não possui **relevância** por tão somente não imprimir condições suficientes para dele se inferir uma conclusão. Sem a relevância torna-se inviável averiguar sua suficiência, sendo aquela, pré-requisito desta.

Em relação ao uso das abordagens léxica e psicoléxica na teoria dos traços o autor destacou três contra-argumentos para se contrapor ao uso dessas abordagens. No primeiro contra-argumento o autor valora a teoria dos traços indicando (linha 78) que a mesma é a principal teoria utilizada na descrição da personalidade, indica também, com o uso do operador argumentativo *apesar de*, que o uso das abordagens léxica e psicoléxica, embora descritivas, não são impeditivas. Contudo, inicia seu contra-argumento com o operador argumentativo *porém*, indicando que o uso dessas abordagens compromete o prestígio da teoria já que a deixa numa perspectiva de cunho descritivo. Podemos notar que o uso do advérbio de intensidade *muito* vai enfatizar o quanto a teoria dos traços está se deixando levar por um aspecto descritivo, em detrimento de outros tipos de segmento que a mesma poderia tomar. Nota-se que o autor não é contra o uso das abordagens léxica e psicoléxica, mas, sim, adverte sobre o uso descritivo dessas abordagens e do quanto as mesmas influenciam, de modo negativo, a teoria dos traços. No segundo contra-argumento, em relação ao argumento em pró das abordagens léxica e psicoléxica, o autor se utiliza do termo *prejudicial* para contestar a rotulação estabelecida de que a linguagem natural dar conta dos vários aspectos concernentes à personalidade humana acentuando, por meio do operador argumentativo de oposição *porém*, que poderá existir alguma dimensão da personalidade humana que não se enquadre perfeitamente a esse tipo de abordagem. Todavia, o uso do verbo poder no futuro do indicativo *poderá* vai indicar uma possibilidade, logo, não deixando claro que tipo de aspecto não se enquadra no decurso da linguagem natural. No terceiro contra-argumento o autor faz

ressalva ao fato da teoria nomear fatores distintos com nomes iguais o que, segundo o ensaísta, dificulta o uso da teoria na análise da personalidade, como também, provoca uma limitação de seu uso. Não foram identificadas respostas.

Ao final do ensaio o autor faz um balanço positivo acerca da teoria dos traços indicando que a convergência de diversas teorias fortaleceu de modo positivo o seu uso, fazendo com que a mesma seja a teoria predominante no estudo da personalidade. Tal fato, segundo o ensaísta, deve-se ao refinamento sofrido pela teoria que criou, ao longo dos anos, subsídios de defesa para os que fazem críticas a sua aplicabilidade.

5.2. Ensaio 1 - Participante 9

Análise quanto às características do gênero

O ensaio agora tomado para análise foi intitulado “Considerações sobre a teoria dos traços na análise da personalidade” no qual o autor busca arguir acerca das vantagens e desvantagens do uso da teoria dos traços para apreciação da personalidade. O texto foi subdividido em cinco tópicos subsequentes, a saber: *introdução* – onde o autor busca apresentar a temática demonstrando aquilo que será arguido ao longo do texto; o segundo chamado *Uma utilidade para a teoria* – no qual o autor procura destacar a utilidade prática da teoria dos traços frente às outras teorias; o terceiro nomeado *Líder em pesquisas* – apontando para o fato da teoria dos traços ser, até hoje, a teoria mais utilizada; um penúltimo tópico designado *Ferramenta de predição* – endossando a ideia da teoria dos traços servir como um bom instrumento preditor na análise da personalidade; e por último a *Conclusão* – onde tece uma súpula dos tópicos abordados. O autor procurou, a cada tópico, prescrever um argumento, um contra-argumento e uma resposta, respeitando o que havia sido

trabalhado e solicitado no processo de ensinagem do ensaio durante a DIP. A seguir segue a análise quanto à caracterização do gênero (Paviani, 2009); a tríade argumentativa, (Leitão 2000, 2001); Tipos de argumentos (Walton, 2010); e quanto aos critérios de força e solidez dos argumentos, (Govier, 2010).

Podemos afirmar que o texto solicitado se enquadra ao gênero discursivo ensaio por estar em consonância com o que foi solicitado durante a DIP, como também, por apresentar algumas das características estabelecidas por Paviani (2009), discriminadas no quadro da página 53 e, retomadas, na página 65.

Na DIP as recomendações exigiam que os alunos produzissem seus ensaios formulando, no mínimo, três argumentos e três contra-argumentos, articulando seus respectivos impasses. O ensaísta, do texto em análise, apresentou três argumentos e quatro contra-argumentos atingindo a marca mínima estimada, como também, demarcou o número mínimo de quatro laudas que fora exigida durante a DIP.

Ao que tange as características descritas em Paviani (2009), podemos perceber duas características que podem ser apresentadas pela mesma exemplificação, referentes às características um e dois do quadro acima que dizem “É um estudo, uma investigação, uma reflexão, etc” e “É um estudo formalmente desenvolvido, dentro de padrões mais ou menos formais”, respectivamente. Tais características podem ser descritas pelo próprio contexto de produção que exige a formulação do texto dentro de padrões pré-determinados organizados dentro de um processo de ensino-aprendizagem em que o estudo, a investigação a reflexão e a formalidade das produções são objetos postos em destaque durante todo contínuo de estudo. A marca dessas características pode ser exemplificada por meio do uso da citação de fontes (linhas 28, 38, etc.) que, como adverte alguns autores Hoffnagell (2009), Xavier (2010), são recursos linguísticos-discursivos empregados em contextos

de ensino-aprendizagem formais, não sendo seu uso comum em diferentes esferas sociais, sendo essa uma habilidade aprendida pelos educandos durante a DIP que valora o uso das citações de fontes. Pelo número de argumentos e contra-argumentos apresentado pelo autor, conforme citado anteriormente. Pela quantidade de laudas dissertadas pelo autor, como também, pela relação dialógica mantida entre as partes do texto.

Outra característica está no plano da lógica apresentada pelo texto, referente a característica de número quatro, ou seja, podemos perceber essa característica pelo comprometimento do ensaísta em não fugir do assunto em pauta, apresentando, sempre que possível, o argumento e seu respectivo impasse (contra-argumento). Tal relação está em consonância às relações de sentido que se estabelecem dentro do texto, por meio das quais as sentenças se intercambiam de modo a não quebrar aquilo que está sendo posto em destaque. Um exemplo a ser apresentado está no cuidado do ensaísta em apresentar os contra-argumentos utilizando operadores argumentativos de oposição, como: porém, diferentemente, mas. Estabelecendo uma lógica de sentido e relação na apresentação dos argumentos e dos contra-argumentos. Outra característica quanto a lógica apresentada está no tópico conclusão em que o autor expôs uma apreciação de cada tópico apresentado, perfazendo um balanço do que havia sido exposto.

As características apresentadas fazem com que possamos assumir que o texto posto em análise se adequa àquilo que denominamos de gênero discursivo ensaio.

Argumentação produzida; tipos de argumento; critérios de força e solidez

O enfoque dado nesse tópico recai sobre a argumentação produzida conforme Leitão (2000, 2001); os tipos de argumentos de acordo com Walton (2010); e quanto aos critérios de força e solidez dos argumentos apresentados em Govier (2010).

Argumentos	Contra-argumentos	Resposta
Arg 1	Ca 1.1	Resp. 1
<p>“a teoria dos traços não tem métodos para obtenção de cura para distúrbios de personalidade. Seu foco tem se mantido em descrever, medir e prever tendências de comportamentos e desse modo fornecer informações que podem ser úteis a profissionais dessas áreas” (linhas 52 a 55)</p>	<p>“porém, em muitos aspectos a psicologia dos traços não é apenas uma alternativa, mas pode ser também um comportamento de outras abordagens teóricas” (p.204). (linhas 57 a 59)</p>	<p>“A teoria dos traços como ferramenta na escolha do tipo de tratamento a ser aplicado ao paciente até o momento só faz sentido em conjunto com outras abordagens”. (linhas 103 – 105).</p>
	Ca 1.2	
	<p>Mas até que ponto é possível confiar na acurácia de tais classificações, se existem aspectos da personalidade que estão além das descrições até então postuladas, pois “existem dimensões da personalidade que não estão devidamente representadas na linguagem” (Mendoza, 2006, p.223).” (linhas 64 a 67)</p>	

O argumento utilizado pelo autor faz parte do tópico “uma utilidade para a teoria”, no qual o autor faz uma ressalva acerca das vantagens e desvantagens encontrada na teoria dos traços. Arguindo que, embora a teoria não tenha credibilidade quanto a cura para os distúrbios da personalidade, seu foco consiste em apurar informações necessárias por meio de descrições, medições e prevenções que possam auxiliar os profissionais da área. O argumento utilizado, segundo Walton (2010), é o **argumento de posição de conhecimento** pertencente a classe dos

esquemas **argumentativos de Conhecimento pessoal**. Nesse tipo de argumento não se faz necessário a citação de fontes de especialistas, porém, aceita-se a premissa deliberada como verdadeira dentro do contexto em que foi inserida. Não se trata de um conhecimento/raciocínio, no modelo do gênero em análise, de cunho popular, mas, sim, de algo que é, no contexto em que fora produzido, amadurecido conforme as práticas de intervenção.

Em relação à cogência do argumento, frente ao que é tratado em Govier (2010), o argumento possui *aceitabilidade*, *relevância* e *suficiência*. Podemos inferir a **aceitabilidade** do argumento, visto que, a conclusão diz que seu uso só faz sentido com o uso de outras abordagens, logo, é aceita a ideia de que esta teoria pode oferecer informações que auxiliem aos profissionais que dela usufruem. O argumento tem **relevância** porque sua premissa recai diretamente sobre a veracidade da conclusão, fazendo um elo entre o que foi arguido e a que conclusão que se obteve. Podemos admitir que possui **suficiência** porque o uso da teoria dos traços só faz sentido quando arrolados a outras abordagens, torna-se suficiente a ideia de que essa teoria serve como uma abordagem de auxílio aos profissionais que dela se utilizam, ou seja, o argumento foi suficientemente benquisto para a partir dele inferir uma conclusão.

Foram constatados dois contra-argumentos. O primeiro é explicitado por meio do operador argumentativo de oposição *porém*, que assegura uma posição contrária ao argumento exposto. O autor refuta o argumento principal indicando que, em alguns casos, a teoria dos traços não atua apenas como coadjuvante no processo de estudo da personalidade embora não explicita por qual motivo, em seguida, volta a reafirmar que a mesma pode ser utilizada juntamente com outras abordagens. No segundo contra-argumento o autor se utiliza de uma pergunta para fazer objeções ao que está

sendo exposto, embora não utilize o sinal de interrogação - o que indica um equívoco ortográfico –, iniciada também por meio do conectivo de oposição *mas*, que há aspectos da personalidade que não podem ser classificados pelos moldes até então existentes, levantando dúvida quanto a confiabilidade demonstrada nos métodos utilizados pela teoria dos traços. Como apoio ao que foi exposto o autor acaba por utilizar uma citação direta reforçando a ideia, por meio de fonte de especialista, de que a linguagem, utilizada na teoria dos traços por meio da abordagem léxica e psicoléxica, não consegue representar algumas dimensões da personalidade.

Quanto a resposta percebemos que o autor se utilizou de uma resposta de aceitação na qual o mesmo se afasta de sua posição inicial e adere o contra-argumento. Notemos que ao sinalizar que a teoria dos traços só há razão de ser aplicada em parceria com outras abordagens o autor assume a premissa mencionada no primeiro contra-argumento.

Argumentos	Contra-argumentos	Resposta
Arg 2	Ca 2	Resp. 2
“O que se destaca e é bastante observável na Teoria dos Traços é que, no que concerne às pesquisas, testes e avaliações, ela tem-se mostrado à frente das demais teorias. Sua abordagem bastante empírica lhe caracteriza de maneira mais de acordo com o método científico.”. (linhas 69 - 72)	“Porém, de que valem dados sem uma explicação casual de seus resultados? A teoria torna-se meramente descritiva. Além do que, o método científico adotado poderá deixar escapar determinadas variáveis (mas qual não deixa?) que possivelmente afetariam os resultados dos testes” (linhas 76 - 79)	“No que diz respeito à pesquisa é o fator que mais afirma sua validade científica, no entanto carecendo de conclusões causais, apesar da genética comportamental vir se mostrando como sendo uma oportunidade para o preenchimento de tal lacuna”. (linhas 105 a 108)

O argumento utilizado pelo autor faz parte do tópico “Líder em pesquisas”, no qual o mesmo enaltece o fato da teoria dos traços ter se mostrado avançada frente às demais teorias, e que tal resultado é fruto de sua abordagem empírica que trabalha de modo semelhante às pesquisas científicas. Notemos que o autor valora, nesse

argumento, a importância de uma determinada abordagem estar em consonância com os rigores atribuídos à ciência, exaltando método e aplicabilidade. Este tipo de argumento é chamado por Walton (2010) por **argumento de valores**, e pertence à classe **esquema argumentativo de julgamento de valor**. Os *argumentos de valores* busca aferir qualidades ao tema em questão, sobrepondo sua importância sem, necessariamente, apontar o porquê de outros casos não serem valorados. Sucede sobre um tipo de raciocínio no qual o autor busca exprimir as principais qualidades atribuídas a algo. Esse tipo de raciocínio pode ser exemplificado, no argumento, por meio da expressão “ela tem-se mostrado à frente das demais teorias”, ou seja, o termo *a frente* concerne destaque ao que está sendo valorado.

Sobre a congruência do argumento, Govier (2010), podemos admitir que o mesmo possui aceitabilidade, relevância e suficiência. Possui **aceitabilidade** pois é aceitável que a teoria dos traços esteja à frente das demais teorias devido a sua abordagem empírica o que lhe garante, entre os estudiosos, destaque quando posta em relação as outras. Tem **relevância**, pois, torna-se saliente admitir que a mesma está à frente das demais teorias devido ao seu caráter científico. Possui **suficiência**, pois, é fato garantir que se ao que concerne o rigor científico ela está à frente das demais teorias, logo, garante-se afirmar mais notória dentro do seu campo de estudo.

No contra-argumento, mais uma vez, o autor se utiliza do conectivo de oposição *porém*, por meio de uma expressão interrogativa na qual o autor questiona sobre a validade dos dados sem a explicitação de suas razões. Assegurando uma resposta a perguntada levantada o ensaísta diz que tal medida torna o modelo apenas descritivo não sendo capaz investigar todas as variáveis. Em seguida, introduz o conectivo composto *além do que* somando razões para afirmar o porquê o método adotado pode, por algum motivo não detalhado pelo ensaísta, deixar escapar alguma

variável, afetando diretamente o resultado obtido. Contudo, o autor assegura, numa pergunta feita ao meio da oração em parênteses, que tal dificuldade não é uma particularidade apenas desse modelo, indagando qual método não deixa escapar alguma variável.

O autor se utilizou de uma resposta de *concordância local* mantendo o argumento inicial e partes do contra-argumento. O ensaísta reafirma o que havia sido dito no argumento inicial assegurando a posição de prestígio existente na teoria dos traços frente às demais teorias, acentuando ser o fator que mais confirma sua validade científica. Porém, como elaborado no contra-argumento, reafirma a carência de conclusões que expliquem suas causas, embora utilize o operador argumentativo *apesar de* indicando que há, por meio do uso da genética comportamental, avanços promissores, nesse sentido, para o estudo da personalidade.

Argumentos	Contra-argumentos	Resposta
Arg. 3	Ca 3	Resp 3
<p>“Como instrumento preditivo de temperamento, tem-se mostrado nitidamente promissor, pois pesquisadores americanos têm constatado inúmeras correlações entre os resultados dos testes e rendimento no trabalho, na escola e como indicador de algum transtorno psicopatológico” (linhas 83 a 86)</p>	<p>“Embora, segundo Mischel: “...as pessoas não agem de forma constante em todas as situações... os testes de personalidade não eram fortes fatores preditivos comportamentos em experimento de laboratórios...” (linhas 96 a 98)</p>	<p>“Como instrumento preditivo, seu uso em escolas e empresas pode vir ajuda no relacionamento professor/aluno, patrão/empregado na busca de uma melhor abordagem perante os indivíduos, além de, na clínica, servir de instrumento de identificação de possíveis psicopatologias, mesmo não sendo totalmente aceito por todos a os psicólogos”. (linhas 108 a 112)</p>

O argumento destacado faz parte do tópico utilizado intitulado “ferramenta de predição”, no qual o ensaísta procura versar acerca da teoria como instrumento

preditivo, alegando que pesquisadores americanos conseguiram averiguar diversas correlações entre os testes aplicados e seus respectivos resultados. Notemos que o autor, mais uma vez, se utilizou do **argumento de valores**, pertencente à classe **esquema argumentativo de julgamento de valor**. Pode-se perceber a valoração dada a teoria por meio do uso da expressão “nitidamente promissor” no qual o autor se utilizou de um advérbio para enfatizar o adjetivo promissor posto na premissa, enaltecendo a ideia de que a teoria dos traços está em ascensão devido às correlações encontradas nas pesquisas pelos estudiosos americanos.

Quanto aos critérios de força e solidez (ARS), podemos admitir que o argumento contempla as apenas duas entre as três categorias descritas por Govier (2010). A **aceitabilidade** pode ser assinalada pelo fato de o argumento ser uma afirmação concreta acerca do uso da teoria dos traços como instrumento preditivo. Para Govier (2010), algumas afirmações, dentro de um campo lógico em que é enunciado favorece a aceitabilidade do argumento. Ou seja, a afirmação apontada pelo ensaísta é aceita porque está em consonância com “verdades” admitidas ao que se diz a respeito da teoria dos traços. Tem **relevância** porque apoia considerações plausíveis para aceitação de sua conclusão. Ou seja, se é aceitável seu uso em escolas e empresas, logo, é relevante a afirmação dada no argumento. Contudo, não é suficiente pois o fato de pesquisadores americanos terem encontrado correlações entre os testes e o desempenho dos sujeitos no trabalho e na escola isso não garante seu uso efetivo dentro desses respectivos ambientes, pois, como aponta o autor do ensaio, a mesma não é bem quista por todos os profissionais da área carecendo de maior detalhamento quanto às causas.

No contra-argumento o autor se utilizou do operador argumentativo *embora* para tecer objeções acerca da viabilidade do uso dos testes em distintos sujeitos e

ambientes, buscando afirmar sua posição por meio do uso de uma citação direta. Ao utilizar a citação direta o autor traz a voz de um especialista para reforçar aquilo que está sendo dito “a citação serve, entre outras coisas, para desvendar a identidade do escritor/autor e seu grau de pertencimento a uma comunidade discursiva específica” (Hoffnagel p. 71, 2009). Entendemos que, ao utilizar a citação direta, o autor está processando um tipo de escrita vinculada, quase que, apenas no meio acadêmico.

A resposta dada é a resposta de *destituição ao contra-argumento*, pois, o autor reforça a ideia do uso da teoria dos traços no ambiente escolar e nas empresas, avigorando para as boas correlações apontadas pelos estudos dos americanos dentro desses ambientes. Dessa forma, o autor rechaça o contra-argumento de que as pessoas agem de modo distinto e que, em laboratórios, o resultado não se fez satisfatório, prevalecendo o que fora citado no argumento inicial.

O autor faz uma conclusão ponderando acerca do uso da teoria dos traços. Primeiramente o ensaísta busca, como referido no início da análise, dar uma resposta a todos os tópicos expostos ao longo do ensaio. Em seguida, alerta sobre a necessidade de se buscar outras alternativas para se trabalhar com a análise da personalidade alegando que a simples determinação dos traços, sem a inclusão de outras abordagens, pode ser absolutamente fatalista. Encerra declarando que não se trata de validar ou não a teoria dos traços, mas, sim, correlacionar várias abordagens que possam dar sustentabilidade a teoria.

5.3. Ensaio 1 – participante 18

Análise quanto às características do gênero

O texto agora assumido para análise foi nomeado “Quais são as vantagens e os limites de estudar a personalidade a partir da teoria dos traços” no qual o

juízo da personalidade é balizado sobre a ótica da teoria dos traços, apontando para os prós e contras no uso dessa teoria. O próprio título já caracteriza um impasse a ser versado ao longo do ensaio. O texto foi subdividido em três tópicos subsequentes intitulados, a saber: *introdução*; *A origem dos traços*; e *Diferenças individuais: temperamento e personalidade*.

Contudo, o texto agora em questão não foi pontuado como gênero discursivo ensaio por apresentar algumas falhas como quanto ao número mínimo de contra-argumentos solicitados durante a DIP para sua confecção e, respectivamente, a relação dialógica entre eles. Também por não apresentar algumas das características descritas por Paviani (2009).

Foi indicado que os alunos produzissem, em seus ensaios, um número mínimo de três argumentos e três contra-argumentos garantindo entre eles uma discursivização dos impasses apresentados ao longo do texto. O texto em apreciação não correspondeu ao número mínimo de contra-argumentos apresentando, respectivamente, quatro e dois, o que não garante ser um ensaio conforme instruído durante a DIP. Deve-se ressaltar que o número mínimo de argumentos era uma indicação sendo a relação dialógica mantida entre eles o maior interesse. O texto falha nesses dois sentidos.

O texto atingiu o número mínimo de páginas, porém, falhou quanto ao uso de citações por apresentar o mal emprego desse elemento linguístico-discursivo fazendo uso de citação longa recurso pouco habitual no campo da psicologia. Segundo Hoffnagel (2009, p.82), “A opção para a paráfrase (seja na forma de resumo ou de generalização) parece ser o padrão na Psicologia”.

Ao que tange as características descritas por Paviani (2009), o texto falha quanto ao primeiro item, pois, o ensaísta não consegue imprimir no texto uma reflexão

acerca das vantagens e desvantagens do uso da teoria dos traços, parecendo fazer afirmações que não se enquadram de modo adequado ao processo reflexivo requerido nos ensaios. Em relação ao segundo item também pois sendo “um estudo formalmente desenvolvido, dentro de padrões mais ou menos formais” o mesmo não se encontra adequadamente dentro dos padrões solicitados, faltando-lhe a quantidade mínima de contra-argumentos o que, respectivamente, inviabiliza o processo argumentativo ao longo do corpo textual.

Outra característica importante e não assinalada dentro do ensaio é referente ao item quatro que faz menção a lógica da exposição do assunto. Nesse texto percebemos uma carência quanto à natureza da coerência textual, referente a exposição das ideias. Podemos exemplificar a má formulação das ideias pela má disposição da tríade argumentativa que pondera, ao que tange a produção textual, sobre a utilização correta de argumentos e contra-argumentos para formulação dos impasses no corpo textual – instruídos durante a DIP ; pelo mal uso do operador argumentativo *porém* na formulação do argumento dois - explicitado na seção seguinte - não possuindo um valor adversativo na forma empregada; na má formulação de uma ideia central que guiasse a estrutura textual, visto que, o ensaísta aborda diferentes tópicos sem tecer uma amarração entre eles ; e pelo uso da citação direta longa (linhas 106 – 117) recurso pouco utilizado na área de psicologia.

Os demais itens não foram percebidos no ensaio analisado podendo ser inferido que o seu não uso implica, também, na falta de maturidade intelectual do ensaísta para composição do gênero. Dado os enfoques acima não aceitamos a produção como gênero discursivo ensaio, contudo, tal fato não nos impede de analisar a argumentação produzida como também a força e solidez dos argumento, visto que

a caracterização do gênero não é um pré-requisito analítico, mas, sim, uma das fases de análise.

Argumentação produzida, tipos de argumentos e sua força e solidez

Argumento	Contra-argumento	Resposta
Arg. 1	Ca. 1	Resp. 1
Temos vantagens nessa abordagem, pois os traços são interpretados em termos de mecanismos psicológicos, os quais, em princípio, talvez poderiam levar a intervenções. (linhas 21-23)	No entanto esses embasamentos podem ter erros, pois várias teorias diferentes podem apresentar explicações conflituosas e controversas para a mesma variável de diferença individual. (linhas 25 -27)	“Sendo assim, os traços de personalidade demonstram sua eficácia em todos os contextos de trabalho dos psicólogos”. (linhas 61 – 62)

O ponto de vista suscitado pelo autor, em consonância com a estrutura da argumentação, demonstra claramente uma justificativa em defesa de se estudar a personalidade por meio da teoria dos traços, parecendo ser uma resposta ao título do texto nomeado “Quais são as vantagens e os limites de estudar a personalidade a partir da teoria dos traços”. Este tipo de argumento, segundo Walton (2010), é o **argumento de causa e efeito** pertencente a classe dos **Esquemas argumentativos de raciocínio do tipo hipotético**. Ou seja, o ensaísta arguiu que o estudo dos traços, se interpretados por meio de mecanismos psicológicos poderiam levar talvez a intervenções, hipotetizando um suposto efeito sobre as ações tomadas, coexistindo uma correlação para a causa. O valor hipotético, afirmado anteriormente, pode ser percebido pelo uso do operador argumentativo *talvez* empregado para indicar uma possibilidade.

De acordo com os quesitos de força e solidez dos argumentos o mesmo apresenta apenas o critério de **aceitabilidade**, visto que, é aceitável a premissa de

que pode ser vantajoso aceitar que os traços sejam analisados por meios psicológicos, embora, isso não garanta efetivamente levar a possíveis intervenções, nem tampouco pode se afirmar sua eficácia em todos os contextos de trabalhos dos psicólogos. Atingindo apenas o critério de aceitabilidade, como opina Govier (2010), não há razão para aferir a relevância nem a suficiência do argumento.

No contra-argumento o autor exprime sua objeção por meio do operador argumentativo de oposição *no entanto* pautando a ideia de que diferentes teorias podem apresentar diferentes perspectivas para uma mesma variável, ficando a ideia de que eventuais erros poderiam, também, ser cometidos pela teoria em voga.

Embora confusa, a resposta dada pelo ensaísta é uma *resposta de destituição ao contra-argumento*, posto que, o mesmo ignora o que está sendo abordado no contra-argumento aludindo a ideia de que seria vantajoso o uso da teoria dos traços para os psicólogos. O uso do operador argumentativo *sendo assim* orienta a resposta num mesmo crivo de raciocínio do argumento, sinalizando uma mesma conclusão, tecendo ideias igualmente razoáveis.

Argumento	Contra-argumento	Resposta
Arg 2.	Ca 2.	Resp 2.
<p>“Segundo a FFT (teoria dos cinco fatores), os traços são conceitos psicológicos básicos que são baseados em perspectivas biológicas, porém a FFT diz apenas que devemos buscar e reconhecer as causas dos traços na biologia e não no ambiente”. (linhas 83 – 86)</p>		<p>“Sendo assim podemos dizer que a personalidade é o sistema no qual as tendências inatas das pessoas interagem com o ambiente social para gerar ações e as experiências de uma vida individual”. (linhas 91 – 93)</p>

O ponto de vista descrito pelo autor faz parte do tópico *A origem dos traços* no qual o ensaísta busca fazer uma ressalva acerca da origem dos traços, assumindo

que os traços são muito mais de base biológica e que suas explicações não deve levar em consideração o ambiente. O tipo de argumento afirmado pelo ensaísta é o **Argumento enviesado** pertencente aos **Esquemas argumentativos de Julgamento de Valor**. É um tipo de argumento falacioso, do qual torna-se difícil se chegar a uma conclusão. Notemos que se a FFT admite que os traços são conceitos psicológicos de base biológica torna-se óbvio admitir que a FFT recusa a possibilidade de serem verificados com base no ambiente, posição versada pela autora na sequência da proposição por meio do uso do operador argumentativo de oposição *porém* que, no uso feito, não indica uma oposição, mas, sim, produz uma redundância pela excessiva repetição de ideias. O argumento não se enquadra aos critérios de força e solidez, visto que, não cria condições necessárias de serem analisados, ou seja, a premissa levantada não possui o critério mínimo de aceitabilidade, visto que, não tem força o suficiente para dela se inferir uma conclusão.

Não encontramos nenhum exceto que fosse possível percebê-lo como um contra-argumento, ou seja, uma posição que pusesse dúvidas e/ou objeções ao argumento em destaque.

Mesmo não criando um contra-argumento o ensaísta buscou validar uma opinião a respeito do ponto de vista abordado, entendido como uma resposta à questão inata da personalidade. Na resposta dada o autor procura somar pontos a ideia de que a personalidade possui uma natureza biológica, arguindo que os comportamentos são inatos aos seres humanos e interagem com o meio social gerando ações e favorecendo experiências aos indivíduos.

Argumento

Contra-argumento

Resposta

Arg 3.

Ca 3.

Resp 3.

“para Streau a personalidade é um conceito mais vasto, mais amplo que o de temperamento, que incluiria o próprio temperamento no contexto de sua definição”. (linhas 118-120)

O argumento foi utilizado depois de uma citação direta longa (Hofnagell, 2009), na qual o ensaísta explica dessemelhanças a respeito do temperamento e da personalidade. O argumento faz parte do tópico “*Diferenças individuais: temperamento e personalidade*”. Quanto à categoria analítica tipo de argumento, o mesmo é construído por um argumento de especialista, que, de acordo com Walton (2010), é aquele raciocínio argumentativo que cita explicitamente a fonte, ancorando-se em um discurso de autoridade. O argumento tem apenas **aceitabilidade**, visto que, embora seja aceitável não contém força suficiente para que dele possa inferir uma conclusão, estando apenas em um ponto de afirmação sobre aquilo que se quer enunciar. Tendo apenas aceitabilidade logo não podemos mensurar sua relevância, nem tampouco sua suficiência. Não encontramos nenhum enunciado que fosse definido como um enjeito ao argumento (contra-argumento), muito menos uma resposta ou tópico conclusivo ao argumento.

Argumento	Contra-argumento	Resposta
Arg. 4	Ca. 4.1	Resp. 4
“As facetas estão na construção da nossa estrutura da personalidade”. (linha 127)	“Contudo, as dimensões fundamentais são os cinco traços principais e, por isso, eles são chamados temperamentais, pois possuem uma clara base biológica e são mais baseadas na explicação do nosso	

comportamento”. (linhas 127 – 130)

Ca. 4.2

“Mas há contraposição, as facetas têm uma importância menor, sendo assim não são considerados fatores essenciais da nossa personalidade”. (linhas 130 -132)

Do ponto de vista da estrutura da argumentação podemos identificar o exceto destacado como um argumento que afirma a posição da teoria das facetas em relação às diferenças individuais existentes entre temperamento e personalidade, ou seja, o autor do texto incide sobre uma afirmação para asseverar o ponto de vista de que as facetas auxiliam na formação de nossa personalidade. Para Walton (2010), esse tipo de argumento é o **argumento de posição de conhecimento** pertencente a classe dos esquemas **argumentativos de Conhecimento pessoal**. Tal tipo de argumento perfaz um tipo de raciocínio no qual denota que o sujeito enunciatador do argumento tem conhecimento sobre o que fala sem, necessariamente, trazer a voz de uma autoridade para assegurar seu discurso. Em relação a congruência do argumento (Govier, 2010), podemos denotar que possui apenas **aceitabilidade**, pois, é uma afirmativa que não suporta condições para assegurar uma conclusão. Tendo apenas aceitabilidade torna-se desnecessário averiguar sua relevância e suficiência.

O autor utilizou, por meio do uso de operadores argumentativos de oposição *contudo* e *mas*, de dois contra-argumentos para enjeitar o argumento suscitado. No primeiro o autor chama atenção para o fato de que, embora as facetas estejam na base da construção de nossa personalidade, os cinco traços principais, por serem de base biológica, são as dimensões fundamentais para explicação de nosso comportamento. No segundo contra-argumento, argui que as facetas não possuem tanta relevância, não sendo fatores essenciais da personalidade humana. Percebe-se

que há um ilogismo na afirmação posta nesse segundo contra-argumento, visto que, o mesmo se posiciona contrário ao argumento, porém, fazendo uma afirmação que não faz sentido, pois falta-lhe explicação de que se as facetas estão ou não na base da formação de nossa personalidade. Não identificamos nenhum enunciado que pudesse ser identificado enquanto resposta.

5.4. Ensaio 2 - Participante 1

Análise quanto às características do gênero

O texto formulado foi escrito de modo corrido sem apresentar, logicamente, nenhuma subdivisão, sendo nomeado de "*Psicologia diferencial: aspectos interacionais e não interacionais*". A escritura do texto partiu da seguinte pergunta "Pode-se afirmar que a psicologia diferencial adota uma perspectiva interacionista sobre o debate inato-adquirido?". A partir da pergunta suscitada era solicitado que os alunos editassem suas produções de modo claro estabelecendo uma relação entre argumentos e contra-argumentos atingindo a formulação de um ensaio conforme indicado durante o processo de ensino-aprendizagem na DIP.

As características encontradas ao longo do texto nos fazem evidenciar sua pertinência enquanto gênero discursivo ensaio. Podemos denotar que o mesmo é um ensaio e encontra-se em consonância com as características solicitadas na DIP, como também, aquelas descritas por Paviani (2009). Era indicado que os alunos compusessem um número mínimo de três argumentos e três contra-argumentos na produção de seus textos, contudo, a ênfase recaía sobre a relação que os mesmos deveriam fazer entre as características prós e contra (argumento x contra-argumento). Neste ensaio o autor não imprimiu a quantidade mínima indicada, contudo, manteve uma relação dialógica entre as partes do texto fazendo com que o mesmo fosse lógico,

não redundante e não desconexo. Outra característica apontada é quanto às citações de fontes para dar sustentabilidade a produção textual. Embora não indique as fontes, pelo menos nos argumentos apresentados abaixo, sua citação é feita em outras partes do texto e que, obviamente, produz respaldo para formulação dos argumentos apresentados sendo esta uma característica endossada pelo desenvolvimento do conhecimento pessoal e requerida na DIP.

Em relação as características ditas por Paviani (2009) o texto se enquadra a todas as características tomadas como parâmetro, descrições elencadas no capítulo destinado ao gênero ensaio.

1º “é um estudo, uma investigação, uma reflexão, etc.” (Paviani 2009, p.4). Por ser de natureza acadêmica requer do autor a apropriação de conhecimentos e aprendizagem que lhe der condições para se desenvolver ao longo da disciplina, como também, para formatação do gênero solicitado. Sendo esses três requisitos, estudo, investigação e reflexão, indispensáveis. Essa característica pode ser exemplificada pela apropriação dos termos pertencente a área da psicologia no que exige do autor leitura e reflexão sobre a temática discutida, como também, da confecção do próprio gênero que vai requerer do ensaísta uma consciência metatextual acerca do gênero a ser produzido.

2º “é um estudo formalmente desenvolvido”, (Paviani 2009, p.4). Dada as instâncias de produção o gênero solicitado requeria que os alunos o produzisse conforme algumas instruções pré-estabelecidas, baseada nas leituras reomendadas. Tal investida não significara um parâmetro obsoleto dos ensaios, mas, sim, uma diretriz que pudera organizar de, modo sistemático, os ensaios produzidos.

3º “o ensaio, como texto, pode ser de natureza literária, científica e filosófica, (Paviani 2009, p.4). Dado, também, o contexto de produção podemos inferir que o

ensaio produzido é de natureza científica, no sentido *latos* da palavra, por corresponderem a textos produzidos dentro da esfera acadêmica e se respaldarem em textos científicos.

4º “Deve a exposição ser lógica”, Paviani (2009, p.4). Em conformidade com essa característica podemos inferir que o texto cumpre esse requisito por se apresentar de forma racional aquilo que expõe perfazendo todo um sentido construído.

Argumentação produzida; tipos de argumento; critérios de força e solidez

Argumentos	Contra-argumentos	Resposta
Arg 1.	Ca 1.	Resp. 1.
“[...] adota uma posição interacionista, isso porque, essa abordagem admite, como diz a própria nomenclatura, uma interação entre os fatores que podem estimular o comportamento humano que são os fatores inatos, aqueles comportamentos ligados ao biológico nos quais a pessoa já nasce com esses ‘dispositivos’ embutidos em seu comportamento, e os fatores adquiridos, que são aqueles fatores que surgem através da interação do indivíduo com o ambiente.” (linhas 38 - 43)	“tais interações não conseguem explicar algumas variâncias entre irmãos biológicos que cresceram em ambientes não-compartilhados (ANC), ou seja, irmãos que compartilham apenas de uma estrutura genética semelhante, porém, se desenvolveram recebendo estímulos sócio-culturais diferentes.” (linhas 101 - 104)	“Esse fator evidencia uma preponderância dos fatores genéticos e biológicos sobre os fatores ambientais, o que desconstrói a visão interacionista dentro da psicologia, pois, a partir do momento que se tem o foco em um dos aspectos do comportamento, consequentemente, os outros aspectos acabam tendo menos relevância na composição desse comportamento”. (linhas 116 -119)

Na construção do argumento o autor se utilizou de um **Argumento de definição para a classificação verbal** que pertence à classe dos esquemas argumentativos de regra e exceção. Esse tipo de argumento é utilizado quando da classificação a ser dada sobre algo. Classificação, nesse sentido, não está atrelada a ideia de conceito, mas, sim, de uma verbalização verdadeira, consistente e plausível

sobre um determinado assunto. Neste caso o autor argui acerca dos fatores inato e adquirido na constituição do sujeito.

Em relação as características demonstradas no ARS, Govier (2010), há no argumento os três critérios discutidos pela autora. O argumento tem **aceitabilidade** por ser uma premissa verdadeira dentro do contexto em que foi inserida, logo, mesmo que possamos confrontá-la ou reforçar seu grau de comprometimento com o que assume, ainda assim não podemos negar seu grau de veracidade. Tem **relevância** por ter conteúdo suficiente para dela se chegar a uma conclusão. Se assumirmos que os sujeitos se constituem pelas questões biológicas e /ou ambientais podemos asseverar que ambas exercem influência sobre o indivíduo em maior ou menor grau a depender das condições do sujeito. O argumento tem **suficiência** porque quando analisado dentro do conjunto textual podemos averiguar que sua conclusão pode ser verificada pela força da premissa que a sustenta. Ou seja, se é plausível que os sujeitos se constituem de fatores inato e adquirido, logo, é suficiente o argumento enunciado.

No contra-argumento o autor o autor pontua que as interações não são suficientes para explicar variações que ocorrem no desenvolvimento de irmãos biológicos que se desenvolveram em ambientes distintos. Nesse caso o ensaísta busca enfatizar que há relações biológicas que são herdadas pelos indivíduos e que os métodos adotados na psicologia diferencial não consegue apreender, pois, irmãos que recebem estímulos socioculturais distintos, por vezes, depreendem um mesmo tipo de comportamento razão que estaria explicada no fator inato.

Quanto a resposta podemos identificar uma *resposta de aceitação*, visto que, o ensaísta suprime a tese de que os sujeitos são formados por fatores inato e adquirido dando relevância apenas ao primeiro critério. Contudo, alude ao fato de que tal

perspectiva é endossada pelo fato de que as pesquisas na área do comportamento põem ênfase aos critérios inatos levando, conseqüentemente, a menor relevância das características ambientais.

Argumentos	Contra-argumentos	Resposta
Arg 2	Ca 2	Resp. 2
<p>“A psicologia diferencial em vários momentos buscar prezar por aspectos interacionista se focando nas interações e nas correlações gene-ambiente, pois, esse tipo de abordagem valoriza os dois principais fatores que proporcionam o comportamento humano, os fatores inatos e os fatores adquiridos”. (linhas 150 - 153)</p>	<p>“Porém, a efetividade desses dois fatores em estarem sempre participantes da mesma forma no comportamento humano é de difícil estudo, pois, essa efetividade depende de fatores muito complexos e diversificados, como a grande quantidade de grupos gênicos no homem e a variabilidade de estímulos ambientais nos quais as pessoas estão expostas.” (linhas 154 – 158)</p>	<p>“Então, a abordagem interacionista dentro da psicologia diferencial por muitas vezes pode ser criticada, pois a aplicabilidade dessa abordagem pode diferir de acordo com os comportamentos estudados.” (linhas 158 – 160)</p>

Novamente o autor utilizou, na construção do argumento de um **Argumento de definição para a classificação verbal** que pertence à classe dos esquemas argumentativos de regra e exceção, já explicitado anteriormente. Deixando claro que a psicologia diferencial busca, a todo momento, enquadrar as perspectivas inato-adquirida.

Pode-se inferir que o argumento possui os três critérios de força e solidez, Govier (2010). O critério de **aceitabilidade** pode ser confirmado, mais uma vez, pela verdade apresentada no argumento enunciado, sendo esse um fator preponderante. A **relevância** pode ser constatada pelo fato do argumento formular evidências e provas cabíveis para poder dele se inferir uma conclusão. Possui **suficiência** porque

apresenta condições seguras para confirmar a tese apresentada de que os sujeitos se constituem por fatores inato e adquirido.

No contra-argumento o autor se utiliza do operador argumentativo *porém* colocando em xeque o fato de ser de extrema dificuldade a ocorrência dos fatores inato-adquirido em único momento haja vista a heterogeneidade, desde fatores gênicos, como também, dos estímulos socioculturais nos quais todos estão constantemente envolvidos. Note que o contra-argumento suscitado faz objeção ao estudo empregado pela psicologia diferencial para garantir que os sujeitos são, de fato, formados por ambos os fatores inato-adquirido.

Logo, na resposta o autor se utiliza de uma resposta de aceitação, pois, assume o que havia sido dito no contra-argumento. Reafirma que no modo com a qual é feita a aplicabilidade dessa abordagem a mesma pode derivar em diferentes estudos o que faria desse tipo de abordagem pouco aceitável ao que se propõe.

5.5. Ensaio 2 - Participante 9

Análise quanto às características do gênero

O autor utilizou como título o próprio tema dado para confecção do segundo ensaio, a saber: “Pode-se afirmar que a psicologia diferencial adota uma perspectiva interacionista sobre o debate inato-adquirido?”, na qual formulava o impasse a ser tratado durante toda inscrição. Assim como no primeiro ensaio o autor subdividiu seu texto em cinco subtópicos subsequentes, a saber: introdução, gênero, inteligência, personalidade e conclusão, mantendo um diálogo coerente entre as partes.

O texto agora tomado como análise foi inferido como ensaio por conter características que o identificam dentro da perspectiva aqui abordada. A primeira característica é em relação ao número de argumentos e contra-argumentos

encontrados ao longo da produção (explicitada na próxima seção). É sugerido durante a disciplina que na produção os alunos consigam imprimir em seus textos a marca mínima de três argumentos e seus respectivos contra-argumentos sendo está uma sugestão que facilita a exposição crítica dos assuntos versados e que as mesmas não sejam apresentadas apenas como listas, mas, sim, seguindo um diálogo entre os argumentos e seus impasses. Nesse texto o autor imprimiu ao todo três argumentos e quatro contra-argumentos. Cabe frisar que não foi relevante apenas o uso da quantidade mínima indicada, mas, sim, a relação dialógica mantida entre as mesmas que, conseqüentemente, casa com a quarta característica tratada em Paviani (2009). Para o autor “a exposição do assunto deve ser lógica, mesmo adotando um estilo livre”, ou seja, deve-se permanecer uma conexão ao propor uma relação entre as partes do texto. Em relação ao que fora indicado na DIP quanto ao número mínimo de laudas o texto atingiu o número mínimo pontuando um total de seis. Uma outra constatação é quanto ao uso de citações que recai sobre o aprendizado dos conceitos de opinião x opinião fundamentada (linhas 54, 63-67, etc.), ou seja, era enfatizado aos discentes que os mesmos procurassem, sempre que possível, fundamentar seus argumentos e contra-argumentos para garantir credibilidade ao enunciado produzido, sendo esta uma marca pontual no mundo acadêmico.

Outra característica inscrita em Paviani (2009, p.?) e empregada no gênero em análise é quanto ao caráter do ensaio ser “formalmente desenvolvido dentro de padrões mais ou menos formais” que neste caso enseja o fato do ensaísta, conhecedor das instâncias de produção, embora ter alcançado a quantidade mínima de argumentos e contra-argumentos, em relação a esse último utilizou, para o primeiro argumento, dois contra-argumentos o que criva o fato do ensaio, mesmo com padrões mais ou menos formais, possibilita ao autor uma maior liberdade em sua produção.

Em suma, podemos dizer que o gênero em destaque é um ensaio por ser um estudo, uma investigação, uma reflexão, etc; por ser formalmente desenvolvido; por ser de natureza acadêmica - local de privilégio na circulação desse tipo de gênero discursivo e por apresentar uma discussão lógica, demonstrando efeitos de sentido ao que se propõe.

Argumentação produzida; tipos de argumento; critérios de força e solidez

Argumentos	Contra-argumentos	Resposta
Arg 1	Ca 1.	Resp. 1.
“não apenas a biologia determina o comportamento específico de cada gênero, o fator cultural é de suma importância também, sendo que um ou outro dependendo do caso pode preponderar, mas isso não quer dizer que sejam independentes e de caráter exclusivamente determinante.” (linhas 44 - 48)	“Os genes são responsáveis pela produção e diferenciação de hormônios entre homens e mulheres, e estes últimos influenciam de maneira direta o comportamento dos indivíduos, pelo menos no tocante a sexualidade” (linhas 55 – 57)	“No entanto levando em conta a ideia de Menezes e colaboradores (2010, p. 246): “... a possibilidade da espécie humana não ter evoluído com uma orientação sexual pré-definida, mas com seus membros sendo aptos a múltiplas estimulações sexuais que possibilitariam, como subproduto, o desenvolvimento tanto da hétero quanto da homossexualidade”; (linhas 64 – 68)
	Ca.1.2	Resp. 1.2
	“Por outro lado, a cultura desde cedo vai mostrando o caminho que se deve seguir se a pessoa nasce de um sexo ou de outro, seja pela educação de familiares ou influência de amigos, seja por filmes, propagandas, literatura e etc., que servem de estímulo ao comportamento.” (linhas 57 – 62)	“Todavia experimentos com primatas mostram que macacos preferem brinquedos típicos de meninos, enquanto macacas o contrário, o que leva a pensar na primazia do biológico em detrimento do cultural, já que são puramente instintuais”. (linhas 70 – 74)

Neste trecho em destaque o autor se utilizou de um **Argumento de definição para a classificação verbal**, no subtópico intitulado gênero, pertence aos esquemas argumentativos de regra e exceção. Este tipo de argumento é utilizado para derivar uma classificação quanto aos elementos verbais contidos na proposição, ou seja,

empregados para indicar uma exemplificação acerca do que está sendo discutido. Neste ponto, podemos inferir que o autor se utilizou desse argumento para elucidar a ideia de que o gênero não é apenas determinado pela biologia, tendo em vista que sofre influência do meio cultural, tecendo uma classificação sobre a temática em questão ao pontuar ambas alternativas (inata e adquirida) como elementos que constituem o indivíduo. Neste tipo de argumento classificação não se restringe ao conceito do objeto posto em análise, mas, sim, da posição assumida para afirmação de algo.

Sob a ótica dos critérios de força e solidez pode-se inferir que o argumento planteou os três critérios ditados em Govier (2010). O primeiro refere-se ao critério de **aceitabilidade**. O argumento em questão possui tal característica por se reveste de verdade dentro do contexto que foi produzido, pois, aceita-se, no campo da psicologia para o estudo do comportamento, as evidências inata e adquirida na formação do sujeito. Em segundo o argumento tem **relevância** porque mantém relação direta com a conclusão a ser dada pelo ensaísta, ou seja, em sua conclusão ambos fatores (inato e adquirido), mantêm inter-relação na formação comportamental do sujeito, argui também na linha (linha 164) que “*a psicologia diferencial em nenhum momento toma uma perspectiva unilateral*”, corroborando com o que vem sendo denotado pelo autor durante o texto. Por último, terceira característica do ARS, o argumento contém o critério de **suficiência**, pois, quando analisado em conjunto com a conclusão, relativo ao impasse inato *versus* adquirido, há razões para aceitar que os indivíduos não são constituídos apenas pelo fator biológico, nem tampouco apenas cultural, chegando-se a razão de que os mesmos se constituem por ambos fatores. Logo, podemos inferir que o argumento possui cogência por possuir as três características que o torna um bom argumento.

No seguir do texto o autor vai buscar contrapor, por meio de dois contra-argumentos, o argumento posto em destaque. A primeira impressão é que os excertos extraídos não parecem ser dois contra-argumentos, mas sim uma exemplificação. Contudo, deve-se notar que o são porque os mesmos busca defender perspectivas -ora do inato, ora do adquirido- colocando objeção à defesa de que os indivíduos se constituem por ambos fatores. No primeiro contra-argumento o autor vai pontuar que os genes são responsáveis por produzirem e diferenciarem homens e mulheres por meio da carga hormonal recebida por ambos. Os hormônios produzidos teriam influência direta sobre o tipo de comportamento a ter tido por cada um, no mínimo ao fator sexualidade. Neste trecho é enfatizado o fator biológico na arquitetura do comportamento. No segundo contra-argumento, seguindo a mesma linha de raciocínio denotando uma objeção ao argumento, o autor se utiliza do operador argumentativo *por outro lado* fazendo objeção tanto ao argumento, como também, ao contra-argumento, visto que, se coloca em visão diferente de ambas premissas. Alude a ideia de que os fatores ambientais, por meio de diferentes artefatos culturais, imprimem no indivíduo um tipo de comportamento a ser seguido, acentuando que há no sujeito uma modelização dada pela cultura. Ambos contra-argumentos não ataca, diretamente, a proposta de que os sujeitos se constituem por ambos fatores (inato/adquirido), porém, cada contra-argumento, ao defender uma outra posição põe em xeque o que foi assumido no argumento inicial.

Quanto a resposta o ensaísta se posiciona de modo ambíguo, utilizando de dois operadores argumentativos de conclusão *no entanto* e *portanto*. Na primeira resposta o autor emprega a voz de um especialista para confrontar o que foi dito no contra-argumento, no tocante a sexualidade, afirmando que os indivíduos não evoluíram com uma sexualidade pré-definida estando aptos a diferentes sexualidades, logo, coloca

em xeque a influência dos hormônios como afirmado no contra-argumento. Tal investida, timidamente, se assemelha mais a questão ambiental apontada no argumento quanto a formação comportamental dos indivíduos. Na segunda resposta, entretanto, o autor traz uma exemplificação de pesquisa afirmando que há, em macacos testados, uma pré-disposição a determinados tipos de comportamento quando comparados grupos de machos e fêmeas, o que presume inferir que o fator biológico, até certo grau, também é um potencializador de nossos comportamentos.

O que é relevante nessa passagem é que o autor buscou empregar, a todo momento, um diálogo entre as partes do texto, demonstrando ter apreendido o que foi repassado durante o processo de ensino-aprendizagem.

Argumentos	Contra-argumentos	Resposta
Arg 2	Ca 2	Resp. 2
<p>“o fator inteligência é fundamentalmente adquirido e as diferenças entre as pessoas se devem às maneiras distintas com que são educadas e às experiências pelas quais passam”. (linhas 93 - 95)</p>	<p>“Não obstante, pesquisas estatísticas de caráter correlacional vêm trazendo dados que levam a crer (e muitos já creem) na possibilidade da inteligência comportar elementos genéticos, que por sua vez representariam, em torno de 50% da capacidade cognitiva”. (linhas 96 -99)</p>	<p>“é claro que genes por si só não determinariam a inteligência, já que é no meio que ela pode ser observada de fato, ele contribuiria com sua parte mostrando procedimentos e possibilitando experiências”. (linhas 101 – 104)</p>

O exceto agora tomado como análise é considerado **argumento de posição de conhecimento** que integra o subtópico inteligência. Nesse tipo de argumento o que foi exclamado é visto como verdadeiro, dentro do contexto que foi produzido, sem necessitar da citação de fonte de um especialista, e pertence à classe dos esquemas argumentativos de conhecimento pessoal. Vale frisar que esse tipo de conhecimento foi concebido, pelo autor, durante o processo de ensinagem em que o mesmo tinha que estudar os conteúdos propostos para a disciplina.

Quanto aos critérios de força e solidez podemos inferir que o argumento em pauta falha quanto a relevância e suficiência tendo apenas o critério de aceitabilidade. O argumento tem **aceitabilidade**, visto que, foi produzido dentro de um contexto em que o mesmo torna-se verdadeiro, não podendo ser negado sua validade. Contudo, podemos assumir que o mesmo não tem relevância, visto que, embora a inteligência possa ser adquirida por fatores externos fatores biológicos também não de influenciar para seu desenvolvimento. Outra questão é que, por um critério de educação recebida, não se pode estimar a inteligência dos sujeitos, visto que, inteligência na psicologia pode ser compreendida de diversos modos o que não fica claro no argumento. Logo, por não possuir o critério de relevância não podemos averiguar quanto a suficiência do argumento, sendo este critério pré-requisito.

No contra-argumento o autor utilizou o operador argumentativo de oposição *não obstante* pontuando de forma clara que pesquisas demonstram a possibilidade da inteligência ser influenciada por fatores genéticos, e que esses corresponderiam pela metade da capacidade cognitiva do indivíduo, pondo em xeque o que havia afirmado no argumento.

Para revidar ao contra-argumento o autor empregou uma resposta de concordância local, visto que, adere a premissa de que os estudos por meio dos genes possa colaborar nas pesquisas sobre a inteligência, porém, não descarta a ideia de que a inteligência só pode ser observada dentro de um lócus reiterando o argumento de que a inteligência é construída no meio social.

Argumentos	Contra-argumentos	Resposta
Arg 3	Ca 3	Resp. 3
“[...] é natural que concebamos que a psicologia diferencial se pauta de maneira	“no entanto, diante da literatura acerca do assunto, não se tem evidências suficientes	“o que se nota é uma maior relevância dada aos fatores genéticos de forma que os fatores

equilibrada na
consideração gene
ambiente” (linhas 144 –
145)

que mostrem de fato
como se dá essa “relação
equilibrada” (linhas 145 –
147)

ambientais *de uma certa
forma* se subordinam
àqueles” (linhas 147 –
148)

Antes de acordamos sobre o argumento em si deve ser sinalizado que antes a seu uso o autor se utiliza de uma citação direta acerca da personalidade, no subtópico *Personalidade*, fazendo acepções sobre os fatores genéticos e ambientais que interferem ou não em seu desenvolvimento, assumindo que somos fruto das da interação desses dois fatores.

O argumento utilizado pelo ensaísta é um *Argumento de posição de conhecimento*, visto que, segue seu raciocínio a partir de um conhecimento adquirido dentro do contexto em que o ensaio foi solicitado, vale também ressaltar que para construção do argumento o autor leva em consideração o que foi citado anteriormente deixando perceber, claramente, a fonte de conhecimento que se embasa.

O argumento em destaque não satisfaz os critérios de força e solidez, em especial o de aceitabilidade, visto que, não possui uma verdade no enunciado construído. Não é verdadeiro o argumento de que a psicologia diferencial se paute de modo equilibrado a relação gene ambiente fere a veracidade da proposição, logo, não podemos considerar o argumento aceitável, pois, fere o princípio de veracidade.

Na construção do contra-argumento o autor se utiliza do operador argumentativo de oposição *no entanto*, ferindo diretamente o argumento. Neste o autor deixa claro que não há provas suficientes, na literatura atual, que deem margem para averiguação de uma maneira equilibrada da relação existente entre os fatores genéticos e ambientais.

Quanto a resposta o autor vai enfatizar que, ao que tange os estudos da personalidade, é dada uma maior ênfase aos estudos genéticos e que os estudos

ambientais estão subordinados a estes. É dada uma resposta de aceitação posto que é levado em consideração que não há um equilíbrio quanto aos fatores genéticos e ambientais, acentua que aqueles são mais valorizados dentro dos campos de estudo da personalidade.

Ao final do texto notemos que o ensaísta buscou sintetizar cada subtópico apresentado. Contudo, percebe-se que o autor não assumiu nenhuma das posições inata e/ou adquirida, pelo contrário, assinala a relação existente entre esses fatores na formação do gênero, da inteligência e da personalidade, buscando um equilíbrio entre esses fatores nas suas afirmações. Pontua, também, que a psicologia diferencial ainda não possui elementos satisfatórios para averiguar as relações interacionistas na formação do sujeito, sendo essa uma lacuna a ser preenchida.

5.6. Ensaio 2 - Participante 18

Análise quanto às características do gênero

“Pode-se afirmar que a psicologia diferencial adota uma perspectiva interacionista sobre o debate inato-adquirido?”, o trecho descrito, utilizado como título na produção em análise, foi ditado aos alunos durante a DIP para que os mesmos produzissem seus ensaios dissertando com argumentos prós a polêmica lançada. O autor fracionou seu texto em cinco subtópicos sequenciais, a saber: introdução, comportamento numa visão inato-adquirido, personalidade numa visão inato-adquirido, inteligência numa visão inato-adquirido e, por último a conclusão. Pelos nomes dados aos subtópicos que compõem o texto é fácil perceber a ênfase dada pelo autor a relação inato-adquirido, tema recorrente em toda tessitura textual.

A segunda produção deste autor, diferentemente da primeira, foi considerada um ensaio por se enquadrar a algumas características tomadas como análise. A primeira característica observada é quanto ao emprego dos argumentos e contra-argumentos. Embora o ensaísta não tenha atingido a quantidade mínima indicada durante a DIP podemos perceber que, por outro lado, consegue sinalizar um diálogo entre argumentos e contra-argumentos respeitando a relação dialógica recomendada para confecção do gênero ensaio. Pontuou também a quantidade mínima de laudas totalizando cinco páginas. Utilizou de citações (linhas 46; 79; 88; 115) ao longo do texto para respaldar seu discurso, perfazendo o quesito opinião fundamentada. O uso de operadores argumentativos para manter a coerência textual. Essas características que foram elencadas eram impulsionadas dentro do contexto de produção.

Em relação as características tomadas a partir de Paviani (2009) podemos perceber que, as quatro características tomadas pelo autor, foram elencadas ao longo do ensaio, são elas:

1º “é um estudo, uma investigação, uma reflexão, etc.” (Paviani 2009, p.4). Para produção do gênero se fez necessário que os alunos se apoderassem do conhecimento científico que tratasse do tema abordado e sobre eles esboçassem uma reflexão a respeito da visão dos autores produzindo uma atividade de estudo, reflexão e investigação.

2º “é um estudo formalmente desenvolvido”, (Paviani 2009, p.4). Essa característica está embasada sobre os próprios critérios instrucionais repassados aos alunos para confecção do ensaio já comentado na seção *gênero discursivo ensaio*.

3º “o ensaio, como texto, pode ser de natureza literária, científica e filosófica, (Paviani 2009, p.4). Dado o contexto de produção o ensaio, produzido no campo acadêmico, se aproxima da natureza científica comentada pelo autor.

4º “Deve a exposição ser lógica”, Paviani (2009, p.). O cumprimento desse requisito deve-se ao fato do texto ter exposto, de modo lógico, aquilo que se propôs ensaiar argumentando de modo objetivo sua proposta.

Argumentação produzida, tipos de argumentos e sua força e solidez

Argumentos	Contra-argumentos	Resposta
Arg 1	Ca 1.1	Resp. 1
“Adotando uma perspectiva inata homens e mulheres são diferentes, pois têm diferenças de estruturas orgânicas, genéticas e hormonais que são responsáveis por ditar alguns aspectos do desenvolvimento comportamental” (linhas 34 - 36)	“Contudo se adotando uma perspectiva adquirida, para o comportamento aprendido (que é aquele observado a partir do que o organismos, faz quando aprende algo, ou do que faz quando confrontado com novas situações) veremos, que o meio social interfere significativamente para a formação do comportamento” (linhas 62 - 66)	“No olhar de uma perspectiva interacionista é considerado que, tanto o comportamento inato e o comportamento adquirido, são responsáveis por nos influenciar em todos os aspectos.”; (linhas 90 - 92)

No trecho em destaque o autor se utilizou de um **Argumento de posição de conhecimento**, no subtópico nomeado *comportamento numa visão inato-adquirido*, pertencente aos *Esquemas argumentativos de Conhecimento Pessoal*. Esse tipo de argumento indica uma informação adquirida pelo sujeito dentro de uma dada instância discursiva, e que agora constitui seu conhecimento sobre um determinado assunto. Em relação às questões de força e solidez podemos inferir que o argumento tem aceitabilidade e relevância, porém, é falho quanto ao critério de suficiência. O argumento tem aceitabilidade pode ser condizente com aquilo que sustenta na afirmativa, possuindo veracidade sobre o que disserta. Pois, na literatura, é aceitável

pontuar, por uma visão inatista, que homens e mulheres são diferentes por possuírem processos orgânicos distintos. É relevante por manter uma relação direta com a conclusão. Se é concluso que na perspectiva interacionista as abordagens inato e adquirido devem ser levadas em consideração, logo, é relevante argumentar acerca da posição inatista na formação/desenvolvimento do comportamento. O Argumento não possui suficiência por não se acentuar sólido para dele se inferir uma conclusão. Ao aceitar as bases inata e adquirida, na constituição do comportamento, pode-se presumir que o autor acolhe a perspectiva inata, contudo, apenas ela não foi suficiente para se imprimir uma conclusão.

Para contra argumentar o autor empregou o operador argumentativo *no entanto* atacando de modo direto o contra-argumento arguindo que, na formação do comportamento, o meio social possui um papel significativo (perspectiva adquirida) interferindo de modo preponderante na constituição comportamental do sujeito.

A resposta é de integração, visto que, o autor aceitou tanto as premissas da perspectiva adquirida, como também, da perspectiva inata, fomentando a ideia de que, numa perspectiva interacionista, ambos os fatores são levados em consideração.

Referente à cogência do argumento podemos inferir que o mesmo possui os critérios de aceitabilidade e relevância. A aceitabilidade do argumento é plausível, visto que, a premissa é dada como verdadeira dentro do contexto em que foi produzida não tendo objeção quanto a sua veracidade. Possui relevância porque está em consonância com a abordagem feita a partir da perspectiva inata. Contudo, falha no critério suficiência por não construir bases sólidas para dela se inferir uma conclusão, visto que, outras características são levadas em consideração sobre a formação/desenvolvimento do comportamento dos indivíduos.

Argumentos

Arg 2

Contra-argumentos

Ca 2

Resposta

Resp. 2

“Francis Galton compreendeu que a personalidade e a inteligência devem ser influenciadas por vários genes, pois quanto mais próxima a relação genética de duas pessoas, maior deve ser a semelhança entre elas. A genética comportamental se baseia nesse princípio”. (linhas 118 – 122)

“Mas numa perspectiva adquirida, a influencia do ambiente é primordial e o mais importante, pois pode alterar os cursos do desenvolvimento do individuo.” (linhas 131 - 132)

“A correlação não diz causa e feito, apenas indicam que as variáveis (inato e ambiente) andam juntos, e a perspectiva interacionista da psicologia diferencial apóia essa junção das variáveis.” (linhas 147 – 149)

Neste exceto, localizado no subtópico *personalidade numa visão inato-adquirido*, temos agora um argumento pertencente a classe dos *Esquemas argumentativos de Conhecimento Pessoal* classificado como argumento de especialista. Embora o autor não evidencie as fontes nas quais se sustenta o mesmo recorre a voz de outro alinhando a mesma para construção de seu argumento. Observe que, neste caso, o autor não se remete ao especialista para comprovar a tese que está defendendo, mas, sim, incorpora o discurso do autor aludindo que a assertiva é consoante com o que o mesmo pensa podendo ser compreendido pelo autor do ensaio de uma outra maneira. Percebe-se que ao experimentar esse recurso o autor busca um cruzamento dos discursos para que se possa levar em consideração diferentes perspectivas sobre um determinado conteúdo.

Quanto aos critérios de força e solidez dos argumentos o argumento em questão apresentou os critérios de aceitabilidade e relevância. A aceitabilidade pode ser acurada pelo valor de veracidade contido na premissa utilizada dentro de um contexto no qual sua validade não pode ser negada, mesmo que posta colocada em suspenso por outros argumentos não há como negar sua credibilidade. É relevante por ter condições satisfatórias para se poder inferir algo sobre a tese defendida, mas

não mantém consonância com a conclusão dada pelo ensaísta. Apresenta falha quanto ao critério de suficiência, visto que,

Por outro lado, no contra-argumento, o autor se utiliza do operador argumentativo adversativo *mas* espreitando um contraponto em relação ao que fora produzido no argumento. O autor indica que os fatores ambientais são fundamentais e podem sim afetar diretamente no percurso de desenvolvimento do comportamento dos indivíduos.

Mais uma vez percebe-se uma resposta de integração, visto que, o autor acaba por levar em consideração fatores inato e adquirido. Assevera que não há uma correlação direta de causa e efeito entre esses dois fatores, mas, sim, que ambos são afetados ao longo do desenvolvimento dos sujeitos.

Quanto aos critérios de força e solidez dos argumentos o argumento em questão apresentou os critérios de aceitabilidade e relevância pelos mesmos aspetos já explicitados nos outros argumentos.

5.7. Comparação dos ensaios do participante 1

Neste Trecho do trabalho, conforme indicado na metodologia, temos como proposta resumir a estruturação dos ensaios produzidos pelos participantes. Para isso serão apresentados tabelas dos ensaios dos alunos escolhidos para compor o corpo do trabalho e uma apreciação acerca do que foi averiguado ao comprarmos ensaios 1 e 2. Nos anexos, encontram-se as demais tabelas com os resultados encontrados entre os ensaio dos demais alunos.

Nas tabelas apresentadas em seguida em colunas verticais, são apresentadas sumariamente a caracterização quanto ao gênero e, sem seguida, a quantidade de

argumentos, contra-argumentos e respostas construídos a cada texto. Posteriormente, também, em colunas verticais, a figura se divide em tipos de argumentos e ao lado é grifado a cogência de cada argumento apresentado. Vale ressaltar que o número de quadrantes empregados no tipo de argumento e em sua cogência difere, pois depende da quantidade de argumento produzido a cada ensaio analisado.

5.8. Comparação dos ensaios do participante 1

Tabela 4: tabela esquemática dos ensaios do participante 1

Caracterização quanto ao gênero	
Ensaio 1	Ensaio 2
<p>Pontos positivos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do número mínimo de argumentos e contra-argumentos; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso de operadores argumentativos; - Uso de argumento de especialista e a posição de conhecimento; <p>Pontos negativos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Produção de apenas um argumento com o critério de suficiência; - Conclusão imprecisa ao final do texto 	<p>Pontos Positivos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Boa arguição do tema desenvolvido; - Relação proporcional de argumentos e contra-argumentos dois e dois, respectivamente; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso de operadores argumentativos; - Argumentos produzidos aceitos com o critério de suficiência; <p>Pontos negativos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Construção abaixo do número mínimo indicado de argumentos e contra-argumentos; - Conclusão imprecisa; - O não emprego de argumentos de especialista;
Tríade argumentativa	

Ensaio 1			Ensaio 2		
Arg.	C.Arg.	Resp.	Arg.	C.Arg.	Resp.
4	8	3	2	2	2
Cogência dos argumentos					
Tipos de argumentos		Aceitabilidade	Relevância	Suficiência	
Ensaio 1	Posição de conhecimento	X	X	X	
	Posição de conhecimento	X	X		
	Valor	X			
	Especialista	X			
Ensaio 2	Definição para classificação verbal	X	X	X	
	Definição para classificação verbal	X	X	X	

Na trajetória acima podemos perceber que o aluno já consegue, desde o primeiro ensaio, arguir com clareza acerca do tema desenvolvido, demonstrando desenvoltura na performance argumentativa escrita. Utiliza-se de operadores argumentativos para pontuar seus contra-argumentos indicando um uso racional acerca da linguagem escrita, como também, de operadores argumentativos de conclusão para as respostas. Todos esses fatores também foram pontuados em relação ao segundo ensaio. Vale ressaltar que, diferentemente da maioria dos ensaios, em ambas produções o aluno optou pela escritura em texto corrido, não demarcando nenhum tópico em especial.

Quanto a tríade argumentativa percebemos que o aluno empregou um número maior de elementos da tríade no primeiro ensaio em detrimento do segundo. Ao

primeiro ensaio o mesmo pontuou quatro argumentos⁹, oito contra-argumentos e três respostas, sinalizando um uso superior que ao indicado. No segundo ensaio imprimiu apenas dois argumentos, dois contra-argumentos e duas repostas, não perfazendo o número mínimo indicado.

Contudo, vale ressaltar que, em relação ao primeiro ensaio o aluno não empregou os mesmos de modo sincronizado, ou seja, sinalizando um contra-argumento e uma resposta para cada argumento produzido de modo que o satisfizesse de modo direto (rever na microanálise). Empregou dois contra-argumentos ao primeiro argumento, sem apresentar resposta; Um contra-argumento e uma resposta ao argumento dois; dois contra-argumentos e duas respostas ao terceiro argumento; e três contra-argumentos e nenhuma resposta ao quarto argumento, sinalizando um excesso de contra-argumentos e uma carência ao quesito resposta. Porém, ao que tange o segundo ensaio - embora tenha produzido um número inferior de argumentos e contra-argumentos indicado na DIP - é elogiável que o ensaísta empregou de forma mais harmoniosa a tríade argumentativa aplicando para cada argumento produzido um contra-argumento e uma resposta. Podemos dizer que aluno teve, no segundo ensaio, uma melhor compreensão da forma a serem construído argumentos, contra-argumentos e respostas, sinalizando uma melhor marca de sua competência argumentativa escrita, como também, metatextual. Embora solicitado que os alunos produzissem um número mínimo de argumentos era privilegiado que esses não fossem apenas listados na produção textual, mas, sim, que mantivessem uma relação dialógica entre si, marca melhor pontuada na segunda produção do participante em análise.

⁹ Cabe ressaltar que o número mínimo de três argumentos e três contra-argumentos não é, em si mesmo, critério de quantidade. Três tem um certo grau de arbitrariedade e foi utilizado como um recurso pedagógico para assegurar a possibilidade do aluno examinar sistematicamente os dois lados da controvérsia.

Quanto aos tipos de argumentos pode-se perceber que no primeiro ensaio os esquemas argumentativos foram produzidos com maior diversidade, apresentando quatro tipos de esquemas argumentativos. Deve ser destacado que dos quatro esquemas argumentativos apresentados dois são de posição de conhecimento e um de especialista, sendo estes argumentos pertencentes aos esquemas argumentativos de conhecimento pessoal. Vale ressaltar que embora os dois primeiros argumentos, posição de conhecimento, não sejam de especialista os mesmos encontram-se em consonância com o conhecimento produzido no contexto educacional, sendo versados sobre um conhecimento adquirido na disciplina cursada. O argumento de especialista refere-se a citação que é, como já explicitado, um recurso valorado dentro da academia e que era valorado durante a disciplina, como também, a autenticação do aprendizado pelo educando.

No segundo ensaio o aluno empregou apenas dois argumentos de um mesmo tipo - argumento de definição para classificação verbal dos esquemas argumentativos de regra e exceção. Podemos que o aluno seguiu, de modo consciente ou não, uma linha de raciocínio para feitura do texto, fomentando um mesmo tipo de linguagem em sua produção textual que acabou culminando na confecção de um mesmo tipo de argumento. Todavia, seria de bom senso que o aluno houvesse empregado, em ambos ensaios, argumentos de especialista (citação de fonte) muito valorado durante a disciplina.

Em relação a cogência dos argumentos podemos admitir que o aluno avançou quanto a marcação da força e da solidez de seus argumentos, embora tenha produzido em menor quantidade. No primeiro ensaio, dos quatro argumentos produzidos, apenas um atingiu todos os critérios (aceitabilidade, relevância e suficiência). Para o segundo ensaio dos dois argumentos produzidos ambos foram

inferidos como possuidores dos três critérios supracitado. Tal feito implica dizer que houve uma melhora significativa quanto à produção argumentativa escrita, no quesito cogência, do participante, visto que, o mesmo conseguiu imprimir argumentos no segundo ensaio quando comparado ao primeiro.

5.8. Comparação dos ensaios do participante 9

Tabela 5: tabela esquemática dos ensaios do participante 9

Caracterização quanto ao gênero						
Ensaio 1			Ensaio 2			
Pontos positivos			Pontos positivos			
- Boa arguição do tema desenvolvido;			- Boa arguição do tema desenvolvido;			
- Apresentação do número mínimo de argumentos e contra-argumentos;			- Apresentação do número mínimo de argumentos e contra-argumentos;			
- Exposição de argumento de posição de conhecimento;			- Exposição de argumento de posição de conhecimento;			
- Boa cogência dos argumentos produzidos;			- Uso de operadores argumentativos;			
- Uso de operadores argumentativos;			- Divisão do texto em tópicos;			
- Divisão do texto em tópicos;			Pontos negativos			
Pontos negativos			- Uso de argumento sem aceitabilidade;			
- Não uso de argumento de especialista;			- Não uso de argumento de especialista;			
Tríade argumentativa						
Ensaio 1			Ensaio 2			
Arg.	C.Arg.	Resp.	Arg.	C.Arg.	Resp.	
3	4	3	3	4	4	
Cogência dos argumentos						
Tipos de argumentos		Aceitabilidade	Relevância	Suficiência		

Ensaio 1	Posição de conhecimento	X	X	X
	Valor	X	X	X
	Valor	X	X	
Ensaio 2	Definição para classificação verbal	X	X	X
	Posição de conhecimento	X		
	Posição de conhecimento			

Igualmente ao aluno anterior o participante, agora em análise, consegue dissertar com clareza acerca do tema discutido, demonstrando destreza para composição do gênero requisitado. Marca de modo pontual contra-argumentos e respostas por meio dos operadores argumentativos sinalizando entendimento do uso formal da língua. Optou pelo uso do texto dividido em tópicos o que, ao nosso olhar, facilitou no refinamento para conceituação de alguns termos. Ambas características foram pontuadas em ambos ensaios. Ao compararmos primeiro e segundo ensaio percebemos que a diferença entre eles não reside em sua construção composicional - ambos aceitos como gênero argumentativo ensaio e quase homogêneos em sua estruturação – mas, sim, quanto a cogência e ao tipo de argumentos apresentados em seguida.

Quanto ao quesito tríade argumentativa não foi percebida uma diferença significativa, visto que, o participante empregou apenas, no segundo ensaio, uma resposta a mais quando comparado ao primeiro ensaio. Isso nos permite supor que o aluno apreendeu de modo satisfatório o uso da tríade argumentativa no modo escrito, sendo este um elemento bastante utilizado durante os debates no modo oral.

Podemos também apontar que o uso coerente dos operadores argumentativos ajudou a empregar de modo eficaz o uso da tríade modalizando o discurso produzido.

Foram apresentados, quanto aos tipos de argumento, uma mesma quantidade em ambas produções, divergindo apenas quanto ao tipo. No primeiro o autor empregou um argumento de posição de valor que, ao que tange o contexto de produção, tem relação direta com o conhecimento adquirido pelos alunos sobre o assunto em questão. Ou seja, é percebido que na construção do argumento há uma inter-relação com o assunto colocado a prova não sendo um argumento de especialista por não fazer uso da fonte. Os outros dois, argumento de valor, faz ressalva da teoria dos traços quando comparada a outras teorias. O uso desse argumento talvez tenha sido induzido pela pergunta “Quais as vantagens e limites de estudar a personalidade por meio da teoria dos traços?”, que, por possuir a palavra vantagem, tenha levado o ensaísta a impostar um argumento valorativo quanto ao emprego da teoria dos traços. No segundo ensaio o aluno empregou um argumento de definição para classificação verbal que pode ser justificado pela marcação de um propósito conceitual e dois argumentos de posição de conhecimento que, como vem sendo abordado aqui, consiste no emprego de um certo conhecimento sobre o assunto em voga sem a citação da fonte. Cabe observar que um maior uso nesse tipo de argumento consiste no desenvolvimento do conhecimento adquirido sobre um determinado assunto.

Quanto a cogência dos argumentos houve a compreensão de que o ensaísta conseguiu imprimir com melhor qualidade a força e a solidez dos argumentos no primeiro ensaio. Em relação ao primeiro ensaio dos três argumentos produzidos dois conseguiram pontuar os três critérios (aceitabilidade, relevância e suficiência). Enquanto que no segundo ensaio dos três argumentos apenas um alcançou essa

marca, além de um argumento sem apontar aceitabilidade. Dessa forma podemos acurar que o aluno obteve uma melhor desenvoltura, quanto a cogência, no primeiro ensaio. Essa leitura mostra que o aluno declinou quanto a competência argumentativa, visto que, deveria ter empregado argumentos mais sólidos para um melhor resultado. Tal declínio pode ter sido resultado do grau de dificuldade que possui o assunto trabalhado no segundo ensaio o que resultou, também em outros ensaios, um número maior de conceituação dos termos sem necessariamente, fazê-lo de modo argumentativo.

5.9. Comparação dos ensaios do participante nº 18

Tabela 6: Tabela esquemática dos ensaios do participante 18

Caracterização quanto ao gênero	
Ensaio 1	Ensaio 2
<p>Pontos positivos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Divisão do texto em tópicos; <p>Pontos negativos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Não apresentou o número mínimo de argumentos e contra-argumentos indicados; - Listagem de conteúdo informacional em detrimento do gênero; - Emprego mal formulado de citações; - Má relação entre as partes do texto; - Falha quanto a lógica da exposição dos assuntos; - Ausência ou mal uso dos operadores argumentativos; - Pouca simetria no uso da tríade argumentativa; 	<p>Pontos positivos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Divisão do texto em tópicos; - Relação entre as partes do texto; - Melhor apresentação dos elementos da tríade argumentativa; - Uso adequado dos operadores argumentativos; <p>Pontos negativos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quantidade de argumentos e contra-argumentos abaixo do indicado; - Melhor conceituação de alguns termos;

Tríade argumentativa						
Ensaio 1			Ensaio 2			
Arg.	C.Arg.	Resp.	Arg.	C.Arg.	Resp.	
4	2	2	2	2	2	
Cogência dos argumentos						
Tipos de argumentos		Aceitabilidade	Relevância	Suficiência		
Ensaio 1	Causa e efeito	X	X	X		
	Enviesado					
	Especialista	X				
	Posição de conhecimento	X				
Ensaio 2	Posição de conhecimento	X	X			
	Especialista	X	X	X		

O primeiro texto apresentado pelo participante acima não foi considerado um ensaio por infringir tanto as instruções repassadas durante a DIP – como informados na microanálise, como também, os critérios ressaltados por Paviani (2009). As infrações foram sumariadas no quadro acima. Porém, quanto a realização do segundo texto, o mesmo foi entendido como um ensaio, embora tenha apresentado um número de argumentos e contra-argumentos abaixo do esperado e apresentar falhas na apresentação de alguns conceitos ao longo do texto. Apesar disso, foi observado uma melhora significativa na confecção do segundo ensaio, visto que, o ensaísta dividiu, mais uma vez, seu texto em subtópicos facilitando no processo de ordenação dos temas tratados. Imprimiu uma apresentação mais condensada de acordo com o que seria abordado ao longo de sua produção. Empregou, diferentemente do primeiro

ensaio onde demonstrou alguns equívocos, uma melhor adequação no uso dos operadores argumentativos. Quanto a caracterização do gênero foi percebida uma evolução na confecção do segundo ensaio, o que indica desenvolvimento no aprendizado da produção argumentativa escrita.

Um ponto bastante ressaltado foi quanto a produção de argumentos e seus respectivos contra-argumentos e respostas, perfazendo um total de dois, dois e dois, respectivamente. Dessa forma, observamos que houve uma melhor padronização dos critérios referentes a tríade argumentativa, estabelecendo uma relação dialógica mais simétrica entre os termos.

Em relação aos tipos de argumentos o autor mostrou maior diversidade no primeiro ensaio lançando um total de quatro tipos. Enquanto que no segundo apenas dois tipos. Porém, no primeiro ensaio os argumentos foram menos precisos, ou seja, não estabelecendo uma relação direta com o fato a ser pautado. Importante destacar que foi utilizado um argumento enviesado que, no tipo de proposta de ensino-aprendizagem, não é um argumento satisfatório por não concretizarem bases sólidas para uma conclusão. Ao compararmos os ensaios podemos perceber que houve uma melhoria quanto ao emprego do tipo de argumento, visto que, o autor se utilizou de dois argumentos e seus respectivos contra-argumentos e resposta, fomentando uma simetria entre eles. Utilizou-se do argumento de posição de conhecimento que, nesse contexto tem relação direta com os assuntos discutidos na disciplina, como também, do argumento de especialista valorado no contexto acadêmico. Sendo assim, podemos acentuar quanto aos tipos de argumentos que houve uma melhoria do seu emprego.

Ao que cabe a cogência dos argumentos foi evidenciado um melhor uso no segundo ensaio. Destaca-se que em ambos ensaios apenas um argumento atingiu os

três critérios, porém, no segundo ensaio, o primeiro argumento obteve os escores de aceitabilidade e relevância o que indica uma melhor acurácia dos argumentos produzidos. Dada essas circunstâncias podemos inferir que tais circunstâncias sinaliza um refinamento quanto ao emprego dos argumentos na produção escrita. Vale destacar que o tipo de argumento produzido proporcionou uma melhor força e solidez dos argumentos, visto que, seus empregos exige uma apropriação pelo autor do assunto versado.

6. Macroanálise dos ensaios

Como já referido na metodologia temos como proposta analisar todos os ensaios produzidos dentro de um plano sintético, arrolando em tabelas e gráficos as características percebidas. Primeiramente quanto às categorias do gênero dado em tabela; segundo quanto a tríade argumentativa; terceiro quanto aos tipos de argumento e, por último, quarto quesito, quantos aos critérios de força e solidez. As três últimas categorias serão apresentadas na forma de gráficos;

6.1. Visão geral dos ensaios quanto a caracterização do gênero

Ao analisarmos todas as produções podemos perceber que há uma semelhança entre os ensaios desde a primeira produção, embora apresente uma melhoria no segundo ensaio. De todas as produções apenas duas não foram consideradas como gênero discursivo ensaio por não possuírem critérios básicos como, à guisa de exemplificação, a exposição lógica do conteúdo; equívocos quanto ao uso dos operadores argumentativos; explicações conceituais imprecisas; argumentos com pouca ou nenhuma aceitabilidade, entre outras. Foram os ensaios de número 18 em sua primeira versão e o ensaio de número 10 na segunda versão, ambos apresentados equívocos semelhantes.

Ao que foi solicitado na DIP foi observado que muitos ensaios não conseguiram imprimir a marca mínima de três argumentos e três contra-argumentos o que não os destituía enquanto gênero ensaio, mas, sim, demonstra uma dificuldade dos alunos em conseguirem, conforme indicado, a quantidade mínima indicada. Por outro lado, mesmo alguns ensaios não apresentarem a quantidade mínima indicada

de argumentos e contra-argumentos, como demonstrado na microanálise e macroanálise do participante 18 em sua primeira produção, mantiveram uma relação dialógica entre as partes construídas, demonstrando uma maturidade ao formular argumentos ao invés de apenas listar conceitos na confecção dos ensaios.

Quanto aos quatro critérios adotados do Paviani (2009), com exceção do primeiro ensaio do participante de número 18 e do segundo ensaio do participante de número 10, os ensaios mantiveram uma relação com o que sugere o autor.

É sabido que o próprio contexto acadêmico de produção implicava diretamente para o apontamento de algumas características, como os critérios 1, 2 e 3 que, exigiam dos participantes estudo, reflexão e investigação, endossado pelo próprio material obrigatório de estudo da disciplina; posse das instruções para formulação dos ensaios dado pelo modelo instrucional dado na DIP; e a natureza científica empregado aos assuntos a serem esboçados.

O quarto quesito, referente a lógica do conteúdo, não foi atingido por todos, pois, algumas produções demonstravam pouca capacidade de parafrasear conceitos ou esboçar sua posição frente ao assunto abordado. O quadro abaixo sumaria as características atingidas pelos alunos. Cabe, ainda, destacar que a maioria dos ensaios foram apresentados com tópicos e subtópicos que garantiu, aos alunos, uma melhor organização textual.

Tabela 7: Visão geral das características do ensaio

Paviani (2009)	
Caraterísticas	Descrição
1º	“É um estudo, uma investigação, uma reflexão”
2º	“É um estudo formalmente desenvolvido, dentro de padrões mais ou menos formais”
3º	“O ensaio, como texto, pode ser de natureza literária, científica e filosófica”
4º	“Deve a exposição do assunto ser lógica”

Participantes ↓	Ensaio 1				Ensaio 2			
	1º	2º	3º	4º	1º	2º	3º	4º
1	*	*	*		*	*	*	*
2	*	*	*	*	*	*	*	*
3	*	*	*	*	*	*	*	*
4	*	*	*		*	*	*	*
5	*	*	*	*	*	*	*	*
6	*	*	*		*	*	*	
7	*	*	*		*	*	*	
8	*	*	*	*	*	*	*	*
9	*	*	*	*	*	*	*	*
10	*	*	*					
11	*	*	*		*	*	*	
12	*	*	*		*	*	*	*
13	*	*	*					
14	*	*	*	*	*	*	*	*
15	*	*	*		*	*	*	
16	*	*	*	*	*	*	*	*
17	*	*	*		*	*	*	*
18					*	*	*	
19	*	*	*		*	*	*	
20	*	*	*					
21	*	*	*	*	*	*	*	*
22	*	*	*		*	*	*	*
23	*	*	*		*	*	*	*
24	*	*	*		*	*	*	*
25	*	*	*	*	*	*	*	*
26	*	*	*		*	*	*	*
27	*	*	*	*	*	*	*	*
28	*	*	*		*	*	*	*
29	*	*	*	*	*	*	*	*
30	*	*	*		*	*	*	
31	*	*	*		*	*	*	

32	*	*	*		*	*	*	*
33	*	*	*		*	*	*	
34	*	*	*		*	*	*	*
35	*	*	*		*	*	*	

6.2. Visão geral dos ensaios quanto aos elementos da tríade argumentativa

Será tomado em dados percentuais (caráter meramente descritivo) o uso dos elementos que constituem a tríade argumentativa nos ensaios. As porcentagens foram feitas da soma, conforme demonstrado abaixo, do montante de argumentos, contra-argumentos e repostas, com o intuito de pontuar qual dos elementos é o mais empregado.

	Argumentos	C.Argumentos	Resposta	Total
Ensaio 1	99	84	30	213
Ensaio 2	84	75	35	194

Os números acima resultaram nos percentuais mostrados nos gráficos abaixo.



Figura 5: Elementos da tríade nos ensaios 1



Figura 6: Elementos da tríade nos ensaios 2

Os resultados apontados nos gráficos acima nos indicam três situações peculiares às produções analisadas.

Primeiro podemos perceber que não foi identificada uma diferença significativa quanto ao uso dos itens argumento e contra-argumento ficando, primeira e segunda produção, pontuando escores proximais. Quanto ao fator resposta, houve um leve crescimento na segunda produção, isso nos permite inferir que os alunos na segunda produção avançaram, de modo moderado, em relação ao uso da tríade argumentativa na modalidade escrita.

Deve também ser ressaltado que a tríade argumentativa no segundo ensaio apresentou uma melhor sincronia, ou seja, os alunos ao invés de apresentarem dois contra-argumentos para um argumento produzido ou duas respostas dentro da mesma cadeia argumentativa procuraram igualar seus usos, utilizando um contra-argumento e uma resposta em cada situação. Isso pode ser, notoriamente, apontado nas produções dos alunos de número 9 e 18 escolhidos para compor nossa análise no corpo da dissertação. Tal configuração foi apontada pela redução do número do item argumento e aumento do item resposta. Pelo resultado pode-se notar que, em

relação ao segundo momento de produção, houve redução no número de contra-argumento o implica afirmar uma melhor sincronia dos impasses construídos ao longo das produções.

Contudo, embora o número de respostas tenha aumentado no segundo momento de produção. Vale destacar que seu aumento implica uma melhor ordenação da tríade argumentativa empregada pelos alunos. O baixo número do fator resposta pode ser explicado pelas conclusões dadas aos textos. Grande parte dos alunos utilizavam as conclusões de seus textos para indicarem uma resposta geral que, em alguns casos, acaba servindo como resposta para os contra-argumentos em suas produções o que acabava enfraquecendo o uso adequado da tríade argumentativa. Isso nos reserva a suposição de que os alunos, recém chegados ao universo acadêmico (primeiro período), ainda acentuam em seus textos elementos oriundos dos textos dissertativos-argumentativos dos vestibulares e do exame nacional do ensino médio – ENEM.

6.3. Visão geral dos ensaios quanto aos tipos de argumentos

Para uma melhor compreensão dos tipos de argumentos os mesmos foram dados em gráficos, com seus respectivos percentuais, de acordo com o primeiro e o segundo momento de produção. O gráfico está disposto em formato de pizza e, ao lado, sua respectiva legenda. Ao invés de juntarmos todos os tipos de argumentos em uma única disposição gráfica escolhemos por fazê-los de modo separado. Um gráfico para a primeira versão dos ensaios e, um outro gráfico, para segunda versão dos ensaios, como modo de garantir tanto a leitura geral dos tipos de argumentos empregados, como também, visualizar quais os tipos mais usuais a cada versão.

No primeiro gráfico encontram-se os oito tipos de argumentos encontrados na primeira versão. No segundo gráfico, respectivamente, encontram-se os quatro tipos de argumentos encontrados averiguados na sua segunda versão.

Figura 7: tipos de argumentos nos ensaios 1



Figura 8: tipos de argumentos nos ensaios 2



Podemos observar, de acordo com as figuras acima, que houve uma maior diversidade quanto aos tipos de argumentos durante o primeiro ensaio, aparecendo um total de oitos tipos, para quatro tipos na segunda produção.

Os tipos de argumentos que apareceram apenas nos primeiros ensaios foram: argumento de causa e efeito, argumento de regras, argumento de alternativas e o argumento enviesado. Supomos que essa maior gama de tipos argumentos nas primeiras produções deve-se ao fato dos alunos ainda estarem compreendendo, aos

poucos, como trabalhar a estrutura argumentativa em textos escritos e, em especial, nos ensaios.

Dado esse enfoque, dos alunos estarem em processo de aprendizado do texto argumentativo escrito, podemos perceber o uso do argumento enviesado que, segundo Walton(2010), é um tipo de argumento falacioso, que acabou aparecendo em uma das produções analisadas (participante 18), e que não foi observado em nenhum dos textos do segundo momento de produção. Podemos acentuar que o não aparecimento dos tipos de argumentos mais falhos (enviesado, *ad hominem genérico*, *ad hominem genérico enviesado*, ladeira escorregadia, entre outros), que atacam diretamente o argumentador e não o argumento, deve não ter aparecido por ter sido acentuado, durante todo processo de aprendizagem, que tornam-se satisfatórios e de melhor qualidade aos debates e as produções textuais, os argumentos que busquem manter relação direta com o tema discutido, sem atacar, pessoalmente, orador.

Após a primeira produção, e ao “*feedback*” recebido pelos alunos sobre suas respectivas produções antecipando a futura produção, notamos que houve um enxugamento quanto aos tipos de argumentos utilizados, conforme notado na figura acima.

Dos tipos de argumentos encontrados notamos um aumento quanto ao uso do argumento de especialista que segundo Walton (2010) ancora-se em um raciocínio argumentativo que cita de modo explícito um especialista, uma teoria ou uma determinada fonte para fundamentar e/ou desafiar pontos de vista. O aumento quanto ao uso desse tipo de argumento deve-se à valoração que era dada ao mesmo durante o processo de aprendizagem, como também, pelo próprio contexto de produção (universidade), onde esse tipo de argumento é requerido.

Ao compararmos ambas as figuras podemos julgar, de acordo com os tipos de argumentos produzidos, que houve uma melhoria na competência argumentativa ao que tange o quesito tipos de argumentos, visto que, os alunos imprimiram em seus textos, segunda produção, uma maior quantidade dos argumentos posição de conhecimento e de especialista, sendo estes tipos de argumento plausíveis dentro do universo acadêmico.

6.4. Visão geral dos ensaios quanto à cogência dos argumentos

As figuras abaixo sumaria, de modo ilustrativo, os fatores referentes à cogência dos argumentos conforme Govier (2010).

Figura 9: cogência dos argumentos nos ensaios 1

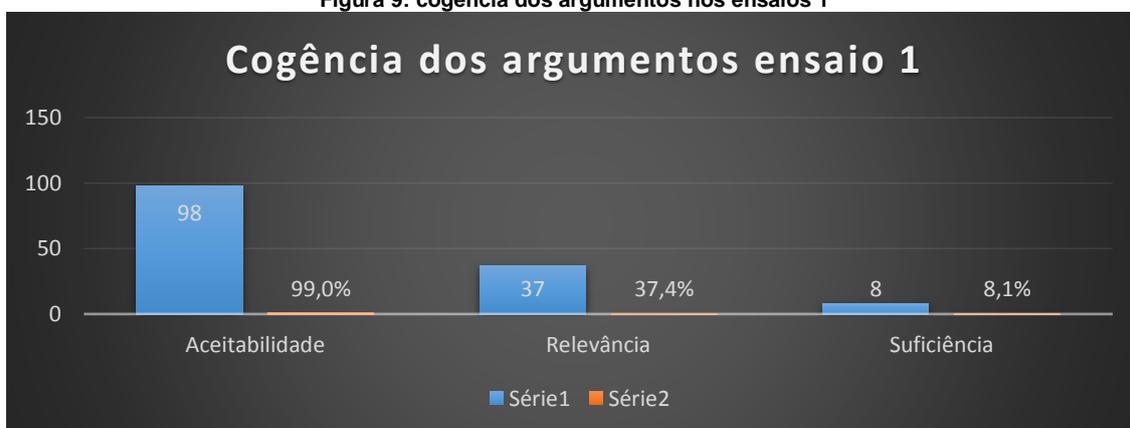


Figura 10: cogência dos argumentos nos ensaios 2



Os critérios de aceitabilidade, relevância e suficiência (ARS) tem como objetivo averiguar o quanto a produção de um argumento é forte o suficiente para dele se inferir uma conclusão. Dessa forma, é considerada a força de um argumento dentro da cadeia argumentativa em que foi produzido, julgados sobre o crivo dos três critérios supracitados.

Como podemos observar nas figuras acima o critério de aceitabilidade obteve a maior pontuação e manteve, entre os ensaios um e dois, índices proximais. Tal pleito deve-se ao fato dos argumentos, no critério de aceitabilidade, passarem pelo julgamento de veracidade que, para Govier (2010), é um primeiro critério a ser analisado em um argumento. Devido ao contexto de produção e da forma como a disciplina era conduzida os alunos, obrigatoriamente, acabaram produzindo argumentos que necessariamente eram verdadeiros por se respaldarem nas leituras prévias recomendadas para os debates e para confecção dos textos. Os argumentos que não passaram por esse critério não o obtiveram apenas por não terem conseguido organizar, de modo coerente, o que estavam buscando argumentar sendo, talvez, apenas um equívoco quanto à organização textual.

Quanto ao critério relevância – critério pelo qual é averiguada se as premissas apoiam razões ou evidência para conclusão – podemos admitir que houve uma melhora ao compararmos primeira e segunda versão dos textos. Isso nos permite alegar que os alunos melhoraram sua competência argumentativa quanto ao critério em destaque, sendo este um elemento relevante na formulação de melhores argumentos. A melhoria observada deve-se ao fato de uma melhor ordenação dos textos produzidos, visto que, na primeira versão os alunos ainda não estavam habituados, tanto aos critérios de avaliação, como também, ao processo de ensino-aprendizagem ao qual estavam àquele momento imersos, sendo assim, supomos que

os mesmos aderiram, ao longo da disciplina, uma melhor consciência metatextual devido às instruções recebidas após a entrega da primeira produção.

O critério suficiência – pelo qual as premissas, vistas em conjunto, são consideradas adequadas ou não para que a conclusão seja julgada racional – também apresentou melhorias quando comparadas primeira e segunda produção. Isso permite considerar que na segunda produção houve uma evolução quanto a competência argumentativa, visto que, os alunos conseguiram imprimir em seus textos argumentos mais contundentes.

Tal comprovação é natural se levarmos em consideração que, a todo momento, os alunos eram instigados a avaliar os argumentos produzidos (os seus e os dos seus colegas) tentando averiguar o que torna um argumento mais plausível que outro, tocados sempre por um processo de metacognição. Para Govier (2010) uma melhora no critério de suficiência em uma produção argumentativa indica um avanço na forma pela qual os sujeitos lidam com os discursos produzidos, sendo vista como uma maturidade no seio das relações estabelecidas pelos indivíduos.

7. Discussões finais

A seguir será descrito a que suposto fim chegamos com o nosso trabalho. Antes disso, deve ser lembrado que nossa proposta de análise poderia ter sido feita por outros meios, porém, como ressalta Johnson (2000), a análise da competência argumentativa sempre levará em conta o olhar adotado pelo investigador a respeito de seu objeto de análise, e cada um adotará perspectiva analítica em conformidade à sua necessidade.

Sendo nossa necessidade avaliar o desenvolvimento de competências argumentativas em textos escritos, buscamos averiguar que ganhos haviam sido gerados em relação à produção do gênero ensaio em dois momentos distintos. Para tanto, escolhemos adotar quatro critérios descritos por Paviani (2009) e as recomendações da DIP para confecção do gênero, por terem uma íntima relação com a proposta recebida pelos alunos para confecção do gênero ensaio ; a tríade argumentativa de Leitão (2000, 2001), como modo de capturar argumentos, contra-argumentos e resposta; os tipos de argumentos conforme Walton (2010) para acurar que tipos de argumentos são mais utilizados e, por último, a cogência dos argumentos baseados em Govier (2010). Nossas discussões finais será apresentada seguindo a ordem estabelecida no processo de análise.

Quanto a caracterização do gênero percebemos que os ensaios, desde sua primeira produção, apresentaram uma homogeneização quanto à estrutura, ou seja, apresentavam similaridade quanto à estruturação empregada o que nos leva a compreender que a aprendizagem dos alunos foi satisfatória, revelando um ponto positivo às práticas pedagógicas que foram aplicadas.

Uma diferença que deve ser ressaltada é que, em alguns casos, na confecção do segundo ensaio, grande parte dos alunos optaram pela divisão do texto em tópicos o que revelou uma melhor ordenação na apresentação dos conceitos a serem discutidos ao longo dos textos. Outra marca bastante acentuada foi em relação ao uso dos operadores argumentativos. Nos primeiros ensaios, embora houvesse o uso dos operadores, os mesmos foram empregados de maneira equivocada ou, em alguns casos, não empregados. Nas análises da segunda produção notamos tanto um aumento no uso dos operadores argumentativos, como também, um melhor uso. Esse dado revela a tomada de consciência metatextual adotada pelos alunos durante a segunda produção, como também, eficaz o “feedback” dado aos alunos, como: leitura dos ensaios produzidos; estudo conceitual do gênero ensaio; estudo do uso dos operadores argumentativos na atividade escrita; emprego de termos adequados no campo da psicologia, entre outros. Um ponto negativo foi em relação às citações que, em ambos ensaios, acabaram por apresentar demasiados equívocos. Todavia, acreditamos que tais equívocos aconteceram pelo fato dos estudantes estarem, em sua maioria, em contato pela primeira vez com as regras estabelecidas pela Associação Americana de Psicologia - APA o que, seguramente, resultou na pouca afinidade.

Quanto ao emprego da tríade argumentativa o item argumento obteve uma maior pontuação em ambos momentos de produção. Podemos inferir que, na confecção do texto escrito, os alunos se focaram no posicionamento de ideias para demarcar a polêmica a ser debatida nos ensaios. Tal iniciativa deve-se ao fato dos alunos serem instigados, durante toda a disciplina, a tomarem posições em relação ao assunto proposto como forma de garantir o impasse a ser discutido. O item contra-argumento obteve os mesmos escores em ambos momentos. Porém, chama-nos

atenção o item resposta, visto que, apresentou o menor uso. Acreditamos que por ser utilizado o gênero discursivo ensaio de caráter argumentativo os alunos acabaram por utilizar a conclusão de suas produções como resposta aos contra-argumentos fomentados ao longo do texto, remetendo-se a estrutura clássica das redações escolares que apresentam *introdução*, *desenvolvimento* e *conclusão*. Essa característica foi fortemente apontada na maioria dos textos em que os alunos, nas conclusões, buscavam firmar uma resposta geral ao que foi descrito durante todo ensaio.

Quanto aos tipos de argumentos houve uma melhora significativa em relação aos tipos de argumentos utilizados na segunda produção. Na primeira produção constatamos o uso de oito tipos de argumentos o que permite afirmar que os alunos ainda estavam em processo de desenvolvimento das ideias a serem construídas na modalidade escrita, visto que, o desenvolvimento de competências argumentativas foi mais trabalhada na modalidade oral devido uso dos debates durante os seis ciclos. Contudo, podemos considerar que o crescimento no uso dos argumentos de especialista e posição de conhecimento revela a utilização dos educandos em perceberem o tipo de discurso a ser utilizado dentro do modelo acadêmico, sendo esses dois tipos de argumentos os mais bem aceitos, denotando numa melhoria na competência argumentativa. Mais uma vez vale destacar que o “feedback” recebido pelos alunos para confecção do segundo ensaio atenuou o refinamento quanto ao uso dos tipos de argumentos, visto que, ressaltava-se durante a disciplina a necessidade de citar os autores que embasavam as justificativas dadas nos argumentos.

Quanto a cogência dos argumentos Govier (2010) podemos inferir que o critério aceitabilidade foi mais empregado devido ao próprio contexto de produção onde, naturalmente, os alunos deveriam fazer suas ponderações, prós ou contra, de acordo

com as leituras pré-estabelecidas durante a DIP. Dessa forma, quase todos os argumentos passaram pelo critério de veracidade apontada por Govier (2010) como primordial para aceitabilidade de um argumento. Em relação a relevância dos argumentos podemos constatar que houve uma melhoria desse item, visto que, foram apresentados uma maior quantidade de argumentos que satisfizessem a esse critério. A suficiência dos argumentos também revelou uma melhora significativa no segundo ensaio, visto que, os alunos apresentaram maior número de argumentos que apresentassem esse critério.

Contudo, deve-se ressaltar que, o uso de argumentos com critérios de suficiência requer uma sofisticação intelectual o que, possivelmente, não há como ser garantido em um período de seis meses. Outra questão é que, caso os alunos refizessem seus textos – por meio de um processo de revisão textual – com concepções mais refinadas sobre *tipos de argumentos e força e solidez* dos argumentos pudesse ocorrer uma maior pontuação do critério suficiência. Govier (2010) ressalta que os argumentos ficam mais sofisticados quando da percepção, pelo orador, dos argumentos por ele, como pelo oponente, produzidos. Tal ênfase também é destacada por Walton (2010). Segundo o autor, os sujeitos tendem a argumentar melhor quando estão mais conscientes dos usos dos argumentos nos mais variados contextos, o que representa desenvolvimento na forma de raciocinar dos indivíduos.

Por fim, com base nas considerações acima, foi possível identificar uma melhoria na produção argumentativa escrita dos alunos. Contudo, vale ressaltar, que embora a ênfase seja dada ao desenvolvimento de competências argumentativas de modo geral, a disciplina recai muito mais na modalidade oral por ser construída por meio de debates o que, de certo modo, inviabiliza uma melhoria significativa nos ensaios dos alunos, embora recebessem instruções para sua confecção. Outro acento

é que os alunos são oriundos do ensino médio e possuem, ainda, poucas habilidades com a escrita acadêmica, o que deixa claro os equívocos cometidos nas citações. Nesse sentido, seria interessante que fosse mais equilibrada os recursos de ensinagem quanto ao uso de argumentos nas modalidades oral e escrita e que, a segunda produção dos alunos, fosse uma crítica do primeiro ensaio o que permitiria perceber, como melhor adensamento, o desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo na escrita argumentativa, como também, da melhoria de suas competências argumentativas.

8. Referências Bibliográficas

- Adorno, T. W. (1994). O ensaio como forma. Sociologia. São Paulo: Ática.
- Allen, D. (2013). Trudy Govier and Premise Adequacy. *Informal Logic*, Vol. 33, No. 2, pp. 116-142.
- Azevedo, C. (2012). Linguagem e mediação: implicações na formação do sujeito. Em: Barone e Andrade (org.). Aprendizagem contextualizada. São Paulo. Casa do Psicólogo.
- Azevedo, J. (1998). Metodologias qualitativas: análise do discurso. Em: A. Steves & J. Azevedo. Metodologias qualitativas para as ciências sociais (pp.107-114). Porto: Instituto de Sociologia.
- Bakhtin, M. (1997). Os gêneros do discurso. In: M. Bakhtin, *Estética da Criação Verbal*. (pp. 277-326). São Paulo: Martin Fontes.
- Baltar, Marcos A. R. A competência discursiva através dos gêneros textuais: uma experiência com o jornal de sala de aula. Tese de doutorado em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- Brait, Beth ; Pistori, M.H.C. (2012). A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online), v. 56, p. 371-401.
- Brait, B. (2010); Alguns pilares da arquitetura bakhtiniana. Em: Brait (org.). Bakhtin: outros conceitos chaves. São Paulo: Contexto.
- Breakwell, G. [et al.]. (2010). Métodos de pesquisa em psicologia. Trad. Felipe Elizalde. Porto Alegre: Artmed.
- Bronckart, J.P. (2006). Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo. Educ.
- Cedillo, Y. Flores-Macías, R. Tirado-Segura, F. (2013). Desarrollo de la competencia argumentativa en foros de discusión en línea: una propuesta constructivista. *anales de psicología*, vol. 29, nº 3, 907-916
- Chizotti, A. (2003). A pesquisa qualitativa em ciências humanas. *Revista portuguesa de educação*, 16 (2), 221 – 236.
- Bruner, J.. (2002). Realidade mental, mundos possíveis. (2a ed.) (M. Domingues, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (obra original publicada em 1985).
- Dias, Isabel. (2010). Competências em Educação: conceito e significado pedagógico. Em: Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 14, Número 1, Janeiro/Junho de 2010: 73-78.

Fuentes, C. (2009). Torneos interescolares de debate. Manuscrito não publicado. Disponível em: <http://www.udp.cl/psicologia/cear/torneo/bases.htm>

Fuentes, C. (2011). Elementos para o desenho de um modelo de Debate Crítico na escola. Em: *Argumentação na escola: O conhecimento em construção* (pp.225- 250). Campinas: Pontes.

Goldman, A. (1999). *Knowledge in a Social World*. Oxford: Clar-endon Press.

Gombert, J. E. (2003). Atividades Metalinguísticas e Aprendizagem da Leitura. In: MALUF, M. R. (org). *Metalinguagem e aquisição da escrita: contribuições de pesquisa para a prática da alfabetização*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Govier, T. (2010). *A practical study of argument*. Wadsworth: Cengalge Learning.

Gunther, H. (2006). **Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa**: Esta é a questão? Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a10v22n2.pdf>>.

Ibraim, S. S.; Mendonça, P.C.C. ; Justi, R. S. (2012). Contribuições dos Esquemas Argumentativos de Walton para análise de argumentos no contexto do Ensino de Ciências. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, v. 1, p. 159-185.

Johnson, R. H. (2000). *Manifest rationality. A pragmatic theory of argument*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.

Koch, I. (2006). *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez.

Kuhn, D. (1999). A developmental model of critical thinking. *Educational Researcher*, 28(2), 16–26.

Kuhn, D. (2000a). Metacognitive development. *Current Directions in Psychological Science*, 9, 178–181.

Kuhn, D. (2000b). Theory of mind, metacognition, and reasoning: A life-span perspective. In P. Mitchell, & K. J. Riggs (Eds.), *Children's reasoning and the mind* (pp. 301–326

Larrosa. J. (2004). A operação ensaio: sobre o ensinar e o ensinar-se no pensamento, na escrita e na vida. *Educação e realidade*. Porto Alegre, V.29, n.1, p.27-44.

Leitão, S. (1999). Contribuições dos estudos contemporâneos da argumentação a uma análise psicológica de processos de construção de conhecimento em sala de aula. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 51(4), 91-109.

Leitão, S. (2000a). A construção discursiva da argumentação em sala de aula. XXX Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, Brasília.

Leitão, S. (2000b). The potencial oh argument in knowledge building. *Human Development* (6), 332-360.

Leitão, S. (2003). Argumentação como processo de construção de conhecimento. *Anais do II Encontro Internacional Linguagem, Cultura e Cognição: reflexões para o ensino*. Belo Horizonte.

Leitão, S. (2007a). Argumentação e desenvolvimento do pensamento reflexivo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (3), 454-462.

Leitão, S. (2007b) Processos de construção do conhecimento: a argumentação em foco. *Pro-Posições*, 18 (3), 75-92.

Leitão, S. (2008). La dimensión epistémica de la argumentación. Em E. Kronmüller & C. Cornejo (Eds.), *La pregunta por la mente: aproximaciones desde Latinoamérica*. Santiago de Chile: JCSaez Editor.

Leitão, S. (2011). *O Debate Crítico como contexto de desenvolvimento do pensamento reflexivo*. Projeto de pesquisa. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.

Lyon, J. (1973). As ideias de Chomsky. São Paulo: Cultrix.

Machado, I. (2010). Gêneros discursivos. Em: Brait (org.). *Bakhtin: outros conceitos chaves*. São Paulo: Contexto.

Matencio, M. L. M. (2004). Letramento, competência comunicativa e representações da escrita. *Revista FAEEBA*, Salvador, v. 13, n.21, p. 23-33.

Marcuschi, L. A. (2005). Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. Em: Karwoski [et al] (orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Paraná: Kaygangue.

Marcuschi, L. A. (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial.

Morato, E. M. (2008). Da noção de competência no campo da Lingüística. In: Signorini, Inês (org.). *Situar a lingua(gem)*. São Paulo: Parábola editorial, p. 39-66.

Oliveira, M. M. (2005). *Como fazer pesquisa qualitativa*. Recife: Bagaço.

Oliveira, M. C. L. de. (2006). Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica [versão eletrônica]. *Psicologia em estudo*, v.11, n.2, pp.427-436.

Paviani, J. (2009). O Gênero Ensaio e sua função na produção do conhecimento e dos saberes. *Anais do V simpósio internacional de estudo de gêneros textuais*.

Perrenoud, P. (1999). *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Rabossi, E. (2002). Racionalidad dialógica: Falacias y retórica filosófica. El caso de la falacia naturalista. Em: O. Nudler. *La racionalidad: su poder y sus límites*. Buenos Aires: Paidós. Disponível em: <<http://xurl.es/sbt1b>>.

Ramírez, N. (2012). *Desenvolvimento do pensamento reflexivo: Avaliação da qualidade argumentativa da argumentação em situação de debate crítico*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Cognitiva. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.

Ramírez, N. ; Souza, D. A. ; Leitão, S . Desarrollo de habilidades argumentativas en contexto de enseñanza-aprendizaje de contenidos curriculares. *Cogency: Journal of Reasoning and Argumentation*, v. 5, p. 107-134, 2013.

Rapanta, C. Garia-Mila, M.Gilabert, S. (2013). What Is Meant by Argumentative Competence? An Integrative Review of Methods of Analysis and Assessment in Education. *Review of educational. Vol. 83, No. 4, pp. 483–520.*

ROJO, R. H. R. (2005). Gêneros do discurso e gêneros textuais: Questões teóricas e aplicadas. In: Meurer, J. L.; Motta-Roth, D.; Bonini, A.. (Org.). *Gêneros: Teorias, métodos e debates*. São Paulo: Editora Parábola.

Roldão, M. (2002). De que falamos quando falamos de competências? *Noesis*. Janeiro/Março, 59- 62.

Santos e R. Costa, R. (2009). O ensaio como práxis sociocognitiva: construção intersubjetiva de sentidos. Não publicado. Disponível em: http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao09/artigos_ic_santosry.php

Silveira, M. (2005). *Análise de gênero textual: concepção sócio-retórica*. Maceió: Edufal.

Smith, Frank. (2003). *Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler*. Trad. Daise Batista. Porto Alegre: Artes médicas.

Souza, D. (2013). *Aprender a argumentar: um estudo do desenvolvimento da produção argumentativa de estudantes universitários*. Dissertação de mestrado em Psicologia Cognitiva, UFPE – Recife.

Vigotsky, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. (P. Bezerra, Trad.) 2º ed. São Paulo: editora Martins Fontes, 2009.

Vigotsky, L. S.. (1998). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores* (M. Cole, Trad.) (8.ed) São Paulo: Martins Fontes.

Walton, D.N. (2010). *Argumentation schemes for presumptive reasoning*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.

9. Anexos

Tabela 8: Tabela esquemática dos ensaios do participante 2

Caracterização quanto ao gênero						
Ensaio 1			Ensaio 2			
Pontos positivos			Pontos Positivos			
<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do número mínimo de argumentos; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso de operadores argumentativos; - Uso de argumento de especialista e de posição de conhecimento; 			<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de argumentos; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso de operadores argumentativos; - Divisão do texto em tópicos; 			
Pontos negativos			Pontos negativos			
<ul style="list-style-type: none"> - Uso de apenas dois contra-argumentos; - Uso de argumento de causa e efeito, apenas listando o conteúdo; - Não apresentou resposta conforme pretendido na tríade argumentativa; - Conclusão imprecisa; 			<ul style="list-style-type: none"> - Construção abaixo do número mínimo indicado de argumentos e contra-argumentos; - Conclusão imprecisa; - O não emprego de argumentos de especialista; - Não apresentação de resposta; 			
Tríade argumentativa						
Ensaio 1			Ensaio 2			
Arg.	C.A.	Resp.	Arg.	C.A.	Resp.	
3	2	0	2	0	0	
Cogência dos argumentos						
	Tipos de argumentos	Aceitabilidade	Relevância	Suficiência		
Ensaio 1	Argumento de especialista	X	X	X		
	Argumento de especialista	X	X			
	Causa e efeito	X				
Ensaio 2	Argumento de especialista	X	X			
	Argumento de especialista	X	X			

Tabela 9. Tabela 6: Tabela esquemática dos ensaios do participante 3

Caracterização quanto ao gênero					
Ensaio 1		Ensaio 2			
Pontos positivos		Pontos Positivos			
<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do número mínimo de argumentos e contra-argumentos; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso de argumento de especialista e de posição de conhecimento; 		<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de três argumentos; - Uso de operadores argumentativos; - Melhor ordenação quanto à estrutura textual; - Posicionamento crítico ao assunto abordado; 			
Pontos negativos		Pontos negativos			
<ul style="list-style-type: none"> - Conclusão imprecisa ao final do texto; - Número de resposta inferior a três; - Mal uso dos operadores argumentativos; 		<ul style="list-style-type: none"> - Construção de contra-argumentos abaixo do número mínimo indicado; - Conclusão imprecisa; - O não emprego de argumentos de especialista; - Número baixo de argumentos relevantes; 			
Triade argumentativa					
Ensaio 1		Ensaio 2			
Arg.	C.Arg.	Resp.	Arg.	C.Arg.	Resp.
4	4	2	3	2	1
Cogência dos argumentos					
	Tipos de argumentos	Aceitabilidade	Relevância	Suficiência	
Ensaio 1	Argumento de valor	X	X		
	Argumento de valor	X	X		
	Argumento de especialista	X			
	Argumento de posição de conhecimento	X			
Ensaio 2	Argumento de posição de conhecimento	X	X		
	Argumento de posição de conhecimento	X			
	Argumento de posição de conhecimento	x			

Tabela 10. Tabela esquemática dos ensaios do participante 4

Caracterização quanto ao gênero					
Ensaio 1		Ensaio 2			
Pontos positivos		Pontos Positivos			
<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do número mínimo de argumentos e contra-argumentos; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso de argumento de especialista e de posição de conhecimento; - Apontamento crítico sobre o assunto em pauta; - Emprego adequado dos operadores argumentativos; 		<ul style="list-style-type: none"> - Uso de operadores argumentativos; - Melhor ordenação quanto à estrutura textual; - Posicionamento crítico ao assunto abordado; - Conclusão concisa e em acordo com o texto construído 			
Pontos negativos		Pontos negativos			
<ul style="list-style-type: none"> - Número de resposta inferior a três; - Mal uso dos operadores argumentativos; 		<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do número mínimo de argumentos e contra-argumentos abaixo do indicado; - Não apresentação de argumentos suficientes; 			
Tríade argumentativa					
Ensaio 1		Ensaio 2			
Arg.	C.A.	Resp.	Arg.	C.A.	Resp.
3	3	2	2	1	1
Cogência dos argumentos					
	Tipos de argumentos	Aceitabilidade	Relevância	Suficiência	
Ensaio 1	Argumento de especialista	X	X		
	Argumento de posição de conhecimento	X			
	Argumento de especialista	X			
Ensaio 2	Argumento de especialista	X	X		
	Argumento de especialista	X	X		

Tabela 11. Tabela esquemática dos ensaios do participante 5

Caracterização quanto ao gênero					
Ensaio 1		Ensaio 2			
Pontos positivos		Pontos Positivos			
<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do número mínimo de argumentos; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso de argumento de especialista e de posição de conhecimento; - Apontamento crítico sobre o assunto em pauta; 		<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do número mínimo de argumentos e contra-argumentos; - Uso de operadores argumentativos; - Melhor ordenação quanto à estrutura textual; - Posicionamento crítico ao assunto abordado; - Conclusão concisa e em acordo com o texto construído; 			
Pontos negativos		Pontos negativos			
<ul style="list-style-type: none"> - Número de contra-argumentos abaixo do esperado; - Não emprego de argumentos suficientes; - Uso de termos pouco comuns; 		<ul style="list-style-type: none"> - Não apresentação de argumentos suficientes; 			
Tríade argumentativa					
Ensaio 1		Ensaio 2			
Arg.	C.A.	Resp.	Arg.	C.A.	Resp.
4	0	0	3	3	2
Cogência dos argumentos					
Tipos de argumentos		Aceitabilidade	Relevância	Suficiência	
Ensaio 1	Argumento de posição de conhecimento	X	X		
	Argumento de especialista	X			
	Argumento de posição de conhecimento	X			
Ensaio 2	Argumento de posição de conhecimento	X	X		
	Argumento de posição de conhecimento	X	X		
	Argumento de posição de conhecimento	X			

Tabela 12. Tabela esquemática dos ensaios do participante 6

Caracterização quanto ao gênero					
Ensaio 1		Ensaio 2			
Pontos positivos		Pontos Positivos			
<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do número mínimo de argumentos contra-argumentos; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; <ul style="list-style-type: none"> - Uso de operadores argumentativos; - Uso de argumento de especialista e de posição de conhecimento; 		<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de apenas um argumento e um contra-argumento; - Uso de operadores argumentativos; - Divisão do texto em tópicos; 			
Pontos negativos		Pontos negativos			
<ul style="list-style-type: none"> - Falta de resposta ao que compreende a tríade argumentativa; - Conclusão imprecisa; 		<ul style="list-style-type: none"> - Construção abaixo do número mínimo indicado de argumentos e contra-argumentos; - Conclusão imprecisa; - O não emprego de argumentos de especialista; - Não apresentação de resposta; 			
Tríade argumentativa					
Ensaio 1		Ensaio 2			
Arg.	C.A.	Resp.	Arg.	C.A.	Resp.
4	3	1	1	1	0
Cogência dos argumentos					
Tipos de argumentos		Aceitabilidade	Relevância	Suficiência	
Ensaio 1	Argumento de conhecimento	X			
	Argumento de conhecimento	X			
	Argumento de valor	X	X		
	Argumento de especialista	X	X		
Ensaio 2	Argumento de posição de conhecimento	X	X		

Tabela 13. Tabela esquemática dos ensaios do participante 7

Caracterização quanto ao gênero					
Ensaio 1		Ensaio 2			
Pontos positivos		Pontos Positivos			
<ul style="list-style-type: none"> - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso de operadores argumentativos; - Uso de argumento de especialista; 		<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de argumentos; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Emprego de argumento de especialista; - Uso de operadores argumentativos; - Divisão do texto em tópicos; 			
Pontos negativos		Pontos negativos			
<ul style="list-style-type: none"> - Construção abaixo do número mínimo indicado de argumentos e contra-argumentos; - Lista de informações sem necessariamente a criação de tópicos argumentativos; - Não apresentou resposta conforme pretendido na tríade argumentativa; - Conclusão imprecisa; 		<ul style="list-style-type: none"> - Construção abaixo do número mínimo indicado de argumentos e contra-argumentos; - Conclusão imprecisa; - O não emprego de argumentos de especialista; - Não apresentação de resposta; 			
Tríade argumentativa					
Ensaio 1		Ensaio 2			
Arg.	C.A.	Resp.	Arg.	C.A.	Resp.
1	1	0	2	1	1
Cogência dos argumentos					
	Tipos de argumentos	Aceitabilidade	Relevância	Suficiência	
Ensaio 1	Argumento de especialista	X			
Ensaio 2	Argumento de posição de conhecimento	X	X		
	Argumento de especialista	X	X		

Tabela 14. Tabela esquemática dos ensaios do participante 8

Caracterização quanto ao gênero			
Ensaio 1		Ensaio 2	
<p>Pontos positivos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Construção do número mínimo indicado de argumentos e contra-argumentos; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso de operadores argumentativos; - Uso de argumento de especialista; - Considerações coerentes com a temática apresentada; <p>Pontos negativos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; 		<p>Pontos Positivos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do número de argumentos; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Emprego de argumento de especialista; - Uso de operadores argumentativos; - Divisão do texto em tópicos; <p>Pontos negativos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Construção abaixo do número mínimo indicado de contra-argumentos; - Apresentação apenas de uma resposta; - Conclusão imprecisa; 	
Tríade argumentativa			
Ensaio 1		Ensaio 2	
Arg.	C.A.	Resp.	
3	4	1	
			Arg.
			C.A.
			Resp.
			3
			2
			1
Cogência dos argumentos			
	Tipos de argumentos	Aceitabilidade	Relevância
Ensaio 1	Argumento de especialista	X	X
	Argumento de posição de conhecimento	X	
	Argumento de especialista	X	X
Ensaio 2	Argumento de especialista	X	X
	Argumento de posição de conhecimento	X	
	Argumento de posição de conhecimento	X	

Tabela 15. Tabela esquemática dos ensaios do participante 10

Caracterização quanto ao gênero					
Ensaio 1		Ensaio 2¹⁰			
<p>Pontos positivos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reflexão acerca do conteúdo abordado; - Uso de operadores argumentativos; - Uso de argumento de especialista; <p>Pontos negativos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; - Pouca 		<p>Pontos Positivos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do número mínimo de laudas solicitadas; <p>Pontos negativos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Construção abaixo do número mínimo indicado de argumentos e contra-argumentos indicados; - Não apresentação de resposta resposta; - Construções dos conceitos - Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; - O não emprego de argumentos de especialista; - Conclusão imprecisa; - Pouca precisão na apresentação dos tópicos; 			
Triade argumentativa					
Ensaio 1		Ensaio 2			
Arg.	C.A.	Resp.	Arg.	C.A.	Resp.
1	2	1	1	1	0
Cogência dos argumentos					
Tipos de argumentos		Aceitabilidade	Relevância	Suficiência	
Ensaio 1	Argumento de posição de conhecimento	X			
	Argumento de especialista	X			
Ensaio 2	Argumento de posição de conhecimento	X	X		

¹⁰ O texto não foi considerado como um gênero ensaio conforme as análises estabelecidas;

Tabela 16. Tabela esquemática dos ensaios do participante 11

Caracterização quanto ao gênero					
Ensaio 1		Ensaio 2			
Pontos positivos		Pontos Positivos			
<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do número mínimo de argumentos e contra-argumentos solicitados; - Uso de argumento de especialista; - Divisão do texto em tópicos; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Considerações coerentes com a temática apresentada; 		<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do número mínimo de argumentos; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Emprego de argumento de especialista; - Uso de operadores argumentativos; - Divisão do texto em tópicos; - Uso de argumentos de especialista; - Melhor apresentação das definições conceituais; - Argumentos com critérios de suficiência; 			
Pontos negativos		Pontos negativos			
<ul style="list-style-type: none"> - Alguns equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; 		<ul style="list-style-type: none"> - Construção abaixo do número mínimo indicado de contra-argumentos; - Conclusão imprecisa; 			
Triade argumentativa					
Ensaio 1		Ensaio 2			
Arg.	C.A.	Resp.	Arg.	C.A.	Resp.
3	4	0	4	2	2
Cogência dos argumentos					
Tipos de argumentos		Aceitabilidade	Relevância	Suficiência	
Ensaio 1	Argumento de posição de conhecimento	X			
	Argumento de especialista	X	X		
	Argumento de regras	X			
Ensaio 2	Argumento de posição de conhecimento	X			
	Argumento de especialista	X	X		X
	Argumento de posição de conhecimento	X			
	Argumento de especialista	X	X		X

Tabela 17. Tabela esquemática dos ensaios do participante 12

Caracterização quanto ao gênero						
Ensaio 1			Ensaio 2			
Pontos positivos			Pontos Positivos			
<ul style="list-style-type: none"> - Construção do número mínimo indicado de argumentos; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso de operadores argumentativos; - Uso de argumento de especialista; - Considerações coerentes com a temática apresentada; - Apresentação de argumentos com suficiência; 			<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do número mínimo de argumentos e contra-argumentos; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Emprego de argumento de especialista; - Uso de operadores argumentativos; - Divisão do texto em tópicos; 			
Pontos negativos			Pontos negativos			
<ul style="list-style-type: none"> - Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; - Conclusão imprecisa; 			<ul style="list-style-type: none"> - Não apresentação de resposta; - Conclusão imprecisa; 			
Tríade argumentativa						
Ensaio 1			Ensaio 2			
Arg.	C.A.	Resp.	Arg.	C.A.	Resp.	
3	2	1	3	3	0	
Cogência dos argumentos						
	Tipos de argumentos	Aceitabilidade	Relevância	Suficiência		
Ensaio 1	Argumento de posição de conhecimento	X	X	X		
	Argumento de causa e efeito	X				
	Argumento de especialista	X	X	X		
Ensaio 2	Argumento de posição de conhecimento	X	X			
	Argumento de valor	X				
	Argumento de posição de conhecimento	X	X			

Tabela 18. Tabela esquemática dos ensaios do participante 13

Caracterização quanto ao gênero				
Ensaio 1		Ensaio 2		
Pontos positivos		Pontos Positivos		
<ul style="list-style-type: none"> - Construção do número mínimo indicado de contra-argumentos; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso de operadores argumentativos; - Considerações coerentes com a temática apresentada; 		<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do número de argumentos; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Emprego de argumento de especialista; - Uso de operadores argumentativos; - Divisão do texto em tópicos; 		
Pontos negativos		Pontos negativos		
<ul style="list-style-type: none"> - Número de argumentos abaixo do indicado; - Não apresentação do quesito resposta; - Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; - Não apresentação do quesito resposta; - Conclusão imprecisa; 		<ul style="list-style-type: none"> - Construção abaixo do número mínimo indicado de contra-argumentos; - Apresentação apenas de uma resposta; - Conclusão imprecisa; 		
Tríade argumentativa				
Ensaio 1		Ensaio 2		
Arg.	C.A.	Resp.		
3	3	1		
			Arg.	
			C.A.	
			Resp.	
			3	
			3	
			2	
Cogência dos argumentos				
Tipos de argumentos		Aceitabilidade	Relevância	Suficiência
Ensaio 1	Argumento de especialista	X	X	X
	Argumento de posição de conhecimento	X		
	Argumento de especialista	X	X	
Ensaio 2	Argumento de especialista	X	X	
	Argumento de posição de conhecimento	X		
	Argumento de posição de conhecimento	X		

Tabela 19. Tabela esquemática dos ensaios do participante 14

Caracterização quanto ao gênero				
Ensaio 1		Ensaio 2		
Pontos positivos		Pontos Positivos		
<ul style="list-style-type: none"> - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso de argumentos de especialista; - Uso de operadores argumentativos; - Considerações coerentes com a temática apresentada; 		<ul style="list-style-type: none"> - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso de argumentos de especialista; - Uso de operadores argumentativos; - Considerações coerentes com a temática apresentada; 		
Pontos negativos		Pontos negativos		
<ul style="list-style-type: none"> - Construção abaixo do número mínimo indicado de argumentos e contra-argumentos; - Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; 		<ul style="list-style-type: none"> - Construção abaixo do número mínimo indicado de argumentos e contra-argumentos; - Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; - Conclusão imprecisa; 		
Tríade argumentativa				
Ensaio 1		Ensaio 2		
Arg.	C.A.	Resp.	Arg.	C.A.
2	2	1	1	1
Cogência dos argumentos				
	Tipos de argumentos	Aceitabilidade	Relevância	Suficiência
Ensaio 1	Argumento de especialista	X	X	
	Argumento de especialista	X	X	
Ensaio 2	Argumento de posição de conhecimento	X	X	

Tabela 20. Tabela esquemática dos ensaios do participante 15

Caracterização quanto ao gênero						
Ensaio 1			Ensaio 2			
Pontos positivos			Pontos Positivos			
<ul style="list-style-type: none"> - Construção, embora abaixo do indicado, simétrica em relação aos critérios da tríade argumentativa; - Argumento com critério de suficiência; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso de operadores argumentativos; - Uso de argumento de especialista; - Posição reflexiva/crítica em relação a temática abordada no texto; - Considerações coerentes com a temática apresentada; 			<ul style="list-style-type: none"> - Construção, embora abaixo do indicado, simétrica em relação aos critérios da tríade argumentativa; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso de operadores argumentativos; - Uso de argumento de especialista; - Posição reflexiva/crítica em relação a temática abordada no texto; - Considerações coerentes com a temática apresentada; 			
Pontos negativos			Pontos negativos			
<ul style="list-style-type: none"> - Construção, abaixo do solicitado, em relação aos quesitos argumentos e contra-argumentos; - Pequenos equívocos apenas em relação ; 			<ul style="list-style-type: none"> - Construção abaixo do número mínimo indicado de contra-argumentos; - Apresentação apenas de uma resposta; - Conclusão imprecisa; 			
Tríade argumentativa						
Ensaio 1			Ensaio 2			
Arg.	C.A.	Resp.	Arg.	C.A.	Resp.	
3	3	1	3	3	2	
Cogência dos argumentos						
	Tipos de argumentos	Aceitabilidade	Relevância	Suficiência		
Ensaio 1	Argumento de especialista	X	X	X		
	Argumento de definição para classificação verbal	X	X			
Ensaio 2	Argumento de posição de conhecimento	X	X			
	Argumento de posição de conhecimento	X				

Tabela 21. Tabela esquemática dos ensaios do participante 16

Caracterização quanto ao gênero					
Ensaio 1		Ensaio 2			
Pontos positivos		Pontos Positivos			
<ul style="list-style-type: none"> - Construção do número mínimo indicado de argumentos; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Considerações coerentes com a temática apresentada; - Uso de alguns operadores argumentativos; 		<ul style="list-style-type: none"> - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso de operadores argumentativos; - Conceituações precisas dos termos referentes ao tema; - Divisão do texto em tópicos; 			
Pontos negativos		Pontos negativos			
<ul style="list-style-type: none"> - Não uso de argumentos de especialista; - Número de contra-argumentos abaixo do esperado; - Não apresentação do quesito resposta; - Conclusão imprecisa; - Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; 		<ul style="list-style-type: none"> - Construção abaixo do número mínimo indicado de contra-argumentos; - Apresentação apenas de uma resposta; - Conclusão imprecisa; 			
Tríade argumentativa					
Ensaio 1		Ensaio 2			
Arg.	C.A.	Resp.	Arg.	C.A.	Resp.
3	3	1	1	1	1
Cogência dos argumentos					
	Tipos de argumentos	Aceitabilidade	Relevância	Suficiência	
Ensaio 1	Argumento de posição de conhecimento	X			
	Argumento de posição de conhecimento	X			
Ensaio 2	Argumento de posição de conhecimento	X			

Tabela 22. Tabela esquemática dos ensaios do participante 17

Caracterização quanto ao gênero					
Ensaio 1		Ensaio 2			
Pontos positivos		Pontos Positivos			
<ul style="list-style-type: none"> - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso de argumento de especialista; - Considerações coerentes com a temática apresentada; 		<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do número mínimo indicado de argumentos e contra-argumentos; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Emprego de argumento de especialista; - Uso de operadores argumentativos; - Divisão do texto em tópicos; - Posicionamento crítico frente ao assunto abordado; - Argumento 			
Pontos negativos		Pontos negativos			
<ul style="list-style-type: none"> - Construção abaixo do número mínimo indicado de argumentos e contra-argumentos; -Mal uso dos operadores argumentativos; - Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; 		<ul style="list-style-type: none"> - Não apresentação de respostas; - Conclusão imprecisa; 			
Tríade argumentativa					
Ensaio 1		Ensaio 2			
Arg.	C.A.	Resp.	Arg.	C.A.	Resp.
2	0	0	2	2	0
Cogência dos argumentos					
	Tipos de argumentos	Aceitabilidade	Relevância	Suficiência	
Ensaio 1	Argumento de posição de conhecimento	X			
	Argumento de Alternativas	X			
Ensaio 2	Argumento de valor	X			
	Argumento de especialista	X	X		
	Argumento de especialista	X	X		X

Tabela 23. Tabela esquemática dos ensaios do participante 19

Caracterização quanto ao gênero					
Ensaio 1		Ensaio 2			
Pontos positivos		Pontos Positivos			
<ul style="list-style-type: none"> - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso de argumento de especialista; 		<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do número mínimo de argumentos indicados; - Boa simetria entre argumentos e contra-argumentos; - Apresentação de argumento com critério de suficiência; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Emprego de argumento de especialista; - Uso de operadores argumentativos; - Divisão do texto em tópicos; 			
Pontos negativos		Pontos negativos			
<ul style="list-style-type: none"> - Construção abaixo do número mínimo indicado de argumentos contra-argumentos; - Mal uso dos operadores argumentativos; - Pouca consistência conceitual; - Apresentação apenas de uma resposta; - Conclusão imprecisa; - Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; 		<ul style="list-style-type: none"> - Construção abaixo do número mínimo indicado de contra-argumentos; - Não apresentação respostas; - Conclusão imprecisa; 			
Tríade argumentativa					
Ensaio 1		Ensaio 2			
Arg.	C.A.	Resp.	Arg.	C.A.	Resp.
2	0	0	3	2	0
Cogência dos argumentos					
	Tipos de argumentos	Aceitabilidade	Relevância	Suficiência	
Ensaio 1	Argumento de valor	X			
	Argumento de especialista	X	X		
Ensaio 2	Argumento de especialista	X	X	X	
	Argumento de especialista	X			
	Argumento de valor	X			

Tabela 24. Tabela esquemática dos ensaios do participante 20

Caracterização quanto ao gênero					
Ensaio 1		Ensaio 2			
Pontos positivos		Pontos Positivos			
<ul style="list-style-type: none"> - Uso de operadores argumentativos; - Uso de argumento de especialista; - Considerações coerentes com a temática apresentada; 		<ul style="list-style-type: none"> - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Emprego de argumento de especialista; - Uso de operadores argumentativos; - Simetria, adequada, entre argumentos e contra-argumentos; - Divisão do texto em tópicos; 			
Pontos negativos		Pontos negativos			
<ul style="list-style-type: none"> - Uso de argumento de especialista; - Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; - Apresentação apenas de argumentos de aceitabilidade; 		<ul style="list-style-type: none"> - Construção abaixo do número mínimo indicado de argumentos e contra-argumentos; - Não apresentação do item resposta; - Conclusão imprecisa; 			
Tríade argumentativa					
Ensaio 1		Ensaio 2			
Arg.	C.A.	Resp.	Arg.	C.A.	Resp.
4	1	0	2	2	0
Cogência dos argumentos					
	Tipos de argumentos	Aceitabilidade	Relevância	Suficiência	
Ensaio 1	Argumento de posição de conhecimento	X			
	Argumento de posição de conhecimento	X			
	Argumento de causa e efeito	X			
	Argumento de posição de conhecimento	X			
Ensaio 2	Argumento de posição de conhecimento	X			
	Argumento de especialista	X	X	X	

Tabela 25. Tabela esquemática dos ensaios do participante 21

Caracterização quanto ao gênero					
Ensaio 1			Ensaio 2		
Pontos positivos			Pontos Positivos		
<ul style="list-style-type: none"> - Uso de argumento de especialista; - Considerações coerentes com a temática apresentada; 			<ul style="list-style-type: none"> - Boa simetria entre argumentos e contra-argumentos construídos; - Argumento aceito com critério de relevância; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Emprego de argumento de especialista; - Uso de operadores argumentativos; - Simetria, adequada, entre argumentos e contra-argumentos; - Divisão do texto em tópicos; 		
Pontos negativos			Pontos negativos		
<ul style="list-style-type: none"> - Construção abaixo do número mínimo indicado de argumentos contra-argumentos; - Mal uso dos operadores argumentativos; - Pouca consistência conceitual; - Apresentação apenas de uma resposta; - Conclusão imprecisa; - Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; 			<ul style="list-style-type: none"> - Construção abaixo do número mínimo indicado de argumentos e contra-argumentos; - Não apresentação do item resposta; - Conclusão imprecisa; 		
Triade argumentativa					
Ensaio 1			Ensaio 2		
Arg.	C.A.	Resp.	Arg.	C.A.	Resp.
2	1	0	2	2	0
Cogência dos argumentos					
	Tipos de argumentos	Aceitabilidade	Relevância	Suficiência	
Ensaio 1	Argumento de especialista	X	X		
	Argumento de posição de conhecimento	X			
Ensaio 2	Argumento de posição de conhecimento	X			
	Argumento de especialista	X	X	X	

Tabela 26. Tabela esquemática dos ensaios do participante 22

Caracterização quanto ao gênero					
Ensaio 1			Ensaio 2		
Pontos positivos			Pontos Positivos		
<ul style="list-style-type: none"> - Construção do número mínimo argumentos indicadas na produção textual; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso adequado dos operadores argumentativos; - Considerações coerentes com a temática apresentada; 			<ul style="list-style-type: none"> - Construção do número mínimo de argumentos indicados à produção textual; - Boa simetria entre argumentos e contra-argumentos construídos; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Emprego de argumento de especialista; - Uso de operadores argumentativos; - Divisão do texto em tópicos; 		
Pontos negativos			Pontos negativos		
<ul style="list-style-type: none"> - Construção abaixo do número mínimo indicado do item argumentos; - Pouca consistência conceitual; - Apresentação apenas de uma resposta; - Conclusão imprecisa; - Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; 			<ul style="list-style-type: none"> - Construção abaixo do número mínimo indicado de contra-argumentos; - Apresentação de apenas uma resposta; - Conclusão imprecisa; 		
Tríade argumentativa					
Ensaio 1			Ensaio 2		
Arg.	C.A.	Resp.	Arg.	C.A.	Resp.
2	3	1	3	2	1
Cogência dos argumentos					
	Tipos de argumentos	Aceitabilidade	Relevância	Suficiência	
Ensaio 1	Argumento de posição de conhecimento	X	X		
	Argumento de posição de conhecimento	X			
Ensaio 2	Argumento de especialista	X			
	Argumento de valor	X	X	X	
	Argumento de especialista	X			

Tabela 27. Tabela esquemática dos ensaios do participante 23

Caracterização quanto ao gênero						
Ensaio 1			Ensaio 2			
Pontos positivos			Pontos Positivos			
<ul style="list-style-type: none"> - Construção do número mínimo de contra-argumentos indicadas à produção textual; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso adequado dos operadores argumentativos; - Considerações coerentes com a temática apresentada; - Reflexão e posicionamento crítico ao tema destacado; - Boa simetria entre argumentos e contra-argumentos construídos; - Divisão do texto em tópicos; 			<ul style="list-style-type: none"> - Construção do número mínimo de argumentos e contra-argumentos indicadas à produção textual; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso adequado dos operadores argumentativos; - Considerações coerentes com a temática apresentada; - Reflexão e posicionamento crítico ao tema destacado; - Boa simetria entre argumentos e contra-argumentos construídos; - Divisão do texto em tópicos; - Apresentação do argumento de especialista; - Boa simetria entre argumentos e contra-argumentos; - Argumento aceito com critério de suficiência; 			
Pontos negativos			Pontos negativos			
<ul style="list-style-type: none"> - Não apresentação de argumentos de especialista; - Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; 			<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de apenas uma resposta; 			
Tríade argumentativa						
Ensaio 1			Ensaio 2			
Arg.	C.A.	Resp.	Arg.	C.A.	Resp.	
2	3	2	3	3	1	
Cogência dos argumentos						
		Aceitabilidade	Relevância	Suficiência		
Ensaio 1	Tipos de argumentos					
	Argumento de posição de conhecimento	X				
	Argumento de posição de conhecimento	X				
	Argumento de posição de conhecimento	X				
Ensaio 2	Tipos de argumentos					
	Argumento de valor	X				
	Argumento de especialista	X	X		X	
	Argumento de especialista	X				

Tabela 28. Tabela esquemática dos ensaios do participante 24

Caracterização quanto ao gênero					
Ensaio 1			Ensaio 2		
Pontos positivos			Pontos Positivos		
<ul style="list-style-type: none"> - Construção do número mínimo de argumentos indicadas à produção textual; - Uso do argumento de especialista; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Considerações coerentes com a temática apresentada; - Divisão do texto em tópicos; 			<ul style="list-style-type: none"> - Construção do número mínimo de argumentos indicadas à produção textual; - Apresentações de contra-argumentos e resposta quando comprado ao primeiro ensaio; - Uso do argumento de especialista; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso adequado dos operadores argumentativos; - Considerações coerentes com a temática apresentada; - Divisão do texto em tópicos; - Argumento aceito com critério de suficiência; 		
Pontos negativos			Pontos negativos		
<ul style="list-style-type: none"> - Não apresentação de contra-argumentos e resposta; - Listagem de conceitos sem, necessariamente, contrapô-los; - Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; 			<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de apenas uma resposta; - Presença mais uma vez de conceitos sem, necessariamente, contrapô-los; 		
Tríade argumentativa					
Ensaio 1			Ensaio 2		
Arg.	C.A.	Resp.	Arg.	C.A.	Resp.
2	3	2	3	3	1
Cogência dos argumentos					
	Tipos de argumentos	Aceitabilidade	Relevância	Suficiência	
Ensaio 1	Argumento de especialista	X			
	Argumento de posição de conhecimento	X			
Ensaio 2	Argumento de posição de conhecimento;	X			
	Argumento de valor	X			
	Argumento de especialista	X	X		X

Tabela 29. Tabela esquemática dos ensaios do participante 25

Caracterização quanto ao gênero					
Ensaio 1			Ensaio 2		
Pontos positivos			Pontos Positivos		
<ul style="list-style-type: none"> - Construção do número mínimo de argumentos e contra-argumentos indicadas à produção textual; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso do argumento de especialista; - Simetria no uso de argumentos e contra-argumentos; - Considerações coerentes com a temática apresentada; 			<ul style="list-style-type: none"> - Construção do número mínimo de argumentos e contra-argumentos indicadas à produção textual; - Uso do argumento de especialista; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso adequado dos operadores argumentativos; - Considerações coerentes com a temática apresentada; - Divisão do texto em tópicos; - Argumentos aceitos com critério de suficiência; 		
Pontos negativos			Pontos negativos		
<ul style="list-style-type: none"> - Não apresentação do item resposta; - Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; 			<ul style="list-style-type: none"> - Repetição do mesmo conceito e/ou ideia ao longo do ensaio; 		
Triáde argumentativa					
Ensaio 1			Ensaio 2		
Arg.	C.A.	Resp.	Arg.	C.A.	Resp.
3	3	0	3	3	2
Cogência dos argumentos					
	Tipos de argumentos	Aceitabilidade	Relevância	Suficiência	
Ensaio 1	Argumento de posição de conhecimento	X	X		
	Argumento de posição de conhecimento	X	X		
	Argumento de posição de conhecimento	X			
Ensaio 2	Argumento de especialista;	X	X	X	
	Argumento de especialista	X	X	X	
	Argumento de especialista	X	X	X	

Tabela 30. Tabela esquemática dos ensaios do participante 26

Caracterização quanto ao gênero						
Ensaio 1			Ensaio 2			
Pontos positivos			Pontos Positivos			
<ul style="list-style-type: none"> - Construção do número mínimo de argumentos e contra-argumentos e resposta indicadas à produção textual; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso do argumento de especialista; - Uso de diversificados tipos de argumentos; - Considerações coerentes com a temática apresentada; 			<ul style="list-style-type: none"> - Construção do número mínimo de argumentos e contra-argumentos indicados à produção textual; - Relação simétrica quanto ao uso dos elementos da tríade argumentativa; - Uso do argumento de especialista; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso adequado dos operadores argumentativos; - Considerações coerentes com a temática apresentada; - Divisão do texto em tópicos; - Argumentos aceitos com critério de suficiência; - Argumento com critério de suficiência satisfatório; 			
Pontos negativos			Pontos negativos			
<ul style="list-style-type: none"> - Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; 			<ul style="list-style-type: none"> - Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; 			
Tríade argumentativa						
Ensaio 1			Ensaio 2			
Arg.	C.A.	Resp.	Arg.	C.A.	Resp.	
5	5	1	3	3	3	
Cogência dos argumentos						
	Tipos de argumentos	Aceitabilidade	Relevância	Suficiência		
Ensaio 1	Argumento de especialista	X	X			
	Argumento de especialista	X	X			
	Argumento de posição de conhecimento	X				
	Argumento de causa e efeito	X				
	Argumento de valor	X				
Ensaio 2	Argumento de posição de conhecimento;	X				
	Argumento de posição de conhecimento	X				
	Argumento de especialista	X	X	X	X	

Tabela 31. Tabela esquemática dos ensaios do participante 27

Caracterização quanto ao gênero						
Ensaio 1			Ensaio 2			
Pontos positivos			Pontos Positivos			
<ul style="list-style-type: none"> - Construção do número mínimo de argumentos e contra-argumentos indicadas à produção textual; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso do argumento de especialista; - Argumentos aceitos com critérios de suficiência; - Considerações coerentes com a temática apresentada; - Estruturação configurada conforme Paviani (2009), como também, pela DIP; 			<ul style="list-style-type: none"> - Construção do número mínimo de argumentos e contra-argumentos e respostas indicados à produção textual; - Relação simétrica quanto ao uso dos elementos da tríade argumentativa; - Uso do argumento de especialista; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso adequado dos operadores argumentativos; - Considerações coerentes com a temática apresentada; - Divisão do texto em tópicos; - Argumentos aceitos com critério de suficiência; - Argumento com critério de suficiência satisfatório; 			
Pontos negativos			Pontos negativos			
<ul style="list-style-type: none"> - Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; 			<ul style="list-style-type: none"> - Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; 			
Tríade argumentativa						
Ensaio 1			Ensaio 2			
Arg.	C.A.	Resp.	Arg.	C.A.	Resp.	
5	5	1	3	3	3	
Cogência dos argumentos						
	Tipos de argumentos	Aceitabilidade	Relevância	Suficiência		
Ensaio 1	Argumento de especialista	X	X	X		
	Argumento de especialista	X				
	Argumento de especialista	X				
Ensaio 2	Argumento de posição de conhecimento;	X				
	Argumento de especialista;	X	X	X		
	Argumento de especialista;	X				

Tabela 32. Tabela esquemática dos ensaios do participante 28

Caracterização quanto ao gênero						
Ensaio 1			Ensaio 2			
Pontos positivos			Pontos Positivos			
<ul style="list-style-type: none"> - Construção do número mínimo de argumentos e contra-argumentos indicadas à produção textual; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso do argumento de especialista; - Considerações coerentes com a temática apresentada; - Estruturação configurada conforme Paviani (2009), como também, pela DIP; 			<ul style="list-style-type: none"> - Construção do número mínimo de argumentos e contra-argumentos e respostas indicados à produção textual; - Uso do argumento de especialista; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso adequado dos operadores argumentativos; - Considerações coerentes com a temática apresentada; - Divisão do texto em tópicos; - Argumentos aceitos com critério de suficiência; 			
Pontos negativos			Pontos negativos			
<ul style="list-style-type: none"> - Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; 			<ul style="list-style-type: none"> - Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; 			
Tríade argumentativa						
Ensaio 1			Ensaio 2			
Arg.	C.A.	Resp.	Arg.	C.A.	Resp.	
5	5	2	3	3	2	
Cogência dos argumentos						
	Tipos de argumentos	Aceitabilidade	Relevância	Suficiência		
Ensaio 1	Argumento de posição de conhecimento	X				
	Argumento de posição de conhecimento	X	X			
	Argumento de posição de conhecimento	X				
	Argumento de especialista	X				
	Argumento de posição de conhecimento					
Ensaio 2	Argumento de posição de conhecimento;	X				
	Argumento de especialista;	X	X		X	
	Argumento de especialista;	X				

Tabela 33. Tabela esquemática dos ensaios do participante 29

Caracterização quanto ao gênero						
Ensaio 1			Ensaio 2			
Pontos positivos			Pontos Positivos			
<ul style="list-style-type: none"> - Construção do número mínimo contra-argumentos indicadas à produção textual; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso do argumento de especialista; - Estruturação configurada conforme Paviani (2009), como também, pela DIP; 			<ul style="list-style-type: none"> - Construção do número mínimo de argumentos e contra-argumentos indicados à produção textual; - Uso do argumento de especialista; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso adequado dos operadores argumentativos; - Considerações coerentes com a temática apresentada; - Divisão do texto em tópicos; - Argumento com critério de suficiência satisfatório; 			
Pontos negativos			Pontos negativos			
<ul style="list-style-type: none"> - Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; - Não uso de resposta; - Conclusão imprecisa; 			<ul style="list-style-type: none"> - Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; 			
Triáde argumentativa						
Ensaio 1			Ensaio 2			
Arg.	C.A.	Resp.	Arg.	C.A.	Resp.	
2	2	0	3	3	1	
Cogência dos argumentos						
	Tipos de argumentos	Aceitabilidade	Relevância	Suficiência		
Ensaio 1	Argumento de especialista	X	X			
	Argumento de posição de conhecimento	X				
Ensaio 2	Argumento de posição de conhecimento;	X				
	Argumento de especialista;	X	X			
	Argumento de especialista;	X				

Tabela 34. Tabela esquemática dos ensaios do participante 30

Caracterização quanto ao gênero						
Ensaio 1			Ensaio 2			
<p>Pontos positivos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Construção do número mínimo de argumentos indicados à produção textual; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Considerações coerentes com a temática apresentada; - Estruturação configurada conforme Paviani (2009), como também, pela DIP; <p>Pontos negativos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; - Não uso de argumentos de especialista; - Não uso do item resposta; 			<p>Pontos Positivos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Construção do número mínimo de argumentos respostas indicados à produção textual; - Uso do argumento de especialista; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Uso adequado dos operadores argumentativos; - Considerações coerentes com a temática apresentada; - Divisão do texto em tópicos; - Argumento com critério de suficiência satisfatório; <p>Pontos negativos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; - Não uso do item resposta; 			
Triade argumentativa						
Ensaio 1			Ensaio 2			
Arg.	C.A.	Resp.	Arg.	C.A.	Resp.	
3	2	0	3	2	0	
Cogência dos argumentos						
Tipos de argumentos		Aceitabilidade	Relevância	Suficiência		
Ensaio 1	Argumento de posição de conhecimento	X				
	Argumento de posição de conhecimento	X				
	Argumento de causa e efeito	X	X			
Ensaio 2	Argumento de posição de conhecimento;	X				
	Argumento de especialista;	X	X		X	
	Argumento de especialista;	X				

Tabela 35. Tabela esquemática dos ensaios do participante 31

Caracterização quanto ao gênero						
Ensaio 1			Ensaio 2			
Pontos positivos			Pontos Positivos			
<ul style="list-style-type: none"> - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Considerações coerentes com a temática apresentada; 			<ul style="list-style-type: none"> - Construção do número mínimo de argumentos indicados à produção textual; - Uso do argumento de especialista; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Melhoria no uso adequado dos operadores argumentativos; - Considerações coerentes com a temática apresentada; - Divisão do texto em tópicos; - Argumento com critério de suficiência satisfatório; 			
Pontos negativos			Pontos negativos			
<ul style="list-style-type: none"> - Construção do número de argumentos e contra-argumentos abaixo do indicado; - Conclusão imprecisa; - Equívocos quanto ao uso dos operadores argumentativos; - Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; - Uso de apenas uma resposta; 			<ul style="list-style-type: none"> - Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; - Não uso de resposta; 			
Tríade argumentativa						
Ensaio 1			Ensaio 2			
Arg.	C.A.	Resp.	Arg.	C.A.	Resp.	
2	1	1	3	2	0	
Cogência dos argumentos						
	Tipos de argumentos	Aceitabilidade	Relevância	Suficiência		
Ensaio 1	Argumento de posição de conhecimento	X				
	Argumento de causa e efeito	X				
Ensaio 2	Argumento de especialista;	X	X		X	
	Argumento de especialista;	X				
	Argumento de especialista;	X				

Tabela 36. Tabela esquemática dos ensaios do participante 32

Caracterização quanto ao gênero						
Ensaio 1			Ensaio 2			
Pontos positivos			Pontos Positivos			
<ul style="list-style-type: none"> - Construção do número mínimo de argumentos indicados à produção textual; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Considerações coerentes com a temática apresentada; - Uso adequado dos operadores argumentativos; 			<ul style="list-style-type: none"> - Uso do argumento de especialista; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Melhoria no uso adequado dos operadores argumentativos; - Considerações coerentes com a temática apresentada; - Divisão do texto em tópicos; - Argumento com critério de suficiência satisfatório; 			
Pontos negativos			Pontos negativos			
<ul style="list-style-type: none"> - Construção do número de argumentos e contra-argumentos abaixo do indicado; - Conclusão imprecisa; - Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; - Uso de apenas uma resposta; 			<ul style="list-style-type: none"> - Não construção do número mínimo de argumentos e contra-argumentos solicitados; Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; 			
Tríade argumentativa						
Ensaio 1			Ensaio 2			
Arg.	C.A.	Resp.	Arg.	C.A.	Resp.	
3	2	0	2	2	0	
Cogência dos argumentos						
	Tipos de argumentos	Aceitabilidade	Relevância	Suficiência		
Ensaio 1	Argumento de posição de conhecimento	X	X			
	Argumento de valor	X				
	Argumento de valor	X				
Ensaio 2	Argumento de posição de conhecimento;	X				
	Argumento de especialista;	X	X			

Tabela 37. Tabela esquemática dos ensaios do participante 33

Caracterização quanto ao gênero						
Ensaio 1			Ensaio 2			
<p>Pontos positivos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Construção do número mínimo de argumentos e contra-argumentos indicados à produção textual; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Considerações coerentes com a temática apresentada; - Uso adequado dos operadores argumentativos; <p>Pontos negativos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Construção do número de argumentos e contra-argumentos abaixo do indicado; - Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; - Uso de apenas uma resposta; 			<p>Pontos Positivos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Construção do número mínimo de argumentos e contra-argumentos indicados à produção textual; - Uso do argumento de especialista; - Argumentos com critérios de suficiência; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Melhoria no uso adequado dos operadores argumentativos; - Considerações coerentes com a temática apresentada; - Divisão do texto em tópicos; - Argumento com critério de suficiência satisfatório; <p>Pontos negativos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Não uso do item resposta; - Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; 			
Triade argumentativa						
Ensaio 1			Ensaio 2			
Arg.	C.A.	Resp.	Arg.	C.A.	Resp.	
4	4	1	3	3	0	
Cogência dos argumentos						
Tipos de argumentos		Aceitabilidade	Relevância	Suficiência		
Ensaio 1	Argumento de causa e efeito	X				
	Argumento de posição de conhecimento	X	X			
	Argumento de valor	X				
	Argumento de posição de conhecimento	X	X			
Ensaio 2	Argumento de valor;	X				
	Argumento de posição de conhecimento;	X	X			X
	Argumento de especialista	X				

Tabela 38. Tabela esquemática dos ensaios do participante 34

Caracterização quanto ao gênero						
Ensaio 1			Ensaio 2			
<p>Pontos positivos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Construção do número mínimo de argumentos e contra-argumentos indicados à produção textual; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Considerações coerentes com a temática apresentada; - Uso adequado dos operadores argumentativos; - Uso do argumento de especialista; <p>Pontos negativos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Construção do número de argumentos e contra-argumentos abaixo do indicado; - Uso de apenas uma resposta; 			<p>Pontos Positivos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Construção do número mínimo de argumentos e contra-argumentos indicados à produção textual; - Uso do argumento de especialista; - Argumentos com critérios de suficiência; - Relações coerente/lógica entre as partes do texto; - Melhoria no uso adequado dos operadores argumentativos; - Considerações coerentes com a temática apresentada; - Divisão do texto em tópicos; - Argumento com critério de suficiência satisfatório; <p>Pontos negativos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Não uso do item resposta; - Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto; 			
Triade argumentativa						
Ensaio 1			Ensaio 2			
Arg.	C.A.	Resp.	Arg.	C.A.	Resp.	
3	3	1	3	3	0	
Cogência dos argumentos						
Tipos de argumentos		Aceitabilidade	Relevância	Suficiência		
Ensaio 1	Argumento de posição de conhecimento	X				
	Argumento de especialista	X	X			
	Argumento de posição de conhecimento	X				
Ensaio 2	Argumento de especialista;	X				
	Argumento de especialista;	X	X			X
	Argumento de especialista	X				

Tabela 39. Tabela esquemática dos ensaios do participante 35

Caracterização quanto ao gênero						
Ensaio 1			Ensaio 2			
Pontos positivos			Pontos Positivos			
- Uso adequado dos operadores argumentativos;			- Construção do número mínimo de argumentos e contra-argumentos indicados à produção textual;			
Pontos negativos			Pontos negativos			
- Construção do número de argumentos e contra-argumentos abaixo do indicado;			- Uso do argumento de especialista;			
- Pouca clareza quanto aos conteúdos apresentados;			- Argumentos com critérios de suficiência;			
- Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto;			- Relações coerente/lógica entre as partes do texto;			
- Pouca simetria quanto aos itens argumentos e contra-argumentos;			-- Divisão do texto em tópicos;			
- Não uso do item resposta;			- Argumento com critério de suficiência satisfatório;			
			Pontos negativos			
			- Não uso do item resposta;			
			- Equívocos quanto a apresentação dos autores ao longo do texto;			
Tríade argumentativa						
Ensaio 1			Ensaio 2			
Arg.	C.A.	Resp.	Arg.	C.A.	Resp.	
2	4	0	3	4	0	
Cogência dos argumentos						
	Tipos de argumentos	Aceitabilidade	Relevância	Suficiência		
Ensaio 1	Argumento de causa e efeito	X				
	Argumento de posição de conhecimento	X				
Ensaio 2	Argumento de valor;	X				
	Argumento de especialista;	X	X		X	
	Argumento de especialista	X	X			

Teoria dos traços: concordância e discordância

Participante 1 – Ensaio 1

Durante grande parte da história da filosofia e das ciências humanas um debate constante foi a questão da personalidade humana, que diferentemente do temperamento, que é um aspecto biologicamente determinado e por isso pode ser observado em outros animais, é um aspecto único do homem por estar relacionada ao estímulo exterior, ou seja, as relações entre o ser humano com os outros seres humanos. Para o entendimento da personalidade, desde que surgiu o interesse pelo seu estudo, foram as primeiras que tentaram definir a personalidade identificando os fatores que compõem o seu funcionamento. Desde o seu surgimento a teoria dos traços passou por diversas modificações até chegar ao que se tem hoje como a versão mais refinada dessa teoria, o modelo do Big Five (cinco grandes), que delimita cinco traços principais que descrevem a personalidade, porém, apesar dessa abordagem possuir diversas características que favorecem a análise da personalidade ela também é contestada pela ausência de alguns fatores que poderiam fortalecer essa análise e pela presença de alguns fatores que enfraquecem esse estudo.

O modelo dos Cinco Grandes aponta cinco traços que formam a personalidade humana, cada traço é formado por características de personalidade que se tornam estáveis com o tempo. Esses traços são Neuroticismo (N), Extroversão (E), Abertura (A), Cordialidade (C) e Responsabilidade (R). Cada traço divide-se em seis facetas que caracterizam esse traço, essas facetas foram inseridas no modelo dos Cinco Grandes por proporcionar um nível de detalhamento maior, detalhes esses que não estão necessariamente refletidos nos traços temperamentais, mas, que influenciam na construção da personalidade humana, além disso, podem ser consideradas como variáveis dentro dos próprios traços, diferenciando as pessoas que possuem os mesmos traços. Porém, os traços são características fundamentais para se entender o comportamento humano, pois eles apresentam uma base biológica fundamentada e por isso são denominados temperamentais. O fato dos “Big Five” possuírem uma base biológica é ratificada pela universalidade desses traços, ou seja, os traços da personalidade não dependem da cultura em que o indivíduo esteja inserido, porém, os fatores não serão exatamente iguais pois os níveis das variantes poderão mudar de acordo com as características da cultura que a pessoa tiver contato, no entanto, independente do nível dessa influência sociocultural serão extraídos cinco traços da personalidade desse indivíduo.

Outro fator que pode explicar a predominância da teoria dos Cinco Grandes em relação às demais teorias da personalidade é a comprovabilidade numérica que foi aplicada a essa teoria. Ou seja, ao estudar as rochas, por exemplo, os geólogos possuem as noções básicas de medida para se aplicar a essa rocha são elas: comprimento, altura e largura, além da sua composição química, e a respeito dessa rocha, porém, quando se estuda a personalidade os psicólogos encontram um grande impasse, sabe-se que as pessoas possuem níveis diferentes em relação aos traços da sua personalidade, então, como medir “nível” desses traços? É a partir desse problema que as teorias psicométricas da personalidade são aplicadas, ou seja, através da análise fatorial de resultados dos questionários relacionados a personalidade pôde-se chegar a números seguros a respeito da personalidade de determinadas pessoas, assim foi possível se fazer inferências em relação a alguns aspectos que caracterizam a personalidade dos indivíduos. No uso da análise fatorial de resultados de diferentes modelos de questionários pôde-se observar que a estrutura básica dos “Cinco Grandes” prevalece independente do instrumento que tivesse sido utilizado e de como ele foi utilizado para coletar as características da personalidade do indivíduo.

As teorias psicométricas da personalidade (e a psicometria em geral) muitas vezes são questionadas pelo fato de ter como objetivo central mensurar os comportamentos da personalidade, que são reflexos diretos dos aspectos psicológicos de cada indivíduo seriam únicos e imensuráveis. O fato desses aspectos serem únicos é inquestionável, pois, as formas com que as características da personalidade do indivíduo irão ser externadas é variáveis de indivíduo, porém, novamente as comprovações estatísticas através dos resultados psicométricos da personalidade fica claro que os aspectos (as facetas, por exemplo) realmente são manifestados de forma individual, porém os “Cinco Grandes Fatores” sempre são observáveis através das análises fatoriais. Se confronta também o fato de que as dimensões extraídas seriam extremamente diferentes, justamente por variar de acordo com as condições psicológicas de quem estivesse sendo testado pelos questionários, porém os resultados empíricos obtidos novamente comprovam a existência de cinco fatores que delimitam a personalidade da pessoa que estiver sendo investigada e a grande variabilidade das escalas extraídas nas avaliações também comprovam esse fato, tornando em algumas vezes muito claros os limites entre cada traço da personalidade.

A teoria dos traços e mais especificamente o “Modelo dos Cinco Grandes” (FFM). É o resultado da “evolução” e da convergência de diversas teorias que buscaram descrever a personalidade humana através ‘traços’ os autores que escreveram o modelo dos “Big Five” de uma maneira mais próxima da que se tem hoje foram Tupes e Cristal (1961), porém o “Modelo dos Cinco Grandes” foi escanteado por muito tempo até sua valorização no final da década de 1970, antes disso teóricos como Eysenck e Cattell tinham suas teorias como foco no estudo da personalidade.

O modelo dos “Big Five” tem seus alicerces na abordagem léxicas ou psicoléxicas que diz que “Todos os aspectos da personalidade humana têm algum interesse, utilidade ou importância e estão registrados na linguagem natural” (Cattell, 1943), ou seja, essa abordagem tem como finalidade abranger os termos que descrevem a personalidade do indivíduo. Porém, apesar da linguagem natural da pessoa exercer um importante papel na possível descrição da sua personalidade, essa característica torna a teoria dos traços muito descritiva ao ponto de perder um pouco do seu prestígio como principal teoria de descrição da personalidade. Por esse motivo alguns autores se referem ao modelo atual da teoria dos traços, o modelo do “Cinco Grandes”, como a taxonomia da personalidade, pois “destrincha” e explica a personalidade humana e suas características mais detalhadas se utilizando de ferramentas como o NEO-PI-R subdividindo os traços da personalidade em facetas, assim como, a taxonomia estabelece diversos critérios para classificar os seres vivos subdividindo-os de acordo com suas características fisiológicas, evolutivas e anatômicas, ou seja, essa analogia exemplifica de uma maneira muito simples o fato desse modelo ser em sua maior parte descritivo.

A teoria dos traços teve sua origem da abordagem psicoléxica que tem como fundamento a questão da expressão da personalidade humana ser externada a partir da linguagem natural do indivíduo. Dessa origem que fundamentou à teoria dos traços, surgiu algo que se tornou prejudicial a essa teoria, a questão de que linguagem natural consegue facilmente expressar vários aspectos da personalidade humana, porém, é constante a questão de que poderá existir alguma dimensão que não se “encaixe” perfeitamente nessa forma de expressão através da linguagem natural. Isso porque, a linguagem é constituída de palavras e expressões que representam características e situações constantes na vida dos indivíduos e haverá uma porcentagem de “traços”. Que serão claramente expressos através da linguagem e mesmo que essa porcentagem seja baixa esses elementos não vão deixar de compor a personalidade do indivíduo.

Desde seu surgimento, a teoria dos traços sempre esteve em meio a um caleidoscópio de teorias que pretendiam explicar e classificar os traços que compõe a personalidade humana. O próprio modelo atual da teoria dos traços, o modelo dos “Big Five”, emergiu da convergência dessas correntes, porém, o fato de se ter vários pontos de divergências teóricas. A atribuição de nomes diferentes aos mesmos fatores, por exemplo, acaba complicando a utilização dessa teoria para análise da personalidade, tornando essas divergências um fator que “põe limites” a utilização da teoria dos traços surgiu como uma forma de simplificar a análise da complexa personalidade humana, com as projeções teóricas que foram surgindo a sua volta foi possível se anexar elementos que favoreceram e que desfavoreceram essa análise.

Através do modelo dos “Cinco Grandes” ou “Big Five” foi possível se enxergar a convergência de diversas teorias que fortaleceram a utilização dessa teoria contribuindo para que ela se tornasse a predominante nos estudos da personalidade e mesmo com os diversos impasses encontrados por essa teoria, a “refinação” que ela sofreu com o decorrer da história pôde estabelecer fundamentos para sua fixação metodológica, o que ajudou no “combate” aos elementos que eram e são contrapostos a ela.

Psicologia diferencial: Aspectos interacionistas e não-interacionistas

Participante 1 - Ensaio 2

Há uma concordância entre os estudiosos em psicologia em atribuir o ano de 1879 como o ano de “nascimento” dessa ciência, isso porque, nesse ano o fisiólogo alemão Wilhelm Wundt ao fundar o laboratório de psicologia na Universidade de Leipzig começou a aplicar um método científico aos questionamentos filosóficos que se tinham em relação à mente humana desde séculos antes de Cristo, porém, apenas em 1890 foi que Wundt obteve certo prestígio em suas palestras (Morris,2010). A partir desse momento os estudos do comportamento humano começaram a interessar diversos cientistas até que pouco tempo após isso, em 1895, Alfred Binet e Henri Beaunis publicaram a obra “*La psychologie individuelle*” na qual continha os fundamentos que iriam alicerçar a psicologia diferencial, fundamentos esses que posteriormente foram fortalecidos pela obra de Stern “*Über psychologie der individuellen differenzen*”(Psicologia das diferenças individuais) (Portela,2007). A psicologia diferencial tem como objetivo estudar o comportamento humano, a compreensão dos processos mentais e as causas das

diferenças psicológicas de um indivíduo para outro, como pontuou Penna (2007) sobre a psicologia diferencial: "Como cada pessoa se desenvolve de forma diferente, esta vertente da psicologia concentra os seus estudos na variabilidade do ser humano. Entende-se diferenças individuais como as inteligências, os estilos cognitivos e a personalidade.". Porém, o comportamento humano, os processos mentais e as diferenciações de uma pessoa para outra, possuem diferentes tipos de aspectos específicos para as suas manifestações, são eles os aspectos inatos e os aspectos adquiridos, como afirmou Alexandrino (2003): "O comportamento humano apresenta uma diferença básica em relação ao dos outros seres vivos: pode ser predominantemente inato (biológico), predominantemente adquirido (sócio-cultural) ou misto (bio-socio-cultural)." Como essa vertente da psicologia, que foi 'idealizada' por Stern, busca a compreensão do comportamento humano esses fatores que distinguem o humano dos demais animais são de extrema importância. Então os estudos em psicologia diferencial se encontram num impasse, na qual se questiona estudar o comportamento humano de um ponto de vista a valorizar os aspectos biológicos e genéticos, ou seja, os fatores inatos, focar em seus estudos o aspecto sócio-cultural na qual a influência externa é predominante, em outras palavras os aspectos adquiridos ou assumir uma posição interacionista na qual ambos os processos (bio-socio-cultural) participam efetivamente na construção e desenvolvimento dos comportamentos humanos, adotando as correlações e interações GxA ou gene-ambiente.

A psicologia diferencial ao estudar o comportamento humano com o foco nas diferenças psicológicas específicas que distinguem uma pessoa de outra em muitos momentos adota uma posição interacionista, isso porque, essa abordagem admite, como diz a própria nomenclatura, uma interação entre os fatores que podem estimular o comportamento humano que são os fatores inatos, aqueles comportamentos ligados ao biológico nos quais a pessoa já nasce com esses 'dispositivos' embutidos em seu comportamento, e os fatores adquiridos, que são aqueles fatores que surgem através da interação do indivíduo com o ambiente. Essa idéia interacionista ficou fortalecida depois dos estudos em psicologia do desenvolvimento do biólogo e psicólogo Jean Piaget. Piaget tinha como foco a ação do indivíduo, porém, deixou claro que a atuação do meio também tinha uma forte influência no comportamento do indivíduo, como afirmou Alves (2009): "Piaget que, com o auxílio de tecnologia mais sofisticada do que a existente no tempo dos outros autores acima referidos (Freud, Lorenz, Watson e Skinner), pensou de forma diferente, procurou fazer uma síntese entre os dois pólos da dicotomia (inato-adquirido) e concluiu que o sujeito tem um papel activo na construção do pensamento e do conhecimento. Nestes processos intervêm factores biológicos de maturação e factores relacionados com o meio, formando, então, a concepção interaccionista". Para se basear nessa concepção interacionista, a psicologia diferencial posiciona o foco dos seus estudos nas correlações existentes entre os aspectos genéticos e os aspectos ambientais, que representam a dicotomia inato-adquirido, as correlações gene-ambiente (GxA). As correlações GxA se dividem em passivas, reativas e ativas. Nas correlações GxA passivas, a correlação entre a genética da indivíduo e o meio no qual ele esta inserido remete ao fato de, normalmente, os pais quando possuem filhos biológicos constroem um ambiente para esses filhos de acordo com suas 'necessidades' genéticas e como os genes dos pais são passados para os filhos, conseqüentemente, essas necessidades genéticas dos pais acabam também se tornando as dos filhos. Então, os aspectos ambientais estariam ligados diretamente aos aspectos genéticos, um exemplo disso pode ser claramente observado nos esportes, quando os pais são atletas, normalmente sempre estimulam os filhos a praticarem algum tipo de esporte desde cedo e quando esses pais compartilham de um mesmo esporte, esse esporte comum, em muitos casos é introduzido para esse filho, um exemplo disso é o caso de Bernardo Rezende, o 'Bernardinho' que foi jogador e atualmente é técnico da seleção brasileira masculina de vôlei que foi casado com a também ex-jogadora de vôlei Vera Mossa com quem teve Bruno Rezende, que também se tornou jogador profissional de vôlei. Outro tipo de correlação GxA são as evocativas ou reativas, essa correlação direciona ao fato de que quando a criança tem determinado comportamento predisposto geneticamente esse comportamento tem uma grande possibilidade de aparecer caso for estimulado ambientalmente, ou seja, quando os indivíduos a sua volta estimularem aquele comportamento no qual essa pessoa já está predisposto biologicamente, usando novamente o exemplo do Bruno Rezende, nesse caso pode-se imaginar que na sua infância ele já era biologicamente predisposto a realizar exercícios físicos como a pratica de esportes, associado a isso teria o fato dele ter pessoas ao seu redor, seus pais nesse caso, nas quais estimulavam esse fator genético propiciando-lhe a oportunidade de praticar esportes, como o próprio Bruno Rezende comentou numa entrevista dada ao portal Kzuka. Com: "Eu nasci dentro da quadra e cresci correndo no meio das bolas de vôlei.[...] Com 14, 15 anos eu praticava vários esportes: basquete, tênis, badminton, vôlei... Teve um momento em que meu pai chegou pra mim e disse que, se eu quisesse seguir carreira no esporte, teria que me dedicar a apenas um. Como o sangue não nega, acabou sendo o vôlei.". Observa-se na entrevista do Bruno Rezende que, em determinado momento na vida dele, ele teve que escolher sobre o que ele gostaria de seguir

na carreira profissional e ele escolheu justamente o esporte no qual seus pais também haviam sido atletas profissionais e isso acontece basicamente com boa parte das pessoas, ou seja, após passar o período da infância o indivíduo já se torna capaz de modificar ativamente o ambiente a sua volta de acordo com seus interesses e de acordo com suas necessidades genéticas (Flores-Mendoza & Colom, 2006), essa característica comum, que fortalece o modelo interacionista na psicologia e mais especificadamente na psicologia diferencial, recebe o nome de correlação gene-ambiente ativa.

As interações GxA são muito constantes no comportamento de um indivíduo, porém, a idéia de se ter sempre interações de características biológicas com características as sócio-culturais, deixam algumas questões em aberto. E pela existência dessas questões não respondidas pode-se questionar a efetividade dessas interações gene-ambientais, pois tais interações não conseguem explicar algumas variâncias entre irmãos biológicos que cresceram em ambientes não-compartilhados (ANC), ou seja, irmãos que compartilham apenas de uma estrutura genética semelhante, porém, se desenvolveram recebendo estímulos sócio-culturais diferentes. Um desses problemas é que muitas das interações GxA não podem ser aplicadas a crianças com uma estrutura genética diferente, ou seja, se determinada criança é vulnerável a uma condição ambiental específica ela vai reagir de uma forma, já outra criança com genótipo diferente, pode não reagir a determinado estímulo, como afirmou Flores-Mendoza e Colom (2006): “As interações GxA replicáveis que foram relatadas são todas do tipo em que crianças com um determinado genótipo são mais sensíveis a uma condição ambiental específica. As crianças com um genótipo diferente não têm qualquer reação ou apresentam uma reação mais branda. Isso significa que as reações desses dois tipos de crianças não se cancelarão quando sua média for calculada, o que os estudiosos do desenvolvimento precisam incluir com relação aos resultados que estão tentando explicar - a falta de efeito do ambiente familiar compartilhado.”. Esse fator evidencia uma preponderância dos fatores genéticos e biológicos sobre os fatores ambientais, o que desconstrói a visão interacionista dentro da psicologia, pois, a partir do momento que se tem o foco em um dos aspectos do comportamento, conseqüentemente, os outros aspectos acabam tendo menos relevância na composição desse comportamento. Outro questionamento de relevante importância no debate das interações GxA, em relação aos ambientes não-compartilhados, é o comportamento dos gêmeos monozigóticos. Existe uma dificuldade nesse caso porque, no caso dos gêmeos univitelinos que não são criados juntos, de acordo com as interações GxA, como eles têm um padrão genético semelhante e são criados no mesmo ambiente, deveriam reagir de forma semelhantes aos mesmos estímulos ambientais, porém, não é isso que ocorre, os gêmeos monozigóticos que vivem em ambientes compartilhados (AC) tendem a buscar a diferenciação, como afirma Ridley (2003): *“Pequenas diferenças no caráter inato são exageradas pela prática, não aplainadas por ela. Isso é o que acontece entre gêmeos idênticos. Se um é mais extrovertido que outro, eles gradualmente exagerarão esta diferença”*. Os gêmeos monozigóticos que cresceram em ANC continuam com seus padrões genéticos semelhantes e por esse motivo muitos dos traços de suas personalidades se aproximam, porém, também reagem de forma distinta a determinados fatores sócio-culturais. Pode-se dizer que não há dificuldades em observar as interações GxA na natureza, por serem comportamentos que necessitam tanto de fatores sócio-culturais quanto de fatores e alterações biológicas para existirem, um exemplo claro disso é a fala humana, com o desenvolvimento da espécie humana na terra os hominídeos sentiram a necessidade de se comunicar com mais clareza, para isso desenvolveu-se através da comunicação oral, a comunicação social que proporcionou o desenvolvimento e crescimento da espécie, porém, para que essa comunicação se efetivasse foi necessário uma série de modificações anatômicas na laringe, na boca e na língua do homem para que ele se tornasse capaz de articular os sons para que fossem transformados em palavras e frases. Observa-se então uma perfeita interação de aspectos ambientais e biológicos. A observação desses fenômenos pode até parecer clara, porém, o estudo das interações GxA é muito complexo por dependerem de diversos grupos gênicos e de diferentes estímulos ambientais, ao ponto, de dificultar o aprofundamento no estudo dessas interações, pois, para cada fenômeno existirá algo que irá problematizar o seu estudo.

A psicologia diferencial em vários momentos buscar prezar por aspectos interacionista se focando nas interações e nas correlações gene-ambiente, pois, esse tipo de abordagem valoriza os dois principais fatores que proporcionam o comportamento humano, os fatores inatos e os fatores adquiridos. Porém, a efetividade desses dois fatores em estarem sempre participantes da mesma forma no comportamento humano é de difícil estudo, pois, essa efetividade depende de fatores muito complexos e diversificados, como a grande quantidade de grupos gênicos no homem e a variabilidade de estímulos ambientais nos quais as pessoas estão expostas. Então, a abordagem interacionista dentro da psicologia diferencial por muitas vezes pode ser criticada, pois a aplicabilidade dessa abordagem pode diferir de acordo com os comportamentos estudados.

Considerações sobre a teoria dos traços na análise da personalidade

Participante 9 - Ensaio 1

Introdução:

Datam da Grécia antiga as formulações de pensamento acerca do que cada um tem em comum com os outros e o que há de dessemelhante. Conforme Carmo Pereira (2000): Galeno (primeira tipologia do temperamento); Immanuel Kant (“Anthropolgy”); Carl Gustav Jung (extroversão, introversão); Strelau (“o temperamento se refere a traços básicos”...). Só para citar alguns pensamentos que se envolvem com o tema ao longo da História. Hoje temos diversas teorias, por assim dizer, da personalidade, que variam de acordo com os métodos de abordagem e o ângulo de visão do objeto em estudo. Sejam elas dinâmica, da aprendizagem para seu entendimento.

Este trabalho gira em torno da Teoria dos Traços, mais especificamente a linha do “Big Five” – “Os cinco Grandes” – que se resume em cinco fatores gerais - Neuroticismo, ou instabilidade emocional; extroversão, ou sociabilidade; Cordialidade, ou empaia; Responsabilidade, ou senso de dever e finalmente Abertura à experiência, ou liberdade – que permeiam todos os indivíduos, em algum nível, através de seis diferentes facetas de expressão de cada fator. Observe o quadro abaixo:

F FATORES	N NEUROTICISMO	EXTR EXTROVERSÃO	CARDI CORDIALIDADE	RESPONSAB RESPONSABILIDADE	ABE ABERTURA
Facetas: 1)	Ansiedade	Acolhimento	Confiança	Competência	Fantasia
2)	Agressividade	Gregarismo	Retidão	Ordem	Estética
3)					
4)					
5)					
6)					

A teoria dos cinco fatores depende a predominância de características pessoais, independente do ambiente onde se esta inserido. Os traços ou características de personalidade são inerentes ao seres humanos e os acompanha do nascimento à morte. Sua característica principal é o uso dos fatores e facetas como uma taxonomia do temperamento humano. Através de testes autoavaliativos e heteroavaliativos atribui-se valores numéricos a um *continuum*, contido em cada faceta, fornecendo assim um “mapa” quantitativo do que seria o temperamento do indivíduo.

...Os traços não são apenas disposições duradouras, eles permeiam quase que todos os aspectos da vida... propondo que os traços de personalidade são estruturalmente isolados das influências do ambiente... são tendências psicológicas básicas que tem fundamento biológico. (Mendoza , 2006, p. 212 e 214)

Diferentemente da teoria dos traços, as abordagens psicodinâmica, social e cognitiva encaram a construção da personalidade, predominantemente, a partir da experimentação do meio, seja através de interações interpessoais e/ou culturais e também desacreditam numa “tabela de tipos de personalidades”.

...a maioria dos teóricos clássicos da personalidade, basearam suas teorias em observações de pacientes que eles trataram, tentando construir um modelo de personalidade aplicável a todas as pessoas. Avançaram de um caso individual para um modo geral. Os psicólogos que estudam os traços podem assumir uma abordagem diferente. Eles começam com observações sobre pessoas em geral e tentam criar um modelo que se possa aplicar a indivíduos. (Mendoza 2006, p. 214).

Mesmo sendo presente e bastante atuante, a Teoria atuante, a Teoria dos Traços não tem tido muita aceitação no meio acadêmico, principalmente por ser apenas descritiva, faltando-lhe o elemento determinista, muito valorizado entre cientistas. Entretanto a perspectiva do inato tem se mostrado promissora na fundamentação de seus constructos.

Vale ressaltar que, de acordo com a conceituação de Strelau (Carmo Pereira, 200, p.98) temperamento e personalidade, apesar de correlatos, podem ser encarados:

- De forma distinta;
- Como sinônimos, ou
- Temperamento como um aspecto do complexo personalidade.

Neste trabalho, entenda o termo no último sentido citado.

Uma utilidade para a teoria

De fato, a teoria dos traços não tem métodos para obtenção de cura para distúrbios de personalidade. Seu foco tem se mantido em descrever, medir e prever tendências de comportamentos e desse modo fornecer informações que podem ser úteis a profissionais dessas áreas. Segundo Mendoza (2006): “as generalizações resultantes poderão, portanto, ser usadas como base para que se faça a seleção entre as teorias, ou para que se criem novas” (p.205), e ainda: “porém em muitos aspectos a psicologia dos traços não é apenas uma alternativa, mas pode ser também um comportamento de outras abordagens teóricas” (p.204).

Ainda conforme Mendoza (2006), um mapa da personalidade de cada indivíduo pode ser muito útil na escolha de que tipo de tratamento aplicar a cada paciente, bem como garantir que sejam considerados todos os traços de personalidade do mesmo, e não apenas aqueles mais predominantes e que normalmente se põe em foco.

Mas até que ponto é possível confiar na acurácia de tais classificações, se existem aspectos da personalidade que estão além das descrições até então postuladas, pois “existem dimensões da personalidade que não estão devidamente representadas na linguagem” (Mendoza, 2006, p.223).

Líder em pesquisas

O que se destaca e é bastante observável na Teoria dos Traços é que, no que concerne às pesquisas, testes e avaliações, ela tem-se mostrado à frente das demais teorias. Sua abordagem bastante empírica lhe caracteriza de maneira mais de acordo com o método científico. “Estudos transversais, longitudinais, de caso, análises estatísticas, fatoriais, etc., são algumas das ferramentas que demonstram ter uma base científica muito mais solicitada do que os métodos projetivos privilegiados pelos teóricos da psicodinâmica” (Mendoza, 2006, p.204).

Porém, de que valem dados sem uma explicação casual de seus resultados? A teoria torna-se meramente descritiva. Além do que, o método científico adotado poderá deixar escapar determinadas variáveis (mas qual não deixa?) que possivelmente afetariam os resultados dos testes. O mapeamento de traços de personalidade por múltiplas pesquisas pode não ser suficiente, mas tem se mostrado bastante necessário para validar e dar consistência aos argumentos da teoria.

Ferramenta de predição

Como instrumento preditivo de temperamento, tem-se mostrado nitidamente promissor, pois pesquisadores americanos têm constatado inúmeras correlações entre os resultados dos testes e rendimento no trabalho, na escola e como indicador de algum transtorno psicopatológico. “Fazendo uma análise global, observa-se que o fator que mais se relaciona com o trabalho é a responsabilidade...” (Hurtz e Donovan, 2000); “Recentemente, um estudo desenvolvido na Espanha correlacionou medidas de personalidade e medidas psicopatológicas com notas mais baixas.” (Mendoza, 2006, p.239). “Em um estudo em que era avaliada a presença de transtornos mentais aos 18 anos, Krueger e colaboradores (1996) mostraram que escores altos em neuroticismo marcavam a diferença entre as pessoas sem transtornos e as que eram diagnosticadas com problemas mentais.” (Mendoza, 2006, p.238). Diante de tais informações são relevantes os resultados obtidos pela teoria e a correlação encontrada deve ser no mínimo apreciada entre profissionais de outras áreas.

Embora, segundo Mischel: “...as pessoas não agem de forma constante em todas as situações...os testes de personalidade não eram fortes fatores preditivos comportamentos em experimento de laboratórios...” e: “A ideia de que por trás de atribuição fundamental” (Mendoza, 2006, p. 203). Mas deve-se levar em conta que outras abordagens também têm limitações, mas é esta que busca por meio de vários tipos corroborar suas predições.

Conclusão

A teoria dos traços como ferramenta na escolha do tipo de tratamento a ser aplicado ao paciente até o momento só faz sentido em conjunto com outras abordagens. No que diz respeito à pesquisa, é o fator que mais afirma sua validade científica, no entanto carecendo de conclusões causais, apesar da genética comportamental vir se mostrando como sendo uma oportunidade para o preenchimento de tal lacuna. Como instrumento preditivo, seu uso em escolas e empresas pode vir ajuda no relacionamento professor/aluno, patrão/empregado na busca de uma melhor abordagem perante os indivíduos, além de, na clínica, servir de instrumento de identificação de possíveis psicopatologias, mesmo não sendo totalmente aceito por todos os psicólogos.

O simples mapeamento, ou a determinação de uma estrutura de traços, sem necessariamente inserir o indivíduo num “esquema” absolutamente inflexível comportamental, é um

avanço para a psicologia, e a análise da dinâmica de seus reposicionamentos na escala de traços é de fundamental importância para que a teoria não se torne fatalista. Por ser a única abordagem de caráter psicométrico dentre todas as teorias de personalidade, seu caráter científico se torna mais evidente. Além de ser a única que é verdadeiramente dedutiva, pois parte do geral para o específico, onde os traços são pré-determinados, cabendo ao analista apenas situar o analisando em seu devido espaço.

As discussões sobre personalidade tem se acentuado, principalmente nas últimas décadas. Os temas aqui expostos são apenas alguns elementos numa vasta área de discussão. Isto só tem a acrescentar ao entendimento que temos acerca deste tão complexo tema que é a personalidade.

Não se trata de validar ou não as teorias em voga e sim de sintetizar e correlacionar as várias abordagens sobre o assunto, contribuindo assim para o avanço da psicologia centrada na pessoa.

A Psicologia diferencial adota uma perspectiva interacionista na construção na constituição das diferenças individuais

Participante 9 - Ensaio 2

INTRODUÇÃO

Olhamos para a realidade e a diferença entre uma coisa e outra parece ser uma regra. Um dia não é igual a outro; nenhuma árvore, mesmo sendo da mesma espécie, é totalmente igual a outra e nesta, cada folha, por mais parecidas que sejam, apresentam detalhes que a fazem diferente das demais. Contexto

Com nós, seres humanos, não é diferente. Diga que uma pessoa é igual a outra e numa análise mais cuidadosa veremos surgir as diferenças, mesmo em gêmeos monozigóticos, que segundo geneticistas, são clones (pelo menos a nível de sequência de bases) há pequenas ou maiores distinções. Humanos são diferentes em muitos aspectos desde sua constituição física e metabólica até seu modo de pensar, agir e sentir. Contexto

A Psicologia, além de investigar o que é comum a todos, se interessa também pelas diferenças individuais. A Psicologia Diferencial, segundo a própria professora Selma, é o ramo desta ciência que estuda as causas e as manifestações das diferenças entre indivíduos e entre grupos de indivíduos, em outras palavras, estuda em que e porque pessoas e grupos se diferem e suas investigações se baseiam tanto em aspectos inatos quanto adquiridos. Os assuntos principais tratados pela disciplina referem-se à inteligência, distúrbios psicológicos, identidade de gênero/sexualidade e personalidade dentre outros, que se manifestam de maneira distinta em cada sujeito. Contexto

Essas diferenças ora são explicadas pelo biológico (inato), ora pela experiência com o meio (adquirido). E tanto uma como a outra abordagem podem explicar as diferenças dentro de sua própria dimensão, até, de certa forma, independente da outra, se bem que não é o caso da psicologia das diferenças já que esta considera as duas dimensões. Contexto

Compreende-se o inato como todas as características próprias do organismo do indivíduo, são os endofenótipos: genes, fisiologia, bioquímica corporal e etc., já o adquirido diz respeito ao que o indivíduo durante seu desenvolvimento absorve em aprendizagens, interações e impressões, por meio do ambiente que o cerca e das pessoas que convive. Definição. Já a posição que tem a Psicologia Diferencial é interacionista, ou seja, não se trata de adotar a perspectiva do inato ou do adquirido e sim de saber como estes dois elementos se articulam e influenciam as diferenças entre nós, mesmo dando primazia a uma delas não se deixa de lado a outra. Impasse

A seguir vamos tratar, de maneira breve, alguns tópicos de interesse da psicologia das diferenças individuais, vistos durante o semestre, quais sejam: diferenças de gênero, de inteligência e de personalidade, e debater sucintamente a respeito da abordagem interacionista nesses domínios e de seus limites.

Gênero

Para o senso comum seria de imediato crer que as diferenças de gênero são sem dúvida algo de origem estritamente biológica, já que as diferenças físicas são bem perceptíveis, além do mais, há toda uma tradição que passou de geração em geração os estereótipos masculino e feminino. Como a ciência

não se limita a intuições, seu caráter é investigativo, o que se verifica é que não apenas a biologia determina o comportamento específico de cada gênero, o fator cultural é de suma importância também, sendo que um ou outro dependendo do caso pode preponderar, mas isso não quer dizer que sejam independentes e de caráter exclusivamente determinante.

A caracterização da orientação sexual como fenômeno complexo incorre, entre outras coisas, na necessidade de rompimento com a tradicional dicotomia inato e aprendido. Assim, a perspectiva interacionista faz-se fundamental para articular os diferentes resultados existentes na literatura, possibilitando a interpretação de que, ao invés de contraditórios, estes seriam complementares. (Menezes et al, 2010, p. 246)

Os genes são responsáveis pela produção e diferenciação de hormônios entre homens e mulheres, e estes últimos influenciam de maneira direta o comportamento dos indivíduos, pelo menos no tocante a sexualidade. Por outro lado, a cultura desde cedo vai mostrando o caminho que se deve seguir se a pessoa nasce de um sexo ou de outro, seja pela educação de familiares ou influência de amigos, seja por filmes, propagandas, literatura e etc., que servem de estímulo ao comportamento. O que a natureza tem em potencial o meio viabiliza a expressão, como diz Mayers (2006, p.80).

No entanto levando em conta a ideia de Menezes e colaboradores (2010, p. 246): "... a possibilidade da espécie humana não ter evoluído com uma orientação sexual pré-definida, mas com seus membros sendo aptos a múltiplas estimulações sexuais que possibilitariam, como subproduto, o desenvolvimento tanto da hetero quanto da homossexualidade."; estaremos aptos a crer que, o que consideramos diferente entre o comportamento de homens e mulheres nada mais é do que fruto da cultura. Todavia experimentos com primatas mostram que macacos preferem brinquedos típicos de meninos, enquanto macacas o contrário, o que leva a pensar na primazia do biológico em detrimento do cultural, já que são puramente instintuais. Mas vale lembrar que os humanos são mais peculiares e complexos do que qualquer outra espécie no planeta.

Inteligência

A inteligência é outra característica a qual se expressa de maneira distinta entre nós e é de difícil conceituação. Concerne à capacidade de raciocinar, de resolver problemas, de pensar de maneira desprendida, e etc., mas não apenas isso, já que outras abordagens a consideram de expressão múltipla, como as propostas de Gardner ou de Goleman por exemplo. No contexto das linhas que se seguem a primeira é mais adequada, ou seja, a de sentido mais mental. Muitos cientistas se preocupam não apenas em defini-la, mas também em propor métodos de classificação e medição, como são os já tão conhecidos testes de QI.

O que se tende a adotar é que a inteligência é fruto do meio e das oportunidades oferecidas. Se perguntarmos às pessoas sobre o porquê da intelectualidade, normalmente responderão que é fruto de educação. E de fato, se observarmos, é mais natural que crianças de escola melhor preparada tendam a apresentar testes de QI mais elevados do que indivíduos de uma escola menos eficiente. Crianças que têm pais formados ou dados a atividades intelectuais e desde cedo são incentivadas a exercitar a inteligência de raciocínio ou outro tipo de inteligência, normalmente se tornam mais competentes cognitivamente (normalmente filhos se espelham nos pais e estes passam seus valores aos filhos). Partindo dessas premissas é natural concluir que o fator inteligência é fundamentalmente adquirido e as diferenças entre as pessoas se devem às maneiras distintas com que são educadas e às experiências pelas quais passam.

Não obstante, pesquisas estatísticas de caráter correlacional vêm trazendo dados que levam a crer (e muitos já creem) na possibilidade da inteligência comportar elementos genéticos, que por sua vez representariam, em torno de 50% da capacidade cognitiva. Estudos com gêmeos, com pais e filhos e com adotados mostram-se contribuintes para essa percepção. Além do tão polêmico livro *The Bell Curve*, que expõe muitas evidências neste sentido (genes e inteligência). E é claro que genes por si só não determinariam a inteligência, já que é o meio que ela pode ser observada de fato, ele contribuiria com sua parte mostrando procedimentos e possibilitando experiências. O trecho que segue exemplifica a ideia de interação e do peso da genética na intelectualidade.

A inteligência é o produto conjunto de fatores genéticos e ambientais. A influência genética sobre a inteligência é menor em crianças (45%) do que em adultos (75%). À medida que as crianças vão crescendo, as diferenças de escore nos testes tendem a refletir, cada vez mais, diferenças no genótipo e na experiência vital individual, diminuindo o peso das diferenças que separam as famílias nas quais foram criadas. (Carmen Flores-Mendoza, Roberto Colom&cols., 2006, p. 69).

Personalidade

Natureza e ambiente também caminham juntos para a formação do que chamamos de personalidade. De um lado temos todo um acervo genético herdado de nossos pais e ancestrais, que constitui basicamente nosso “eu” biológico; de outro há um “outro eu”, que é sociocultural, compreendendo a educação recebida e as experiências ambientais.

Antes de continuar essa discussão, vale aqui esclarecer, o que é que se está querendo que se entenda por personalidade, talvez não seja a forma mais correta e geral de ser abordada, mas serve para os objetivos aqui pautados:

Apalavra "personalidade" diz respeito aos padrões de comportamento, de atitudes e de emoções que são típicas de um determinado indivíduo. Os traços ou características de personalidade diferem de um indivíduo para outro, mas apresentam alguma constância em uma pessoa, em diferentes contextos, bem como alguma estabilidade com o passar do tempo. (Carmen Flores-Mendoza, Roberto Colom & cols., 2006, p. 300).

Dito isto vale a reflexão da Psicologia Diferencial acerca de como são constituídas as diferenças de personalidade. A interação gene meio parece a melhor alternativa para explicar como nos constituímos e nos diferenciamos como pessoa, se isolarmos um desses fatores a reflexão estará incompleta. Quando nascemos trazemos predisposições biológicas de caráter temperamental, que influenciam como o meio irá nos tratar, se há uma criança que é agressiva, apática ou triste e outra que é mais dócil, simpática ou extrovertida, dificilmente o tratamento igual para ambas será mesmo. Neste sentido a cultura vai moldando o que a natureza predispõe, a exemplo do que citou Mayers:

“Logo desde a concepção, nós somos o produto de uma cascata de **interações** entre nossas predisposições genéticas e nosso meio ambiente. Nossos genes afetam o modo como as pessoas reagem a nós e nos influenciam. Aparências biológicas têm consequências sociais. Perguntar se os genes ou as experiências são mais importantes é, portanto, como perguntar se o motor ou o volante é mais importante para dirigir um carro. Então esqueça a dualidade natureza *versus* educação; pense em educação *via* natureza”. (Mayers, 2006,p.80). (+)

Diante do supracitado é natural que concebamos que a psicologia diferencial se pauta de maneira equilibrada na consideração gene ambiente, no entanto, diante da literatura a cerca do assunto, não se tem evidências suficientes que mostrem de fato como se dá essa “relação equilibrada”. E o que se nota é uma maior relevância dada aos fatores genéticos de forma que os fatores ambientais *de uma certa forma* se subordinam àqueles. Leia os trechos abaixo.

As pessoas produzem seus próprios ambientes porque são geneticamente diferentes; são seus genótipos que as levam a escolher certos ambientes (por exemplo, amigos estudiosos), e isso leva outras a reagirem a elas de formas diferentes (por exemplo, comprando-lhes livros ou as levando a museus). (Carmen Flores ·Mendoza, Roberto Colom & cols., 2006, p. 316).

Os genes influenciam praticamente todas as escolhas que as pessoas fazem na vida e os resultados dessas escolhas: se se casam e se seus casamentos são bem-sucedidos, qual carreira escolhem e que desempenho têm nela, se têm tendência a sofrer acidentes e assim por diante. (Carmen Flores-Mendoza, Roberto Colom& cols., 2006, p. 317).

E ainda, Mendoza (2006, p. 319), cita: “As pessoas tendem a pensar que qualquer experiência, seja ela boa ou ruim, terá marcados efeitos em suas personalidades, mas a pesquisa psicológica não confirma essa suposição.”

Considerações

A psicologia diferencial em nenhum momento toma uma perspectiva unilateral. Sua abordagem é interacionista, ou seja avalia as medidas tanto inatas quanto adquiridas e reflete como esses fatores se correlacionam e moldam as diferenças entre os indivíduos. O objeto de estudo desta disciplina é nada simples, e parece ser ainda mais difícil elaborar métodos e pesquisas que corroborem a interrelação entre o inato e o adquirido.

Na construção da identidade de gênero o biológico, por sermos animais, tem um peso enorme e muitas vezes esquecemos o papel cultural neste tema, sendo que está é que mostra o padrão de comportamento de homens e mulheres, mas no biológico é que está o potencial. No desenvolvimento da inteligência muitas pesquisas correlativas têm mostrado forte relação entre hereditariedade e resultados em testes de inteligência, o que não exclui, é claro, o papel de que tipo de experiência passa o indivíduo. Na formação da personalidade, muito comum é pensar que esta se constitui a partir do meio que se vive, mas muitos estudos têm trazido que os genes atuam sobremaneira na construção da mesma.

Apesar da psicologia diferencial levantar a bandeira do interacionismo e este, de algum modo ser seu foco, falta-lhe mais elementos que possam dar apoio a esta postura de interação, como pesquisas, testes e quem sabe até experimentos. Que há interação é indubitável, resta saber como é essa interação e a que leis está sujeita. Os avanços das pesquisas genéticas têm se mostrado bastante promissores nesta busca, mas não se deve esquecer que para uma atitude interacionista deve-se dar igual atenção aos quesitos ambientais.

Saber em que e porque somos diferentes é tão importante e fascinante quanto conhecer em que e porque somos iguais. Somos iguais porque somos da mesma espécie e compartilhamos mais de 99% de nossos genes. Somos diferentes, adotando uma lei da física, porque não podemos ocupar o mesmo lugar e tempo no espaço.

“Quais são as vantagens e os limites de estudar a personalidade a partir da teoria dos traços”

Participante 18 – Ensaio 1

O estudo da personalidade na psicologia é denominado pela teoria dos traços tendo suas bases explicativas no inato e no ambiente. O objeto deste trabalho é tratar as diferenças, vantagens e os limites de estudar a personalidade em diversas abordagens teóricas a partir da teoria dos traços, levando em conta que a personalidade é constituída por tendências determinantes que desempenham um papel ativo no comportamento do indivíduo.

Maddi (1980) afirma que “as teorias da personalidade têm dois componentes: um central, que explica como a personalidade funciona no indivíduo, e um periférico, que especifica como as variações no núcleo são expressas em diferentes individuais. Assim a teoria dos traços podem abranger varias vertentes com a dos “Cincos Grandes” modelos que serão explicados e exemplificados.

Ainda nesse ensaio discutirei a origem da teoria dos traços relacionados com a sua importância na definição da personalidade. E por fim explicarei um pouco as facetas e alguns termos de diferenças individuais entre a personalidade e o temperamento.

Ao longo do tempo, os psicólogos que estudavam a personalidade e tiveram diversas variedades de diferenças individuais que indicavam outras diferenças no desenvolvimento ou na execução de processos de personalidade. Desenvolveram-se escalas para medir esses traços, que assim puderam ser usados para avaliar a teoria. Temos vantagens nessa abordagem, pois os traços são interpretados em termos de mecanismos psicológicos, os quais, em princípio, talvez poderiam levar a intervenções.

Os traços que provêm das teorias dinâmicas da personalidade, têm bases teóricas e um caminho possível a mudança. No entanto esses embasamentos podem ter erros, pois varias teorias

diferentes podem apresentar explicações conflituosas e controversas para a mesma variável de diferença individual. Algumas teorias vão tentar explicar por que algumas das pessoas são muito ansiosas e outras não, pois não se sabe qual a explicação das bases teóricas se elas estão certas ou erradas.

O problema está em achar uma forma de encaixar todos os traços da personalidade e ter certeza de que nenhum traço tenha sido esquecido ou ignorado.

Existem varias teorias de como se configura a nossa personalidade, para avaliar os traços básicos da personalidade, devemos nos direcionar aos “Cinco Grandes” modelos dominantes na atualidade. São eles e alguns das características:

1. Neuroticismo (N)

Tendem à hipersensibilidade emocional e têm dificuldades para voltar à normalidade após experiências emocionais forte.

2. Extroversão (E)

Gostam de lugares com muita gente, como festas lotadas. Geralmente têm muitos amigos, com os quais gostam de conversar o tempo todo.

3. Abertura à Experiência (A)

Definem a si mesmo como liberais, criativas e tolerantes. Tendem a ter fantasias e emoções e sentimentos “não-ortodoxos”.

4. Cordialidade (C)

Preocupam-se com suas atividades e com seu bem-estar. Tendem a ser confiantes. Percebe e interpreta adequadamente tanto as próprias emoções quanto as dos outros.

5. Responsabilidade (R)

São metódicos e reflexivos. Pensam bastante nas coisas antes de tomar uma decisão e gostam de ter tudo planejado. Respeitam as normas sociais e, em geral, as obrigações contraídas.

O principal motivo da predominância do modelo dos “Cincos Grandes” é a sua replicabilidade. Existem três tipos de evidencias que validam não só o modelo, mas os traços de personalidade num tudo, por que:

1. Os traços de personalidade são universais e não dependem da cultura.
2. Os traços de personalidade não dependem do instrumentos utilizado.
3. Os traços de personalidade não dependem da pessoa que é avaliada.

Sendo assim, os traços de personalidade demonstram sua eficácia em todos os contextos de trabalho dos psicólogos.

A origem dos traços

Os traços de personalidade têm influencias importantes em nossas vidas e experiências, o termo experiência vem mencionar as nossas descobertas, - mas são iguais também no grau de importância como determinante do comportamento de cada um.

Muitos estudos demonstram os efeitos grandiosos que os traços têm na vida das pessoas.

Essa questão que diz respeito a origem das diferenças individuais, do por que, que às pessoas tem reações e sensações diferentes, tem como uma suposição de que o ambiente é fundamental para formação e maturação da personalidade e a psicopatologia das pessoas, porém existem estudos da genética comportamental que fornecem indícios poderosos, mas indiretos dos efeitos dos genes sobre os traços.

Pesquisadores de todas as partes do mundo têm tentado estimar a hereditariedade dos traços, onde que ponto eles são definidos pelos genes. Atualmente há uma curiosidade na genética molecular da personalidade, com estudos publicados e planos de varredura completa de genoma de populações selecionadas, Contudo os avanços nessa área tendem a ser lentos.

“Se os traços não são definidos pela experiência, de onde ele vêm? A resposta óbvia ao adquirido é o inato”. (McCrae et al, 2000).

Segundo a FFT (teoria dos cinco fatores), os traços são conceitos psicológicos básicos que são baseados em perspectivas biológicas, porém a FFT diz apenas que devemos buscar e reconhecer as causas dos traços na biologia e não no ambiente.

Os traços de personalidade ajudam a definir como interpretamos o nosso ambiente e respondemos a ele. É por isso que as pessoas compartilham entre si a cultura, pois também diferem em pensamentos, em sentimentos e em comportamento.

Sendo assim podemos dizer que a personalidade é o sistema no qual as tendências inatas das pessoas interagem com o ambiente social para gerar ações e as experiências de uma vida individual.

Diferenças individuais: Temperamento e Personalidade.

Temperamento e personalidade muitas vezes se confundem e são quase sempre interpretados da mesma maneira, contudo a grandes diferenças ente um e outro.

Para Streau (apud Hofstee, 1991) existem três maneiras pelas quais temperamento e personalidade se relacionam-se nas diferentes abordagens. Teóricas:

1. Temperamento pode ser considerado um dos elementos da personalidade.
2. Pode ser considerado sinônimo de personalidade. Ou
3. Um fenômeno não pertencente a personalidade.

Este mesmo autor ainda faz de diferença entre temperamento e personalidade onde afirma que, “o temperamento é biologicamente determinado e a personalidade é um produto de ambiente social; os traços temperamentais podem ser identificados desde cedo na criança. E a personalidade é compartilhada em período posteriores do desenvolvimento; diferenças individuais nos traços de temperamento, como ansiedade, extroversão, introversão e busca de estimulação, são também observadas em animais, enquanto a personalidade é prerrogativa do humano; o temperamento apresenta aspectos estilísticos, se referindo a características formais de comportamento, já a personalidade contem aspecto relativos a conteúdos do comportamento; ao contrario de temperamento, que se refere principalmente a traços ou mecanismo, a personalidade está relacionada ao funcionamento integrativo do comportamento humano.” (Strelau, 1998).

Ou seja para Streau a personalidade é um conceito mais vasto, mais amplo que o de temperamento, que incluiria o próprio temperamento no contexto de sua definição.

“O temperamento influencia o desenvolvimento psicológico, ele é o resultado de interação entre temperamento, outras características do individuo e o ambiente social”. (Streau e Angleitner, 1991).

Nesse contexto o termo temperamento apresenta-se com um índice importante para o tratamento de bagunças psicológicas e problemas psicossociais e, principalmente, para ações de prevenção.

As facetas estão na construção da nossa estrutura da personalidade. Contudo, as dimensões fundamentais são os cinco traços principais e, por isso, eles são chamados temperamentais, pois possuem uma clara base bologica e são mais baseadas na explicação do nosso comportamento. Mas há contraposição, as facetas têm uma importância menor, sendo assim não são considerados fatores essenciais da nossa personalidade. Onde cada faceta representa um fator primário do traço desejado e todas as facetas de cada traço estão ligadas uma a outra, ou seja, entre si.

Sendo assim temos alguns termos de vantagens, desvantagens e limites de como relacionar a personalidade em conjunto com as teorias dos traços, as suas facetas que são predominantemente fundamentais, para o estudo da personalidade. Relatei a importância do modelo dos “Cinco Grandes”, em conjunto com um pouco da sua origem e a co-relação entre as diferenças individuais de personalidade e temperamento tanto num aspecto biológicos, tanto num aspecto ambiental.

“Pode-se afirmar que a psicologia diferencial adota uma perspectiva interacionista sobre o debate inato-adquirido?”

Participante 18 – Ensaio 2

Introdução

Não é de hoje que se discute sobre as características individuais dos seres humanos e como nos comportamos. A sempre uma dúvida há saber se somos produtos de ambiente ou se somos apenas fruto do nosso genoma. Contexto

Contudo sabe-se também que existe um meio termo, onde somos uma mistura do biológico e do social. Um ramo da psicologia vem sendo bastante explorada, tentando achar possíveis respostas para as tais diferenciações humanas. Esse novo âmbito é a “Psicologia Diferencial”, o seu nome foi proposto em 1900, pelo filósofo e psicólogo alemão William Stern (1871-1937), fundador da primeira revista sobre Psicologia Aplicada (1906). Contexto

Os objetivos fundamentais desse ramo da psicologia é estudar o comportamento humano, os processos mentais e procurar as causas e compreensão das conseqüências das diferenças psicológicas entre cada um de nós.

O intuito desse ensaio é relatar sobre uma perspectiva interacionista da psicologia diferencial, num aspecto inato-adquirido, mostrando se a mesma afirma adotar essa posição. Impasse

Esse ensaio vai mostrar a sua posição no contexto do comportamento, na personalidade e na inteligência, tentando colocar a postura inata, a postura adquirida e a interação entre as duas variáveis. Lembrando que o inato é tudo aquilo que já vem embutido na minha cognição ou na minha genética e o adquirido se refere a tudo aquilo que eu aprender no meio social e cultural. Definição.

Desenvolvimento

Comportamento numa visão Inato-Adquirido

Todo comportamento pode ser questionado levando em consideração as bases inatas e adquiridas. Os defensores da prevalência dessas características de comportamento são baseadas e fundamentadas em estudos de pesquisas no ramo da biologia e no ramo social.

A diferenciação de gênero (masculino e feminino) é bastante visível, como por exemplo, as meninas tendem a ter um comportamento calmo, delicado, organizado, enquanto os meninos tendem, a serem imperativos, corajosos, bravos, competitivos, etc.

Adotando uma perspectiva inata homens e mulheres são diferentes, pois têm diferenças de estruturas orgânicas, genéticas e hormonais que são responsáveis por ditar alguns aspectos do desenvolvimento comportamental. A hereditariedade, ou seja, nossa carga genética (gene), que trazemos dos nossos pais são fatores primordiais para um determinado comportamento, pois temos uma predisposição no DNA, segundo a teoria evolucionista, da seleção natural de Darwin. (-)

“A hereditariedade abrange todas as influencias transmitidas dos pais às células do sexo, que se fundem para formar o broto. O que as pessoas herdaram continua a predispor-las e a estimuladas por toda a vida, porque o código hereditário atua enquanto existe vida. A hereditariedade é um processo, no decurso de cujo desenvolvimento emergem os traços genéticos” afirma (Pikunas, 1979, p.60-61).

Os geneticistas do comportamento examinam intensamente as diferenças entre os seres, nos seus estudos usam com freqüência casos de gêmeos e casos de adoção. Existem alguns critérios da genética do comportamento para identificar um comportamento não-aprendido são eles: a universalidade, a seqüencialidade e a adaptabilidade. Um exemplo da junção desses três fatores é a locomoção bípede, pois apresenta universalidade, uma vez que este comportamento se encontra presente em todos os indivíduos da espécie. Também apresenta seqüencialidade, pois é composto de várias etapas, indo desde o rastejar, passando pelo engatinhar, evoluindo para os passos e a locomoção independente. Finalmente, apresenta adaptabilidade, uma vez que é a resposta, em termos locomotores, à presença de uma coluna vertebral diferenciada (com curvatura lombar).

Em geral os comportamentos não aprendidos podem ser classificados em três tipos, o primeiro é o tropismo (o qual implica uma falta de controle sobre os movimentos), o segundo é o reflexo e o terceiro é o instinto.

Contudo se adotando uma perspectiva adquirida, para o comportamento aprendido (que é aquele observado a partir do que o organismos, faz quando aprende algo, ou do que faz quando confrontado com novas situações) veremos, que o meio social interfere significativamente para a formação do comportamento.

Desde crianças somos influenciados por nossos pais, como por exemplo, meninas tendem a copiar aspectos da mãe e os meninos tendem a aspectos do pai, essa correlação acaba moldando a concepção da criança. Onde a menina aprende que não deve ser bruta e o menino aprende a que não deve ser sensível, porque no seu meio sócio-cultural, esse comportamento não é tão aceitado, pois não é característica daquele gênero ser assim.

Esse tipo de comportamento é baseado numa construção social, onde a educação, o local em que se mora, a linguagem, enfim todo um meio físico estabelece regras para convívio e aceitação dos indivíduos numa sociedade.

“O meio em que a pessoa vive é tanto físico quanto social. Os vários fatores físicos - por exemplo, clima, localização em um subúrbio descampado ou num bairro congestionado da cidade, o tamanho e a conveniência do lar – continuamente afetam a criança de inúmeras maneiras”. Afirma (Pikunas, 1979, p 65).

O desenvolvimento humano não pode ser estudado pelas formas estáticas do ser, uma situação clara de tipo de comportamento é observável a partir do estudo de condicionamento, o qual demonstra que as respostas observadas são influenciadas, pelo prazer obtido a partir do contato com estímulo.

Não há prova demonstrativa que o genético, prevaleça, mas um fator que para formar nosso desenvolvimento crucial, é a cultura.

“Cultura são idéias, atitudes, tradições e comportamentos compartilhados por um grupo grande de pessoas, transmitida de uma geração para outra” (Brislin, 1988).

No olhar de uma perspectiva interacionista é considerado que, tanto o comportamento inato e o comportamento adquirido, são responsáveis por nos influenciar em todos os aspectos.

Somos uma mistura do inato e do adquirido que chamamos de comportamento bio-socio-cultural, um exemplo disso é a nossa fala, pois já nascemos com nossas estruturas vocais (biológico), mas só conseguimos reproduzir a linguagem se tivermos contato com o meio (social), que nos incentive.

Personalidade numa visão Inato-Adquirido

A personalidade é um sistema (de pluralidade e integração) no qual interferem tendências inatas e adquiridas, onde produzem ações e experiências (que não são características estáticas, ou seja, são dinâmicas e relativamente estáveis), de uma vida individual.

A personalidade é um comportamento que diferencia uma pessoa da outra, e para estudá-las existem varias teorias, a teoria da psicodinâmica (ex.: Freud), a teoria da aprendizagem social (ex.: Bandura), a teoria humanista (ex.: Rogers) e a teoria dos traços. Essa ultima se baseia na teoria dos 5 fatores, a qual postula cinco dimensões como traços de temperamento. A personalidade pode ser muitas vezes confundida com temperamento, mas lembrando são completamente diferentes.

“O temperamento se refere a traços básico, relativamente estáveis, expressos principalmente nas características formais de reações e características formais de reações e comportamento. Estes traços estariam presentes desde o inicio da vida na criança. Primeiramente determinado por mecanismos de origem biológica, o temperamento estaria sujeito a mudanças causadas pela maturação e pela interação individuo-genótipo específico-ambiente” (Strelau, 1998, p. 165).

Adotando uma perspectiva inata para a personalidade, percebemos que nesse aspecto ela pouco difundida. Porém um primo de Darwin, Francis Galton compreendeu que a personalidade e a inteligência devem ser influenciadas por vários genes, pois quanto mais próxima a relação genética de duas pessoas, maior deve ser a semelhança entre elas. A genética comportamental se baseia nesse principio.

Fatores genéticos e/ou constitucionais, a atuação decisiva do ambiente poder alterar o curso do desenvolvimento do indivíduo. Os genes, neste caso, são herdados como possibilidades de se tornarem ou não determinantes de características na personalidade, dependendo do tipo de atuação ambiental.

A combinação específica de alelos de uma determinada pessoa representa o seu genótipo. As diferenças entre os genótipos são as fontes genéticas potenciais de diferenças individuais observadas em traços da personalidade. Sendo assim a herdabilidade é considerável para a teoria dos traços.

Mas numa perspectiva adquirida, a influencia do ambiente é primordial e o mais importante, pois pode alterar os cursos do desenvolvimento do individuo.

Pode-se considerar o personalidade como um produto do meio social, porque é através de sua interação com o meio que o individuo pode formular suas opiniões, fazer suas escolhas e ter sua postura de encontro a elas, e é exatamente nisso que as pessoas diferem, cada um tem a sua experiência com o meio, e por mais que se assemelhem, a compreensão dos fatos é totalmente individual.

Se adotarmos uma correlação e interação entre o genético e ambiental, encontraremos três tipos de correlação a passiva (é uma mistura da correlação ativa e reativa), onde os pais agem com as crianças de acordo com suas próprias predisposições genéticas. A correlação reativa, quando os pais ou as pessoas em geral agem com a criança parcialmente em função de características genéticas da criança

(as pessoas escolhem pela criança). E a correlação ativa, que é quando a criança passa a escolher seu ambiente a partir de suas próprias predisposição (a criança passa a ser seletiva).

A correlação não diz causa e efeito, apenas indicam que as variáveis (inato e ambiente) andam juntos, e a perspectiva interacionista da psicologia diferencial apóia essa junção das variáveis.

Inteligência numa visão Inato-Adquirido

Pode-se definir inteligência como a capacidade mental muito geral que permite raciocinar, planejar, resolver problemas, pensar de maneira abstrata, compreender idéias complexas e aprender.

A inteligência esta ligada a três capacidades são elas a capacidade de adaptação ao meio, capacidade de pensar abstratamente e a capacidade de aprender, todas eles estão interligados, constituindo diferentes aspectos da inteligência.

Numa visão da perspectiva interacionista da psicologia diferencial a inteligência é um entrelaçamento do inato e do ambiente, onde pode envolver todo um processo cognitivo (inato) envolvendo o fator G (que pressupõe que todas as habilidades mentais), como também pode envolver uma influencia social (adquirido), que nos faça aprender com o meio em interação com o mundo externo.

Numa visão inata os seres humanos, nascem com suas constituições orgânicas neurais predispostas, a memória, a percepção, a atenção, etc.

Numa visão adquirida á educação, a cultura do meio social, nos manipula, então somos produtos que aprendemos do ambiente em que vivemos.

Piaget dizia que “O sujeito constrói os seus conhecimentos pelas suas próprias ações; o objeto age sobre o sujeito e o sujeito age sobre o objeto.” Como isso se relaciona com o que vem dizendo atrás.

Conceituar a inteligência significa delimitar suas fronteiras, identificar suas características e diferenciá-las das demais funções mentais envolvidas nos processos cognitivos, como a memória, a atenção (a capacidade de manter ou desviar a atenção), a consciência, a percepção, o juízo, etc.. Além destas, outras funções mentais ainda pouco estudadas também podem estar envolvidas no processo cognitivo.

A inteligência emocional (percepção, adaptação, regulação e conhecimento, todas essas facetas relacionadas as emoções) é um exemplo da junção do inato-ambiente, onde fatores externos interferem fatores internos e vise-versa.

Conclusão

Este ensaio relatou sobre a perspectiva interacionista da psicologia diferencial, nos âmbitos do comportamento, da personalidade e da inteligência, tentando responder de forma explicativa a sua posição adota num debate inato-adquirido.

Pode-se compreender que a psicologia diferencial adota sim essa interação (inato-adquirido), de modo que o comportamento é totalmente influenciado pelas duas variáveis, chegando a ponto de não se saber a que ponto começa uma e termina a outra, tanto o ambiente com seus fatores sócios culturais, quanto o biológico com seus fatores genéticos hereditários.

Compreendeu-se também que a personalidade de uma pessoa é formada pela sua herdabilidade genética em interação intensa com o ambiente, onde há varias teorias, mais apenas uma foi focada a “teoria dos traços”, onde a mesma postula cinco dimensões comuns entre os indivíduos, criada para tentar entender como o núcleo da personalidade funciona. Ainda falando da personalidade se relatou as correlações (passivas, reativas e ativas) ente ambiente-gene, a qual baseia-se nas interações das crianças com seus pais e das pessoas, na construção da sua personalidade.

E por fim relatou-se sobre a inteligência, colocando seus pontos cognitivos e os pontos de interação ambiental, deixando bem claro que um se fundamenta no outro, e que conceituar inteligência significa delimitar suas vertentes, e há também uma citação sobre a inteligência emocional, como uma junção das vertentes inato-adquirido, mostrando a importância de regular a vida dos seres humanos.

Sendo assim pode-se analisar que as diferenças são claras nos indivíduos e que a psicologia diferencial adota um perspectiva interacionista, com o intuito de tentar entender e compreender o comportamento diferenciado de cada um, levando em consideração todas as vertentes possíveis, do inato-adquirido.

Ficha de correção

Feedback Primeira Avaliação Psicologia Diferencial

Nome: _____ Data Revisão: _____

Introdução (2,5)	
Critério	Pontuação
4. Apresenta o impasse ou tema de debate	
5. Contexto	
6. Detalhes conceituais envolvidos na sua definição	
Desenvolvimento do Conteúdo (4,0)	
Critério	Pontuação
5. Mínimo de três argumentos (3 + e 3 -) que sustentam os diferentes posicionamentos em torno ao tema de debate.	
6. Texto coeso com ou sem uso de conectivos Coerência	
7. Utilização de discurso direto (paráfrases ou cita de mais)	
8. Utilização de citação de fontes como apoio na construção do argumento	
Conclusão (2,5)	
Critério	Pontuação
3. Retoma os posicionamentos desenvolvidos no percurso do ensaio	
4. Fecha a Linha de Raciocínio	
Aspectos de forma (1,0)	
Critério	Pontuação
3. Papel: formato A4. Fonte: corpo 12 (Arial). Espaçamento 1,5. Texto justificado. Margens: 2,5 a cada lado. Paginação. Extensão máxima de 6 páginas, sem incluir referencias Folha de rosto.	
4. Seção de referencias que incluía todas as fontes citadas no corpo do documento Tanto as citas quanto sua lista de referencias deve seguir o formato estabelecido pela APA	
Pontuação Total	

Nota do Ensaio (Peso 7) : _____

Nota das Atividades (Peso 3): _____

NOTA DA PRIMEIRA AVALIAÇÃO (ENSAIO+ATIVIDADES): _____

